

Carlinhos da Malvina: Algumas Histórias



Autor: Carlos Antunes de Souza

CARLINHOS DA MALVINA, UM BOM VIVANT NA SUA PRÓPRIA
DEFINIÇÃO: MÚSICA, TEATRO, CINEMA E LITERATURA

16 de janeiro de 2021

Sumário

Introdução	5
1 Música: Jazz , Blues, MPB etc	7
1.1 Música internacional	7
1.2 Música Brasileira	17
1.3 Casas noturnas de Sorocaba	42
1.4 Outros points em Sorocaba	44
2 Teatro & Cinema - Grandes Emoções	49
2.1 Teatro	49
2.2 O Mundo do Cinema	50
3 Literatura e Outros Escritos	61
3.1 A fogueira das vaidades	61
3.2 Frases epistolares	62
3.3 Textos garimpados aleatoriamente	65

Introdução

Muito bem: não tenho a menor pretensão de arrastar seguidores então vou escrevendo e mudando de assunto sem preocupação com a ordem cronológica ou um roteiro estudado ou pré estabelecido. A ideia é fazer apenas um registro de todas as experiências boas que vivi, assisti ou presenciei. Como já vivi bastante e pretendo viver muito mais, vou ter muita história para contar. Em matéria de viver eu quero dar VDO como se dizia no tempo do fusca que só marcava 120 km/h e depois embaixo estava escrito VDO que seria 140 ou 150 km/h.

Veja que este não é um livro de História no sentido científico da palavra e, portanto, está sujeito as traições da minha memória. Sinta-se a vontade para nos comunicar algum deslize ou falha nas nossas recordações.

Então, como dizia o bordão do contador de histórias do Castelo Rá-tim-bum, na TV Cultura, sinta que lá vem história!

Capítulo 1

Música: Jazz , Blues, MPB etc

Uma das minhas paixões na música além da MPB, do Sertanejo Raiz e por alguns clássicos é pelo blues e jazz. Tive na vida algumas surpresas musicais que muito me marcaram.

1.1 Música internacional

1.1.1 Ray Charles no Brasil

Nos idos dos ano 60, com idade aproximada de 18 anos fui visitar meu irmão Salvador que morava em São Paulo no bairro da Liberdade imediações da Av. Conselheiro Furtado e Rua Sinimbu numa pensão. Nessa época eu trabalhava na empresa Matarazzo em Salto de Pirapora e separava algum dinheiro todos os meses para curtir as férias em São Paulo. O Salvador dizia que ele não conhecia a maioria dos lugares e eventos que aconteciam na cidade e só passou a conhecer quando eu ia para lá e literalmente o arrastava para tais eventos: O famoso inferninho Atlântico num sub solo da Avenida Ipiranga com seu balcão comprido ovalado, Salão do Automóvel e Fenit no Parque Anhembi, Chá Vienense na Barão de Itapetininga, o próprio Teatro Municipal ali perto. Sozinho ele não despertava sua atenção para tanta coisa boa acontecendo em São Paulo e eu já chegava tendo lido e planejado tudo que queria conhecer e explorar. Muito bem: chegando à pensão da Dona Nezinha onde o Salvador morava, ele tinha acabado de jantar e se preparava para ir ao banheiro escovar os dentes. Nesse meio tempo abri o jornal Diário da Noite e dei de cara com a manchete: RAY CHARLES NO BRASIL.

Corri os olhos rapidamente e descobri que o show aconteceria no Teatro Record na Avenida Brigadeiro Luiz Antonio dentro de uns 20 minutos. Não deixei que ele fosse fazer o seu toalete pós jantar. Arrastei-o literalmente para a rua: Vamos sair correndo para não perder a raríssima apresentação com a qual nem sonhávamos. Ele quase sai correndo para a rua com a escova de dentes na mão. Apanhamos um táxi, um luxo na época: um Chevrolet preto cupê e debandamos para o Teatro. Lá chegando, eu procurava avidamente a bilheteria perguntando com sofreguidão como e onde adquirir os ingressos. Um funcionário apontou para a direita. Era uma porta enorme descortinando para a plateia do teatro. Ou seja: adentramos no local e nem ingressos pagamos. Já nos acomodando vejo no palco aquele negro enorme, sendo guiado para o seu órgão Hammond (depois vou discorrer sobre esse instrumento, prometo) balançando os longos braços de forma descompassada e dando abraços desconexos no ar. Jeito bem típico dele de iniciar uma apresentação e a falta de coordenação era devido à sua total cegueira. No canto do palco *The Realets*: quatro

negras lindas vestidas de azul perfiladas em um ângulo de 45°, uma deveria ter 1,90 de altura iniciando o coral em uníssono: I can't stop loving you. Ray Charles sentou-se na banquetta à frente do órgão, soltou o corpo na vertical descrevendo um arco corporal a uns 40 centímetros do piso. Voltou à posição normal iniciando os acordes do seu diferente e sonoro órgão Hammond, no exato momento em que a orquestra abaixou os acordes para que RC abrisse a sua performance. Eu, ainda extasiado de surpresa, encantado com a beleza do conjunto todo: artista, *backing vocal* com as lindas negras, uma orquestra creio que da própria Record me deliciava.

Na abertura RC interrompeu a orquestra aos brados de: *No, no, no* e fez com que comessem tudo de novo. Estava fora do tom. Que ouvido musical!!!!!! Mais de trinta anos depois descobri o DVD desse show na fantástica Livraria Cultura no Conjunto Nacional da Avenida Paulista. O show tinha o patrocínio comercial da Erontex e da Wallita e uma das moças era a Neide Alexandre. Ou seja, nem houve venda de ingressos. Foi uma das emoções musicais mais sensacionais que já vivenciei. Pela sinopse desse DVD vejo agora que o show foi em 1963 produzido por Ricardo Amaral e RC na véspera tinha completado 33 anos. O nome do show era *The Genius* e mais de 40 anos depois foi lançado um CD chamado *The Genius loves Company* onde ele faz duetos memoráveis com B. B. King, Willie Nelson, Norah Jones, Natalie Cole, Bonnie Raitt, Gladys Knight e até Johnny Mathis mais um monte de gente muito boa.

Além de Georgia oh my mind, um clássico, destaco o dueto com Willie Nelson na música It was a very good year também gravada por Frank Sinatra. A letra conta uma história na primeira pessoa de quando o personagem tinha dezessete anos e passeava pelas ruas arborizadas da pequena cidade, depois com 27 e assim por diante até narrar os passeios de limusine com belas garotas. Willie Nelson com sua voz rouca, chapéu de vaqueiro e aquele violão velho e esburacado faz o contraponto perfeito à voz gutural de RC.

Estou agora ouvindo o CD do show de 1963 para descobrir e relembrar detalhes que vai completar quase sessenta anos. Também para ver se por acaso a câmara não passeou por nós e registrou uma imagem de quando eu tinha 17 anos, como na música que acabei de descrever.

1.1.2 O Órgão Hammond

Foi criado por Laurens Hammond, um engenheiro e inventor americano em 1934. Era vendido originalmente para igrejas devido ao seu baixo custo e tamanho comparados aos enormes e caríssimos órgãos de tubos das igrejas. Segundo o professor Google é dotado de um conjunto de rodas fônicas que giram a grande velocidade produzindo uma variação do campo magnético que é captada por sensores eletromagnéticos e convertidos em sons. Ele provoca um efeito interessante que é o vibrato *chorus*. Resumindo: tem um som absolutamente inconfundível e por isso acabou migrando para o jazz, blues e gospel, tendo sido adotado pelos blueseiros negros que procuravam inovações para a sua música tão peculiar. Na década de 80 a companhia Hammond foi comprada pela japonesa Suzuki em virtude da sua tecnologia de *tonewheel* digital que foi aproveitada nos aparelhos portáteis e mais leves para um transporte mais fácil. O original é um instrumento pesado comparado aos órgãos comuns e era alojado em um móvel quadrado do tamanho de um piano. Imagine deslocar esse monstro pelas estradas trilhadas pelos jazzistas. Estas características são importantes para a história de Lonnie Smith que vamos aproveitar o gancho para contar.

Lonnie Liston Smith nascido em 1942 conhecido como Dr. Lonnie Smith era um organista de jazz americano Hammond B3 que foi membro do quarteto de George Benson e gravou álbuns com o saxofonista Lou Donaldson para o selo Blue Note. Um dos seus sucessos mais conhecidos é Spinning

Wheel de 1970. Ouça e você vai sentir o que é a sonoridade Hammond B3. Muito bem: conta a história do jazz e blues que Lonnie Smith, já tirando seus acordes em instrumentos de amigos ou de casas noturnas flanava pelas ruas quando deparou em um antiquário com o enorme órgão que o dono não conseguiu recolher devido ao tamanho e por falta de espaço no seu estabelecimento. Era um Hammond B3 e Lonnie perguntou pelo preço, apenas por curiosidade. O dono, avaliando aquele negro pobre e mal vestido, sabendo que não teria condições de adquirir qualquer instrumento de sua loja e querendo livrar-se daquela *estrovenga* fez troça: Se você conseguir carregar esse trambolho para longe daqui pode ficar com ele para você. Não se sabe como mas Lonnie conseguiu a proeza de carregar aquele monstro e se tornou seu dono. Depois se tornaria um dos maiores organistas do B3 quase tão famoso quanto Ray Charles na categoria de organista mas não na de cantor.

1.1.3 Nat King Cole

Outra história saborosa sobre grandes astros negros que vieram ao Brasil se apresentar em turnês foi a de Nat King Cole que ouvi no Bourbon Street, em Moema-SP, narrada pelo organista e compositor César Camargo Mariano, marido de ninguém menos do que Elis Regina e pai de Maria Rita. Nesta época, que Nat fez talvez sua primeira turnê no país, a televisão no Brasil era muito precária: não tinha por exemplo o recurso do vídeo tape que seria muito usado depois na edição de programas musicais e novelas.

A turnê de Nat King Cole estava programada e a emissora sem o recurso do vídeo tape precisava divulgar chamadas durante a grade da sua programação. Um diretor da emissora que frequentava a casa do pai de César Camargo Mariano, à época com cerca de doze anos e que já arranhava o piano de casa, comprado especialmente para ele pois mostrava grande habilidade nos teclados e jeito para o instrumento. Vendo o desembaraço do garoto propôs ao pai de Cesinha, apesar de sua pouquíssima idade, que ele fosse à emissora para participar da divulgação da turnê de Nat King Cole. Pintaram os braços de César de preto até acima dos cotovelos e o colocaram sentado ao piano, filmando apenas os seus braços executando um dos famosos sucessos de Nat: Monalisa. A filmagem focava apenas os braços de César que emulavam os do famoso pianista e cantor e vinha a chamada: Nat King Cole no Brasil. Cada *take* ia ao ar de quinze em quinze minutos e sem o recurso do vídeo tape Cesinha ia ao piano nesses intervalos, passando-se pelo astro e diga-se de passagem executando habilmente os acordes, sem que ninguém desse conta de quem realmente estava nos teclados pois se avistava apenas os negros braços. Naquela época a câmara, pesadíssima, se deslocava por uma espécie de trilho aproximando-se do piano para fazer o close. Assim Cesinha teve que ficar o dia todo no estúdio, simulando as performances do grande artista e ninguém se deu conta do engodo. Se fosse nos dias de hoje com as leis trabalhistas protetivas dos menores isto seria impossível.

E aí vem outra curiosidade sobre o estiloso e charmoso Nat King Cole com seus cabelos alisados à custa de muita brilhantina. Dizem as más línguas que até graxa de sapato era usada. NKC não era cantor mas apenas pianista de uma boate americana, ou seja não cantava pois isto não era sua expertise. Apenas executava as canções pedidas ao piano. Um cliente rico, frequentador assíduo da boate pediu-lhe um dia que cantasse para ele uma determinada canção que muito apreciava e NKC declinou do convite justificando-se como apenas um pianista e não um cantor. O cliente, um esbanjador contumaz, muito lucrativo para a casa e já com o índice etílico bem elevado bateu o pé exigindo a interpretação da sua melodia favorita com voz e instrumento. NKC também bateu o pé mas o proprietário temendo perder o cliente rico insistiu na exigência para não decepcionar o seu cliente especial. NKC capitulou pois emprego de músico de boate era naquela época bico muito

valioso para aqueles que suavam na noite para tirar o sustento da família e levar o leitinho para casa.

Assim nasceu um cantor, que queria ser apenas pianista e nada mais. E que cantor: uma voz de veludo, *timing* perfeito, simbiose absoluta de voz e piano. Sem falar no estilo classudo: um negro bonito, com cabelos sempre perfeitamente assentados , pose aristocrática, ternos muito bem cortados e uma impressionante presença de palco.

Assim, num acontecimento absolutamente casual nascia um dos maiores cantores americanos que marcou época e que mesmo depois de passar para o andar de cima, fez duetos memoráveis com a não menos espetacular Natalie Cole, que já brincava de cantar no colo do pai com 9 ou 10 anos de idade. É famosa a sua performance, com longas tranças negras, corpinho esquelético mas já despontando o maravilhoso som gutural que brota da garganta dos negros. É o soul em estado puro. Depois de lapidada transformou-se em uma das grandes divas da RB (Rhythm and Blues) ao lado de Whitney Houston, Chaka Khan, Etta James, e claro a majestosa Nina Simone e tantas outras. Uma constelação e tanto.

1.1.4 Expressões do Jazz

1.1.4.1 JAM

Os músicos quando se reúnem para tocar informalmente dizem que vão *fazer uma jam*. Descobri que tem dois significados. Pode ser J.A.M de Jazz After Midnight. Esses músicos geniais principalmente os instrumentistas do jazz depois de suas jornadas noturnas nos bares e inferninhos da vida costumavam se reunir em algum *point* combinado, normalmente um bar que tinha instrumentos e começavam a brincar e improvisar e isso ocorre normalmente depois da meia noite. Daí o nome. A outra seria a tradução literal de jam: geleia. Os músicos misturam ritmos, fazem brincadeiras, deixam soltar a inspiração formando uma geleia, uma mistura, uma maçaroca.

1.1.4.2 Dar uma canja

A expressão remete obviamente à canja de galinha mas não tem nada a ver com a galinha. Havia em São Paulo o *Club dos AMigos do JAzz - CAMJA* e à exemplo de JAM, os jazzistas que passavam por lá faziam algum improviso ou mostravam um acorde novo. A expressão pegou. A tradução seria aproximadamente: dar uma pequena mostra.

1.1.4.3 Dar uma palhinha

A expressão, muito usada no meio musical, vem da palavra pala, que seria uma dica, uma amostra, e é usada como dar uma palhinha, uma corruptela da palavra original palhinha.

1.1.5 Bourbon Street, Tom Jazz, Tom Brasil etc.

Mudando um pouco para outros gêneros gosto de me lembrar de que, morando em São Paulo por mais de 30 anos, pude desfrutar de grandes shows, ver grandes artistas ao vivo: Bourbon Street de Moema, Tom Jazz, Tom Brasil, Via Funchal e outras tantos templos maravilhosos de shows inesquecíveis. Pude ver Willie Nelson, Ray Charles, Charles Aznavour, B. B. King, Buddy Guy, Tony Bennett que abriu o show com sua filha Antonia e que vi cantar à capela no Tom Brasil.

Os microfones foram desligados e a plateia começou a chiar mas eu percebi que Tony começava a pronunciar alguma coisa e cheguei a gritar: vai ser à capela. E ele, quando cessou a balbúrdia, pronunciou alto e bom som, sem microfone, sem sonoplastia: Brasil, eu amo vocês. A casa veio abaixo.

Buddy Guy veio para o meio da plateia com suas roupas deliciosamente espalhafatosas: ternos pretos de bolinhas brancas e vice versa, guitarras coloridíssimas com vermelhos vibrantes, cinzas metálicos. Uma parafernália de cores e ele tocando e cantando como nunca com sua voz gutural, no meio da plateia, recebido com entusiasmo, sem ser agarrado ou assediado. Nesse dia eu que já tinha voltado a morar em Salto de Pirapora, fui a São Paulo pela Cometa (*Viação Corneta* como dizia o Gustão daqui de Salto), como sempre faço quando vou visitar meu neto na capital. Após vê-lo fui para o show marcado para 21 horas. Mas uma sucessão de excelentes apresentações levaram o início do show de Buddy para 23:30h mais ou menos. O último Cometa de São Paulo para Sorocaba partia do terminal Barra Funda à meia noite. Nunca perdi um ônibus, com tanta alegria. Foi sensacional. A diferença entre ver um vídeo e uma apresentação ao vivo é abissal. A vibração, a magia das luzes no palco, a relativa proximidade com o artista, tudo isso cria uma atmosfera única e eu sou daqueles bem empolgados em shows. Acompanho as performances mexendo com o corpo e se tiver chance me levanto e puxo alguém para dançar. Depois de perder o ônibus tive que *pidi pôso* para a minha filha no seu apartamento perto do metrô Ana Rosa.

No Bourbon Street, na Rua dos Chanes, em Moema próximo ao Shopping Ibirapuera fomos ver um show de um cara totalmente desconhecido para mim: Tony Gordon. Só fui pelo sobrenome pois já tinha dançado ouvindo Dave Gordon interpretando grandes standards de Frank Sinatra e Tony Bennett na magnífica casa noturna Stardust da rua Franz Schubert no Itaim, onde imperou na década de 80 e 90 ao lado da Limelight e do Kremlin. Dave, pai de Tony e Izzy Gordon, nascido na Guiana Francesa, quase 2 metros de altura, negro esbelto, elegante, casado com Denise Duran, irmã de Dolores Duran tinha uma voz de veludo à la Nat King Cole e se fechássemos os olhos a sensação que se tinha é que Frank, Bennett e Cole estavam presentes, cantando para nós, na gostosa pista de dança do Stardust.

Fui então ao Bourbon Street atraído mais pela fama do sobrenome. Reservei uma mesa no mezanino, um pouco distante do palco que estava montado no piso inferior, nos fundos da casa. Eu vestia uma camisa social novinha em folha e tive azar de sentar perto da mesa de um bêbado, que num brinde exagerado com a companheira jogou vinho na minha camisa recém inaugurada. Fiquei puto da vida, queria discutir, mas contido pela Eulália, minha primeira mulher, pedimos ao garçom para trocar de mesa. Saí xingando e o garçom para me agradar nos colocou numa mesa onde o mezanino fazia uma curva à direita, literalmente debruçado sobre o palco. A banda, na clássica formação de trio de piano, bateria e contrabaixo abria o show esquentando a plateia. Ouvimos na entrada da casa uma voz perdida no meio da plateia cantando: “Japanese, japanese...” no ritmo da banda e em inglês para brincar com uma *japinha* presente entre o público. Era o Tony entrando pelos fundos, misturado aos espectadores e mexendo com as pessoas. Veio para o palco cantando e brincando com negras, brancas, magras e gordas num ritmo empolgante, até chegar no palco. Quando ele subiu ao palco, sempre cantando, eu já estava praticamente pendurado no guarda corpo do mezanino, com os braços abertos, dançando freneticamente ao ritmo daquela música contagiante. Tony que estava a menos de 5 metros de distância, olhou para mim, apontou-me o dedo e falou, sem perder o ritmo da música: Cara, eu vou aí te dar um abraço. E desceu do palco, atravessou no meio das mesas da parte inferior, galgou os degraus da majestosa escada de madeira torneada ao estilo New Orleans, como tudo o mais na casa, e foi à minha mesa. Sempre no ritmo da música me

deu um forte abraço e me disse: Cara, você não sabe o quanto a sua empolgação contagia o artista no palco. Muito obrigado. Também agradei e ele iniciou o percurso de volta ao palco onde cantou canções maravilhosas como *I've Got You Under My Skin* entre outras, com uma força interpretativa que o fazia até se ajoelhar no palco, com o microfone empunhado com as duas mãos, passando uma descomunal carga de emoção. Depois vi o Tony no Madalena, um casa noturna pequena na vila de mesmo nome. Desta vez vinha acompanhado da irmã Izzy Gordon, igualmente fantástica. Conversamos no intervalo, lembrei do episódio do Bourbon, ele disse que se lembrou de mim mas não acreditei muito. Afinal de conta, um artista não vai decepcionar um fã.

Coisas da vida: um artista desse naipe e com vasta experiência profissional, para ser reconhecido na mídia teve que participar e vencer o programa *The Voice Brasil*, na TV Globo, no final de 2019!!

1.1.6 Festival de New Orleans no Bourbon Street

O Bourbon Street, também promovia um festival anual que trazia os músicos da cidade americana para emular aqui o *Madri Gras*, carnaval de rua animadíssimo de New Orleans que se transferia para o bairro de Moema, com um palco montado na Rua dos Chanés, endereço da casa. A rua ficava tomada por mais de dez mil pessoas e era impossível chegar perto do palco. As pessoas iam se acotovelando e quando você se dava conta, estava espremido quase sem ar no meio daquele *povarêu*. O festival se estendia para outros locais como o Parque Ibirapuera onde era mais confortável. Ali no parque pude curtir a festa sem o risco de ser esmagado no meio da massa. Os cantores no palco tinham a seus pés caixas de colares coloridos: brancos, azuis, vermelhos escarlates e à medida que música e público atingiam aquela interação extasiante, o *crooner*, descalço, pescava com os dedos do pé os colares coloridos que iam sendo lançados em direção à plateia e avidamente disputados. Pelo meio do povo desfilavam figuras com enormes pernas de pau, com grande habilidade, que apoiados em apenas uma perna de 2 metros de altura passava a outra por cima das nossas cabeças. Uma farra animadíssima. A banda com poderosos instrumentos de sopro inclusive uma tuba gigantesca entrava no palco desordenadamente fazendo piruetas e literalmente bagunçando o coreto. O da tuba enquanto tocava enfiava a enorme boca do instrumento na cabeça de outro músico mais baixo e o transformava num músico sem cabeça. E a coisa transcorria nesse clima de muita alegria, descontração e irreverência. Apresentavam um ritmo chamado *zideco* que era executado por um músico que era um verdadeiro malabarista. Ele empunhava uma pequena sanfona, tipo 8 baixos, e entrava correndo para o meio do palco tirando um som vibrante do pequeno instrumento e dando rodopios e piruetas no ar.

A parte triste dessa história foi quando houve aquele rompimento do dique em New Orleans e esses músicos estavam jantando perto do prédio onde eu morava. A pizzaria, maravilhosa se chamava La Gloria e ficava na Rua Macuco entre a Arapanés e a Avenida Ibirapuera. O Carlinhos do Elias daqui de Salto esteve lá comigo uma noite e adorou o local. Logo na entrada tinha um forno enorme com pães gigantesco de vários sabores dispostos em uma prateleira em volta do forno. Tinha um mezanino onde também serviam as redondas. No meio charmosas tendas cobrindo aconchegantes sofás e as mesas. E o mais surpreendente, toda a construção com um teto retrátil que nas noites quentes ficava aberto. Eu morava na Arapanés, no décimo quarto andar e da minha janela podia enxergar todo o interior da pizzaria, a correria dos garçons e a efervescência da clientela. O pessoal de New Orleans no meio do jantar recebeu a notícia que o seu voo marcado para a manhã do dia seguinte havia sido cancelado pois não havia mais aeroporto nem cidade, tudo coberto pela água. Sem ter o que fazer os músicos vararam madrugada adentro cantando e bebendo e eu na janela, algumas dezenas de metros acima do piso da pizzaria, ouvi a algazarra a noite toda e me arrependo

até hoje por não ter tirado o pijama e descido para participar da festa. Os músicos só foram saber no dia seguinte a extensão da desgraça que se abatia sobre a sua terra naquele momento.

1.1.7 Concierto de Aranjues no Museu do Prado em Madri

Surpresa musical, inusitada e muito gratificante em Madri. Andava pelo Paseo del Prado para ir ao museu de mesmo nome quando ouço vindo de um banco do parque o som de uma guitarra, tocada por um músico de rua, executando o Concierto de Aranjues. Claro que ali me detive até terminar a execução e pingar a gorjeta na mão do músico. Fazia mais de vinte anos que não ouvia a peça e até já havia me esquecido dela. Melodia maviosa mas a história dela é muito triste. Um nobre que vivia num palácio em Aranjuez tinha uma esposa muito doente que vivia fechada na mansão sem poder acompanhar o marido em suas viagens mundo afora. Ele então mandou compor essa peça linda para alegrar a esposa doente.

Na Europa toda os músicos estão em todos os cantos: bancos de praça, um cantinho numa estação do metrô, rondando as mesas dos bares ao ar livre. Quando menos se espera você é surpreendido por um músico ao seu lado tocando algo significativo do seu país de origem ou canções mundialmente consagradas.

Em Nova Yorque cheguei a dançar dentro do vagão do metrô pois eles entram numa estação munidos de um amplificador portátil e quebram a rotina monótona de um ambiente normalmente sisudo em que as pessoas mal se olham. Ainda na mesma cidade na Gran Central Station, estação que conjuga paradas de trens e metrô, considerada a maior do mundo e que abriga o relógio igualmente mais famoso do mundo na cabine de informações, avaliado em nada menos do que 40 milhões de reais. Ainda tem uma curiosidade: a galeria do sussurro. Você fala para uma parede e o som é conduzido pelas colunas podendo ser ouvido a 30/40 metros de distância. Eu estava com um grupo de amigos do Clube de Campo de Sorocaba, Robeni e Moraes da Ideal Seguros e famílias e ao atravessar a estação me deparei com um grupo de negros fazendo um som maravilhoso num cantinho da enorme estação. Parei, ouvi a música, aplaudi freneticamente, gratifiquei e pedi a minha clássica preferida: Oh mio bambino caro (Oh meu papai querido) de Puccini. Pior que toda vez que ouço..... choro. Esta peça clássica que faz parte da ópera Gianni Schich já foi interpretada por Maria Callas, Montserrat Caballé e pela soberba soprano neo zelandesa Kiri Te Kanawa e até por Sarah Brightman. Conta a história de uma moça infeliz que têm uma paixão avassaladora proibida pelo pai. Na música ela diz ao pai que iria até a Ponte Vechio de Florença e se jogaria no rio Arno. Que preferia morrer a se casar com outro. Aqui em Salto de Pirapora, minha amiga Marcinha interpreta a peça com talento de soprano e quando me vê na plateia sempre canta essa música, acho que só para me ver chorar. Kkkkkk. Inclusive a Márcia ganhou o torneio do antigo 566 da Washington Luiz com uma interpretação magnífica.

1.1.8 San Giginiano na Toscana Italiana

Outra surpreendente lembrança musical. A cidade é minúscula, talvez caiba dentro do CIC sorocabano. Como as demais cidadelas italianas é toda muralhada e você tem meia hora para entrar com o seu carro, descarregar a mala no hotel e sair para estacionar nos bolsões, fora da cidade. E voltar à pé, logicamente. Os hotéis são casarões seculares sem elevador e você tem que arrastar malas escada acima até o seu andar. Estava casado com a Eulália e saímos à noite para jantar e depois tomar o melhor sorvete do mundo na *Piazza de la Cisterna*. Este largo mantém ainda o poço ou cisterna que abastecia a vila há séculos. Fila de 40 minutos para degustar o *gelatto*

premiado por três vezes como o melhor do mundo: a *Gelateria Dondoli*. Após o sorvete, uma volta pelo centrinho já na certeza que teríamos que dormir cedo. Andando pelas ruelas com uma luz bruxuleante projetando sombras das 14 altíssimas torres (eram 70 no total), num ambiente místico de magia e assombro pela arquitetura medieval, chegamos ao largo da Matriz, menos de 50 metros do hotel. Uma praça enorme cheia de cadeiras enfileiradas e a imponente igreja ao fundo, no alto da praça. Perguntando com o meu conhecimento profundo do idioma *italianês* descobri que a cidade tinha ganho a primeira e única ambulância. Meu vasto repertório italiano consta das seguintes palavras: *dopo qui* e *prego*. Nada mais. Um palco montado em uma pequena cobertura no extremo da praça e do lado direito um outro pequeno *coperto* abrigava os *capi de tutti capo* da cidade falando alto e gesticulando como bons italianos e até um pouco inconvenientes e arrogantes. Um coral de Florença, com uma soprano excelente, desfiou melodias dos irmãos Ira e George Gershwin como *Rhapsody in Blue*, *Um americano em Paris* e a sublime *Summertime*. Uma delícia de surpresa pra quem achou que não tinha mais nada para fazer. Em San Gimignano conheci o *jamon de cingiali*: presunto italiano de javali a ainda trouxe uma azeiteira verde em formato de bule que repousa na minha cristaleira quase centenária neste escritório da minha casa em Salto, onde escrevo agora às 00:46h da madrugada.

1.1.9 Karen Souza

Como estou sempre buscando novidades no fantástico YouTube, hoje me deparei com uma cantora argentina simplesmente fabulosa: Karen Souza, uma mulher de 36 anos, com uma elegância madura e presença de palco impressionante, um fraseado musical muito bem colocado e muito bem acompanhada por um trio no Jazz San Javier Festival. Desfia deliciosas canções standards, clássicos que fizeram sucesso nas vozes de Bing Crosby, Frank Sinatra, Tony Bennett e Nat King Cole. Na minha apressada avaliação classifiquei como um “Tony Bennett de saias”. Uma bela coroa com dicção perfeita, presença de palco intimista com uma deliciosa pronúncia mesclada de *inglês acastelhanado*. Enfim, uma delícia de cantora com uma sensualidade natural e madura. Esbanja charme em “Whicket game”, “Don’t you forget about me” e I’m not in love secundada por um trio de altíssima competência. Piano, bateria, guitarra e baixo completam o perfeito cardápio musical servido no palco do Jazz San Javier. O festival, criado em 1.998, é realizado anualmente no mês de julho na região de Múrcia, na Espanha, e canaliza as mais diversas vertentes do jazz internacional revelando verdadeiras pérolas como Karen Souza. A apresentação é no auditório municipal do Parque Almansa, um anfiteatro com capacidade para 2.000 pessoas com uma estrutura espacial semelhante à um teatro romano. Deve ser lindo. Já estou com brotoejas pelo corpo de vontade de conhecer. Há sempre craques da nossa música brasileira participando.

1.1.10 Ron Carter, Hank Jones e Wynton Marsalis

O show foi em 1966 em Kobe, no Japão. Num cenário de abertura mostrando uma fantástica cidade futurista, com riquíssima arquitetura, os dois artistas se apresentam impecavelmente bem vestidos com seus ternos pretos e suas gravatas borboleta. Hank Jones desliza suavemente os dedos pelo teclado, com classe, elegância e competência. Muita competência. Ron Carter, que já descrevi no filme *Kansas City* de Robert Altman e que considero o maior baixista que já conheci.

Numa apresentação memorável, desfiaram grandes sucessos do jazz internacional. Abrem com *Round About Midnight*, tema do filme homônimo que mostra a vida louca de músicos de jazz americanos e franceses, e a alusão por volta de meia noite descreve as aventuras sempre noturnas, as paixões, as bebedeiras, a escalada nas drogas e tudo o mais que permeia o mundo musical e artístico. Este

filme realiza a proeza de reunir um elenco formado por músicos profissionais do cenário musical da época inclusive Dexter Gordon. O som foi gravado no sistema “em direto” e não provindo de uma trilha sonora. Foi criado um ambiente e uma atmosfera especialmente propícios à reprodução do som de qualidade. Os personagens do filme falam através de suas músicas. Voltando ao show em Kobe, os músicos continuam passeando por Blue Monk. *A nigh in Tunisia, Speak low Whats new?*, a clássica *Sattin Doll* e a especialíssima *Take the A train*, creio que de Dave Brubeck, que ao lado de *Take Five* e *Cantaloup Island*, de Herbie Hancock que não constam do repertório do show, mas que constituem para mim a nata da cena musical jazzística: “la crème de la crème”.

Os solos de Ron Carter neste show, à exemplo de outros, são memoráveis. Seus dedos passeiam habilmente pelas cordas do enorme “baixo de pau”. Com igual competência faz o acompanhamento perfeito para o suave piano de Hank Jones e são secundados por competentes músicos na *percussion* e nos *drums* e ainda nos brindam com um vocal de Shigeko Suzuki, em *It’s allright with me*. Uma japonesa elegante e bonita, dentro de um tubinho preto decotado na medida para, aliado a um curto e exótico corte de cabelo, desnudar seu deslumbrante colo. Uma “graça de japinha” e extremamente competente. O interessante que depois de sua participação vocal, ela se mantém em pé, imóvel no centro do palco, como uma verdadeira estátua, até o fim do show, apenas ouvindo e curtindo a habilidade dos músicos, como se ali tivesse permanecido para enfeitar e compor o quadro no palco. O show inteiro, com mais de uma hora e meia, pode ser visto aqui.

Aproveito a deixa para lembrar de Wynton Marsalis, que também participou da trilha sonora de Kansas City, e que comanda o departamento de jazz do fabuloso “Lincoln Jazz Center” em Nova Iorque, em frente à estação do metrô Columbus Circle e em cujo bar da Coca Cola, vimos uma apresentação jazzística de gala, com a vista se descortinando para o Central Parque. Foi na viagem que fiz com o Robeni e o Moraes do Clube de Campo Sorocaba. Wynton Marsallis, que pude ver ao vivo no parque Ibirapuera, em São Paulo é de uma família de veia jazzística e ao lado de irmãos e primos se apresenta com a “Família Marsallis”, de quem tenho um DVD muito especial.

1.1.11 Je t’aime ,... moi non plus ...

Essa música marcou muito a minha juventude pois na época foi como o estopim de uma revolução sexual que já se desenhava nos anos 60. A música foi proibida em diversos países inclusive o Brasil, por “exalar” uma forte conotação sexual onde os intérpretes Serge Gainsbourg e Jane Birkin simulam um ato sexual e Jane simulava um orgasmo. Mesmo proibida eu tinha mandado preparar uma fita cassete que entre *F... come femme*, A primeira noite de um homem, *Everybody’s Talkin* do cantor americano Nilson também trazia *Je t’aime* e nos nossos bailinhos do clubinho no centro, arriscávamos e a colocávamos para tocar. Delírio e êxtase para os pares de namorados ou dos que simplesmente gostavam mesmo de um bom amasso. Nunca soube ou entendi o significado pleno da música mas o *Je t’aime* era conhecido por todos, mesmo que nem de longe arranhassem o francês. Agora fiz uma pesquisa no Professor Google e vou transcrever as descobertas, já revelando a minha fonte, ou seja sem querer abraçar os méritos do conhecimento. Vamos lá:

O título da canção foi inspirado em uma citação de Salvador Dali, o genial pintor espanhol que quebrou enormes tabus com a sua arte surrealista. Serge Gaisbourg escreveu a música em 1.967 e a dedicou inicialmente a Brigitte Bardot, com quem Serge teve um breve namoro. Mas, La Bardot estava casada com o bilionário alemão Gunther Sachs. Chegou a gravar a música com Serge mas mudou de ideia temendo problemas no seu casamento e também com a Igreja, como já havia acontecido anteriormente. Por outro lado os empresários de B. B. temiam que sua imagem fosse arranhada devido ao forte conteúdo e clima sensual e sexual contidos na música. Um trecho traduzido diz assim: “Como uma onda irresoluta eu vou, eu vou e venho por sua cintura, eu vou,

eu vou e venho por sua cintura e eu me detenho. Você é a onda eu a ilha nua, você vai e vem por minha cintura e eu me junto a você”. Não precisa muita perspicácia para perceber que esse eu vou e venho emula o ato sexual e a cintura tem sentido totalmente figurado.

Em 1.969 quando Serge já namorava Jane Birkin, gravou novamente a canção que alcançou sucesso mundial e foi banida de diversos países conservadores na época. Causou enorme polêmica pois até então nenhuma outra canção havia representado o sexo de forma tão explícita e a vigília incessante da Igreja, assim como aconteceu com o filme e a peça “Jesus Cristo Super Star” era de um vigor persecutório extremo. A música virou filme que não chegou a causar tanta celeuma, repercussão e sucesso como a música.

1.1.12 Buena Vista Social Club

Ry Cooder e não Ray Coder, como grafei outras vezes. Foi à Cuba em 1.996 para gravar um CD e em 98 participou do maravilhoso filme, Buena Vista Social Club, dirigido por Wim Wenders. Aqui vai um *trailer* mais longo, de 11 minutos, do Buena Vista Social Club. Ry Cooder participou de outro filme incrível do Wim Wenders: Paris, Texas.

Extraído do Google: O Buena Vista Social Club foi um clube de dança e atividades musicais de Havana, onde músicos se encontravam e tocavam na década de 1.940. Alguns dos artistas frequentadores:

Manuel “Puntillita” Licea;

Compay Segundo, cantor e *tresero*. Tresero era o tocador de Tres. O Tres era um cordofone com a forma aproximada de uma guitarra, com apenas três cordas duplas usado na seção rítmica dos grupos cubanos;

Eliades Ochoa, violonista;

Orlando “Cachaito”López;

Manuel Guajiro;

Rubén Gonzalez, pianista que legou a Gonzalo Rubalcaba seus maravilhosos dons;

Ibrahim Ferrer, cantor;

Barbarito Torres, alaúde cubano;

Pio Leyva;

Anga Diaz;

Omara Portuondo – esta gravou um CD com Maria Bethania.

1.1.13 Astor Piazzolla

A música de Piazzolla sempre me emocionou e até me levava às lágrimas. Quando a violinista Michele Ortega fazia apresentações na Padaria Real da Avenida Afonso Vergueiro, às segundas feiras eu era freguês de carteirinha e sempre pedia Piazzolla e sempre chorava durante a execução. Não sei explicar bem mas a música toca o fundo da minha alma e mexe com as minhas articulações: não consigo ficar parado, acompanho os compassos com a cabeça e partes do corpo e não raro não me contenho e puxo a parceira para dançar, mesmo num espaço exíguo entre as mesas. Os acordes vibrantes, a marcação exacerbada fazem vibrar todas as minhas terminações nervosas.

Vi agora (15/10/2020 às 23:45 h) Piazzolla executado por Richard Galliano e seu septeto. A marcação do acordeon ou do bandoneon secundado por um trio de violinos mais piano e percussão se transformam numa melodia maviosa, quase celestial. O melhor intérprete de Piazzolla sempre foi o próprio mas deixou discípulos como Lalo Schifrin que comandou sua banda, ao piano, por muito tempo e depois alçou voo solo. Quando ouço Adiós nonino, aqui numa interpretação do

grupo instrumental brasileiro *Seis com Casca*, Libertango, aqui executada pelo próprio e grupo e Balada para um loco, aqui por Amelita Baltar, sinto que transmitem uma carga emocional muito grande. Seu estilo com grande influência de Bach e Stravinsky foi muito criticado no país natal e a comunidade “tangureira” se recusava a aceitar suas composições como tango. Mas, a grande verdade é que ele revolucionou completamente o tango, acrescentando os toques do jazz e da música clássica e incluindo a guitarra elétrica no acompanhamento, o que era uma heresia para os tradicionalistas. Aos 8 anos de idade, morando em Nova York, já com seu primeiro bandoneon que ganhou do pai, teve um encontro com Carlos Gardel que se encantou com o garotinho e o convidou para participar da sua turnê mas seus pais não permitiram. Ainda bem, porquê pouco depois Gardel e sua banda morreriam em um acidente de avião.

Richard Galliano é um acordeonista francês de herança italiana, nascido em 12/12/1.950 em Cannes na França. Sua performance em “La história de um amor” é digna de menção.

Astor Pantaleón Piazzolla foi um bandoneonista e compositor argentino que nasceu em 11/3/1.921 em Mar del Plata e faleceu em 4/7/1.992 em Buenos Aires.

1.2 Música Brasileira

1.2.1 O furacão Elis (livro de Regina Echerrevia)

César Camargo Mariano, grande músico e arranjador foi ao estúdio para gravar com Elis Regina o grande sucesso de sua carreira: *Atrás da porta*. Elis, apesar de grandes sucessos musicais, não tinha a mesma sorte na vida amorosa. Já tinha tido uma separação calamitosa com Ronaldo Bôscoli, quando ao enxotá-lo de sua casa jogou pela janela do sobrado, as malas, cuecas, e a coleção inteira de discos de jazz de Ronaldo, gritando escabrosos palavrões, soltando cobras e lagartos ao apavorado Ronaldo que no meio da rua tentava se desvencilhar dos cacarecos lançados sobre sua cabeça e da vergonha dos passantes. Elis foi para o estúdio com toda aquela *entourage* de músicos, cinegrafistas, iluminadores etc. etc. e não conseguia se concentrar e achar a inspiração e o tom certo para a interpretação de praticamente uma peça teatral contando o fim de uma história de amor doída, sofrida e angustiante. Não era dor de cotovelo, era fratura exposta. A letra falava de uma mulher abandonada no meio da noite, se arrastando de joelhos para fora da cama e implorando atrás da porta para que o seu amado não a abandonasse. Música de autoria de Chico Buarque e Francis Hime, de letra pungente que exigia da intérprete uma entrega total, uma interpretação de *cantriz*, simbiose de cantora e atriz. Elis que dias antes havia convidado César para uma sessão de cinema na sua casa branca da Avenida Niemeyer no Rio de Janeiro e no meio do filme tinha lhe passado um torpedão amoroso que ele, apesar de já apaixonado por ela e temendo por isso com relação ao seu gênio saiu correndo e desapareceu por uma semana até que voltou a se encontrar com Elis no dia marcado para a gravação. Ela não conseguia o tom dramático para passar uma interpretação perfeita para tal obra de arte. No seu estilo explosivo e intempestivo, que lhe valeu o carinhoso apelido de *Pimentinha* deixou o microfone de lado e gritou em altos brados, entremeados de sonoros palavrões, que não conseguia o *timing* perfeito. César, um músico de grande sensibilidade, que mudou totalmente os rumos da carreira de Elis, com seus arranjos maravilhosos, à exemplo de Nelson Riddle que resgatou a carreira de Frank Sinatra, botou pra fora do estúdio todo o corpo técnico: músicos, sonoplastas, iluminadores e qualquer pobre diabo que lhe surgisse à frente e decretou: Agora é só piano e voz. Trancaram-se lá dentro e deram à luz uma das músicas mais marcantes da carreira da cantora que, no mais profundo e autêntico estilo Elis concebeu uma obra de arte que até hoje assusta pelo vigor da interpretação, pela entrega total

de uma artista que provavelmente extravasou ali todas as suas mágoas de amor. Nem Lupicínio Rodrigues, o rei da dor de cotovelo com todos seus intérpretes fenomenais conseguiria tal proeza. Elis se separaria de César, mais por motivos de ego e auto afirmação do que por outra coisa. César era muito tranquilo mas a sua excelência musical ofuscava um pouco os holofotes de Elis. Engatou um namoro com Samuel Mc Dowel ficando com ele até sua tumultuada partida num dia infeliz em que exagerou no consumo daquela que seria a sua perdição: *the cocaine*. Performática, talentosa, com uma força interpretativa teve uma carreira tumultuada, galopante que atropelou e tomou de assalto a luz da ribalta da MPB numa época de tantos talentos: Maria Bethânia, Gal Costa, Nara Leão, Maria Odete, Nana Caymmi e tantos outros talentos. Ainda mais: em época de predomínio da bossa nova, da Tropicália e da música de protesto gestada no Teatro Opinião.

A *Hélice Regina* ou *Eliscóptero*, que explodiu com Jair Rodrigues num festival da Record, quando adotou o estilo de braços em hélice, um cabelo em formato de bolo de noiva, possuía uma energia de contagiar até um cego, surdo e tetraplégico ao mesmo tempo. Dizem que Frank Sinatra já tinha usado o recurso. Elis que não gostava da bossa nova por ser música para ser cantada em sussurros, estilo banquinho e violão marcada pelo fio de voz de João Gilberto. Eu particularmente nunca fui fã do dito cujo por não gostar nem do estilo sussurrado nem das suas idiossincrasias: reclamar do som, do vento da janela aberta e o supra sumo das suas exigências.

Ao se se apresentar no Carnegie Hall em Nova York em 21.11.1962 com todo o excelente time brasileiro exigiu que o vinco da sua calça estivesse passado, repassado e *trepassado* a ferro senão não entraria no palco. O Carnegie Hall inaugurado em 1.891 é um conjunto de três salas de concerto localizado na Sétima Avenida em Nova York. O maior auditório tem 2.804 lugares e foi nessa enorme sala que se apresentaram os músicos brasileiros. Quem notaria que o vinco da calça do excêntrico JG não estava perfeito? Ocorre que no hotel onde estavam hospedados (Waldorf Astoria se não me engano) a camareira já tinha ido embora. Ninguém menos que a embaixatriz do Brasil, Regina Arco e Flexa teve que pedir o ferro de passar do hotel e fazer o vinco da sua calça.

Outro episódio famoso dele foi relacionado ao *luthier* que afinava seu violão. Somente esse rapaz era aceito pelo exigente e extravagante músico e quando ele ia devolver o violão nunca via a cara do João. Subia o elevador, tocava a campainha mas o músico nunca vinha abrir a porta. Colocava o violão no chão, ao lado da porta, esperava por alguns minutos, desistia e ia embora, sem nunca ter visto a cara do cliente. Um dia cismou de querer vê-lo a qualquer preço. Manteve a rotina: deixou o violão na porta e se escondeu num vão do corredor achando que iria surpreender JG. Esperou por vários minutos escondido e nada dele aparecer. Desistiu, saiu do esconderijo, chamou o elevador e quando ia começar a descer viu pela janelinha, uma mão que abriu a porta do apartamento, retirou o violão e fechou a porta rapidamente. Viu apenas a mão do maluco. Não me perguntem como era feito o pagamento do serviço, pois é conhecida a fama do músico de não gostar de pagar contas.

Muito antes disso, JG tinha vindo da Bahia, morado na casa de uma irmã onde ficava por 6/7 horas dentro do banheiro tirando acordes do violão porquê o ambiente pequeno do banheiro, todo azulejado, constituía a caixa de ressonância ideal para reverberar o som do instrumento. Ninguém podia usar o banheiro da casa. Ou então passava a mão no telefone e ficava outras tantas horas em conversas intermináveis. Como conta Ruy Castro no seu livro *Chega de Saudade* chegou a ficar onze horas ao telefone, interrompendo a ligação para ir ao banheiro e pedindo que o interlocutor aguardasse na linha. Escorraçado da casa pela irmã foi morar com outros músicos num bairro do Rio de Janeiro, entre eles Ronaldo Bôscoli. Dormia até altas horas sem se importar em perturbar a rotina da casa. Até que um dia os companheiros se encheram, e o escorraçaram para a rua. Acontece que ele, como sempre, dormia profundamente. Cataram JG e cama e arrastaram para a

calçada, perto do meio fio. O que aconteceu? Ele continuou dormindo na rua, como se nada tivesse acontecido.

Voltando à Elis Regina, cujo nome recebeu Regina por exigência do cartório porque havia uma lei que nomes que poderiam servir tanto a meninos quanto a meninas deveriam ser compostos para não deixar dúvidas quanto ao sexo da criança. Pois bem: Elis, com Regina a tiracolo, explodiu e ganhou o mundo chegando ao Teatro Olympia em Paris com direito ao seu nome no cartaz ao lado de ninguém menos que Yves Montand, Sylvie Vartan, Adamo e Gilbert Becaudo entre outros. Só não teve mais destaque por ter dito que odiava os franceses. Ela era assim mesmo: não tinha papas na língua. Elis foi muito criticada pela esquerda pensante da época por ter se apresentado nas Olimpíadas do Exército Brasileiro cantando o Hino Nacional, regendo vestida com uniforme militar. A esquerda pensante de plantão, aninhada principalmente no Pasquim caiu de pau e Henfil, o grande cartunista irmão do Betinho, a quem a ditadura queria eliminar não perdoou. Fez o seu enterro duas vezes nas tirinhas do *Caboco Mamadô*, personagem mítico criado por Henfil que sugava o cérebro das mentes mais brilhantes da época, inclusive de Carlos Drummond de Andrade. Acontece que depois se soube que Elis foi obrigada pelo governo da ditadura a se apresentar no tal evento. Ou ia ou seria conduzida *debaixo de vara* para o evento cívico *auto elogiativo* das Forças Armadas. Tudo isto porquê ao se apresentar na Holanda, declarou que o Brasil era governado por gorilas. Como sempre, corajosa, totalmente o contrário do que os militantes da esquerda pensavam dela, e olha que a esquerda daquela época era muito mais autêntica do que essa *esquerda caviar* que conhecemos anos atrás. O troco veio na exigência de se apresentar endossando a ditadura militar. O que ninguém sabia na época, a exemplo do que aconteceu com Milton Nascimento em outro episódio, era que ou se apresentava, avalizando o regime ditatorial ou iria presa. A esquerda caiu de pau e depois teve que se desculpar por não saber em que condições Elis foi obrigada a se apresentar. A ironia da história é que quando estourou o sucesso O Bêbado e a Equilibrista do grande Aldir Blanc, falecido semana passada (04/05/2020), um dos personagens principais da música era justamente o Henfil.

Outro sucesso da Elis: As aparências enganam. Demorei para descobrir o autor que é o Tunai. (Esse tem DNA, é irmão do João Bosco!) Como podem ver a letra é lindíssima e faz um jogo de palavras com o fogo e o gelo, duas matérias antípodas mas que na música dão o contraponto ideal para unir e separar as tais matérias. A gravação que consultei para extrair a letra tem um piano maravilhoso que deve ser de César Camargo Mariano. A interpretação de Elis, o gestual fazendo meneios de cabeça e tocando os próprios cabelos é magistral, além de estar magnificamentelinda.

As aparências enganam
Aos que odeiam e aos que amam
Porque o amor e o ódio
Se irmanam na fogueira das paixões!

Os corações pegam fogo e depois
Não há nada que os apague
Se a combustão os persegue
As labaredas e as brasas são
O alimento, o veneno, o pão
O vinho seco, a recordação
Dos tempos idos de comunhão

Sonhos vividos de conviver!

As aparências enganam
Aos que odeiam e aos que amam
Porque o amor e o ódio
Se irmanam na geleira das paixões!

Os corações viram gelo e depois
Não há nada que os degele
Se a neve cobrindo a pele
Vai esfriando por dentro o ser
Não há mais forma de se aquecer
Não há mais tempo de se esquentar
Não há mais nada pra se fazer
Senão chorar sob o cobertor!

As aparências enganam
Aos que gelam e aos que inflamam
Porque o fogo e o gelo
Se irmanam no outono das paixões!

Os corações cortam lenha e depois
Se preparam para outro inverno
Mas o verão que os unira
Ainda vive e transpira ali
Nos corpos juntos na lareira
Na reticente primavera
No insistente perfume
De alguma coisa chamada amor

Milton Nascimento, o mineirinho simples e humilde que explodiu com Travessia, Milagre dos Peixes e Estrelada, da qual tanto gosto que vou descrever um pedaço da letra: “És menina do astro sol, és rainha do mundo mar, Teu luzeiro me faz cantar. Terra, terra és tão estrelada. O teu manto azul comanda. Respirar toda a criação e depois que a chuva molha Arco-íris vem coroar. A floresta é teu vestido e as nuvens teu colar, és tão linda ó minha terra consagrada em teu girar. Navegante das solidões no espaço a nos levar. Nave mãe é o nosso lar. Terra, terra és tão delicada. Os teus homens não tem juízo, esqueceram tão grande amor. Ofereces os teus tesouros mas ninguém dá o teu valor. Terra, terra eu sou teu filho como as plantas e os animais. Só ao teu chão eu me entrego, com amor firma a tua paz”. Milton teve um caso amoroso com uma mulher chamada Caritas, de classe média abastada em São Paulo. Milton, sozinho, jogado na selva da cidade grande, em busca dos rumos para sua carreira, viveu por uns tempos com essa mulher. Ela tinha um filho chamado Pablo, que Milton amava como se fosse seu filho. Mas, começou a receber telefonemas ameaçando sequestrar e desaparecer o garoto Pablo, claro que por conta dos censores que viam ameaças ao regime em qualquer letra de música, mesmo nas mais inocentes. Não visavam a censura da música em si mas atingir o autor que desagradava o regime. Milton colocou o menino em lugar escondido mas continuou recebendo telefonemas ameaçadores, mostrando que seus algozes sabiam de todos os seus passos e reafirmando que se continuasse a visitar Pablo, cumpririam a sua ameaça.

Os militares enxergavam fantasmas em todo o cenário artístico nacional. Sinceramente nunca identifiquei nas letras brilhantes de MN qualquer menção mesmo que subliminar de crítica ao regime. Vejam essa letra que não resisti a colocar inteira e ouçam a interpretação no CD *Angelus*. Quem escreveu tão bela elegia à mãe Terra nunca poderia ser acusado de subversivo. Talvez o perseguissem pelo meio em que vivia, o engajamento com Chico e Caetano, que corajosamente arrostavam e desafiavam o poder militar. Eram os negros tempos da ditadura que matava e fazia desaparecer as *personas non gratas* ao regime. Milton guardou esse segredo por mais de vinte anos e numa apresentação no Tom Brasil, depois de esfriados os anos de chumbo, revelou a história como se tivesse ocorrido com um amigo seu, tudo na terceira pessoa. Caritas e Pablo estavam na plateia e ficaram muito surpresos com a revelação. Acredito que Milton não aguentava mais guardar somente para si o segredo que atormentou sua vida por longos anos. Assim era no tempo da ditadura que escorraçou Caetano, Gil e Chico para a Europa, após prendê-los nas masmorras do Exército e exigir o seu auto exílio e por consequência a imediata saída da cena artística brasileira. Rita Lee foi presa por portar maconha, mas isso era apenas uma desculpa para intimidá-la por conta da sua irreverência e petulância nas suas letras e apresentações.

Aliás, o episódio da prisão de Rita Lee serve para mostrar que Elis Regina, apesar de ser chamada de pimentinha e ter suas famosas explosões de humor, era um poço de solidariedade e justiça. Ela, como já dissemos, não gostava da bossa nova e, também, não gostava do rock e era contra a guitarra elétrica. Portanto não era amiga da Rita Lee, não tinha nenhum tipo de relacionamento com ela. Porém, quando ocorreu a prisão ela foi a única pessoa que foi até a cadeia, enfrentou os policiais e exigiu ver a prisioneira e prestar sua solidariedade. A partir daí tornaram-se amigas. Rita diz que era chamada por Elis de Maria Rita e, mostrando quanto ela gostava da amiga, colocou esse nome na sua única filha mulher. Maria Rita, filha de Elis com Cesar Camargo Mariano, é, também, uma grande cantora. Essa história pode ser vista, contada em detalhes pela própria Rita, no vídeo da entrevista dada à jornalista Astrid Fontenelle.

1.2.2 Maria Bethânia

Maria Bethânia foi outro caso de explosão espontânea e inesperada. Menininha tímida de Santo Amaro da Purificação, começando a acompanhar Caetano nos bailinhos e showzinhos na cidade natal, de repente se vê convidada a participar nada mais nada menos do que no espetáculo *Roda Viva* no teatro Opinião em São Paulo. Este musical, com coreografia do genial americano Lenie Dale, vinha arrasando bairros em São Paulo, tanto pela qualidade de seus músicos e músicas como pela sua valentia e coragem em enfrentar desafiadoramente uma ditadura militar *censoral* que se imiscuia no conteúdo das letras e nas atitudes dos artistas, mostrando o seu flanco mais vulnerável ao procurar provocações onde na maior parte das vezes havia apenas arte e criatividade, como já enfatizamos. Nara Leão, a titular do show Opinião teve algum contratempo com a voz e a solução foi buscar Bethânia na longínqua Bahia. Dona Canô e o marido, temerosos pela pouca idade e falta de experiência da filha na cidade grande, um horror de perdição na ótica conservadora da tradicional família Santo-amarense, tipicamente interiorana, escalaram o irmão Caetano para acompanhá-la e cuidar da sua virgindade na capital mais moderna, pecaminosa e luxuriosa do país.

Deu no que deu: Bethânia explodiu cantando o Carcará de João do Valle *que pega, matá e come* os borrego da caatinga. Os borregos eram os bezerrinhos que nasciam e serviam de antepasto aos carcarás que não tinham outra saída: devorar os recém nascidos ou morrer de fome. Pois só havia restos de vegetação esturricada e queimada pelo sol inclemente no agreste nordestino. Um libelo forte, doído e dolorido contra as agruras da seca, um retrato da terra incandescente e

arrasada de um nordeste castigado pelas secas e sugado pelos políticos inescrupulosos. Secas estas que consumiram tantas verbas governamentais para combatê-las e que acabaram por se perder nos meandros burocráticos da corrupção. Quem se lembra da Sudene que recebia incentivos das nossas deduções do Imposto de Renda para aplicar no Nordeste. Quem se lembra de José Inocêncio, presidente da Câmara, aquele safado que usou verbas governamentais para mandar construir poços artesianos em suas propriedades? Será que esses carcarás não seriam os homens do governo se refestelando com as verbas desviadas de finalidade e engordando suas despensas e suas contas bancárias????? Quando tentaram censurar tais obras, na verdade vestiram a carapuça. Mas, isso é outra história.

Maria Bethânia explodiu, Caetano faturou o festival com sua Alegria, Alegria e na esteira vieram Gilberto Gil, Gal Costa, a Gracinha de Salvador e tantos outros. Criaram o movimento Tropicália e fizeram história. As alegres tarde de domingo juntando Roberto Carlos, Erasmo, Wanderléa, Demétrius e até Sérgio Reis cantando baladinhas nunca foram tão alegres.

Na época do show Opinião vieram as músicas de protesto ou de denúncias contra as misérias da seca do Nordeste. Um compositor corajosamente gravado por Nara Leão, além de Zé Ketí, foi João do Valle e seus grandes sucessos foram *Pisa na Fulô*, o *Canto da Ema* e *Carcará* interpretada com grande vigor por Maria Bethânia no show Opinião. Rolando Boldrin, um apresentador a quem muito respeito pelo registro e resgate que faz de verdadeiros músicos esquecidos e ignorados pela grande mídia como Saulo Laranjeira, Elomar, Juraídes da Cruz, Xangai, Luiz Vieira, Antonio Nóbrega e tanta gente boa que existe e a gente sendo obrigado a ouvir *breganejo* e *sertanejo* seja nos bares, peixarias e outros tantos locais. Só porcaria. Boldrin conta, com grande competência, um *causo* do João do Valle: Veio do nordeste um coronel rico que contratou João do Valle para fazer um show na sua terra natal no interior de uma cidadezinha do Ceará. Foi um rebuliço: o maranhense João do Valle, alçado à categoria de compositor predileto da esquerda corajosa da MPB, viria para aquele fim de mundo onde nunca acontecia nada, muito menos shows musicais. Montaram um palco na praça da Matriz, foi juntando gente vinda de longe, atraída pela fama de João. Este chegou no vilarejo, foi recebido com pompas e foguetório e finalmente subiu ao palco. Deu o tom aos músicos e começou a cantar: *Pisa na fulô, pisa na fulô, pisa na fulô mais num machuca o meu amô* e assim por diante.

O povo vibrando e aplaudindo. Repetiu a música novamente e novamente e novamente. *Pisa na fulô, pisa na fulô* e continuava a mesma cantilena e o povo gostando. O Coronelão se encheu daquela repetição e mandou o recado: *Chega de pisa na fulô, manda tocá ôtra coisa, num gastei um dinherão pá fica escuitando essa ladainha de repitição*. João do Valle começou então uma canção triste falando da vida dura do sertanejo, explorado pelos grandes proprietários dando terras para meação em condições nada generosas, fazendo-os comprar em seus armazéns que vendiam até cereais carunchados e ficar devendo eternamente aos grandes latifundiários. Numa dependência eterna travestida de escravidão. Além do ânimo da plateia arrefecer o coronel não gostou do conteúdo das letras. Sentiu que a carapuça lhe vestia perfeitamente e deu a ordem: *Manda pará, toca pisa na fulô mêmo í pode repiti quantas veiz quisé*. Saboreie a história contada pelo Rolando Boldrin no seu programa, finalizando com *O Canto da Ema*, outro sucesso de João, cantada por Kelly Rosa. As canções de protesto lhe fizeram sentir o tapa de luva de arame farpado que João desferia na cara dos grandes coronéis, latifundiários e eternos exploradores da pobreza. Durante anos João do Valle manteve na Rua do Catete, no bairro do mesmo nome no Rio de Janeiro, o Forró Forrado, onde se podia dançar e ouvir, toda semana, a autêntica música do Nordeste.

1.2.3 Rolando Boldrin

O programa de Rolando Boldrin, como mencionamos faz um resgate espetacular de cantores, músicos, *performers*, poetas do agreste e tantos outros que este Brasil tão rico em todos os sentidos, faz questão de esquecer e só valorizar os modismos idiotas e sem sentido que proliferam nas rádios, emissoras de TV etc. etc. Que sentido tem uma letra de um *rap* e mesmo dos *funks* grosseiros e escatológicos? Mas não é disso que queremos falar e sim dos grandes artistas, deletados pela mídia comercial e de ocasião, que só dá chance a novidades insossas às quais nem daremos o prazer de citar. Nulidades que infestam os meios de comunicação, contribuindo isto sim, para nivelar por baixo o nível da cultura nacional. Sucessos temporários criados à fórceps pela gravadora Som Livre, que com a muleta da Globo faz acontecer pela repetição dos comerciais. Rolando Boldrin, ele próprio cantor, compositor, exímio declamador e até violeiro bissexto resgata algumas preciosidades esquecidas dos mais remotos rincões interioranos do nosso país a exemplo de Elomar, Vital Farias, Xangai, Juraíldes da Cruz, Canarinho o pequeno comediante negro de enorme talento e hoje esquecido e tantos outros.

1.2.4 Elomar

Cantor, poeta, considerado por Vinícius de Moraes um menestrel do sertão que uniu a tradição trovadoresca da música medieval e a poesia do agreste. Compositor de músicas lindas como Campo Branco gravada por Elba Ramalho e Diana Pequeno, que canta as agruras de um sertão escasso de chuva e a mudança do campo branco, todo florido, que seca e muda de cor à espera da abençoada chuva, usando um vocabulário autenticamente sertanejo. Compôs também óperas rurais que contam de maneira singela porém não menos poética desde uma festa de casamento rural até uma simples visita a uma feira da cidade grande como na música O Pidido gravada por Elomar e também por Carmina Juarez, de excelente formação musical, filha do maestro campineiro Benito Juarez e de uma cantora lírica. Elomar Figueira Mello, recusa-se a ingressar no chamado circuito comercial e vive em uma pequena propriedade perto de Vitória da Conquista no interior da Bahia, *pás banda* da cabeceira do Rio Gavião e de lá só sai para raríssimas incursões musicais nas grandes capitais. Reclama quando tem que deixar a sua criação de bodes mas, quando desfia seu repertório, com sua figura de sertanejo, barba por fazer, chapéu de couro de vaqueiro, calçando botinas e calça surrada de gabardine, mostra uma sensibilidade que jamais poderíamos imaginar ao depararmos com sua figura no palco.

1.2.5 Saulo Laranjeira e Outros tesouros descobertos

Mais conhecido como humorista da Praça da Alegria, herdada por Carlos Alberto da Nóbrega do pai Manoel de Nóbrega, o homem que inventou o Baú da Felicidade e depois vendeu sua parte ao espertíssimo Sílvio Santos. Saulo, além de excelente humorista, criador de personagens riquíssimos e que se transforma em tipos e caretas memoráveis é um cantor de grande sensibilidade e também autor de músicas lindas. Sua interpretação de Tocando em Frente de Almir Sater é marcante e profunda, pungente na interpretação e de uma pureza incrível assim como o foram de extrema pureza Pena Branca e Xavantinho, Tonico e Tinoco, sem falar nos excepcionais e até hoje insuperáveis Alvarenga e Ranchinho. Pelo autêntico Som Brasil, também já desfilaram Cascatinha e Inhana, dupla caipira pura de raiz com uma afinação de Inhana que me impressiona cada vez que volto a ouvir. Cascatinha que ganhou esse apelido por ser da cor de uma cerveja escura carioca famosa na época no Rio de Janeiro, se apresentava em circos mambembes pelo interior e na

cidade de Araras-SP, viu do palco a mulata brejeira e bonita que o comia com os olhos na primeira fila de cadeiras do circo. Terminado o espetáculo, engatou o namoro e já a *roubou* e levou para acompanhá-lo nos espetáculos circenses formando uma dupla que encantou o Brasil. Entre outros sucessos: Colcha de Retalhos, Cafezal em flor e Índia.

Outros resgates de Boldrin no Sr. Brasil:

- Vander Lee, um mineiro simples autor de canções lindíssimas como Esperando Aviões e Céu de Santo Amaro, gravada também por Caetano Veloso.
- Xangai, cantor e menestrel, parceiro de Elomar.

1.2.6 Fernando Faro

Também fez um grande trabalho de resgate. Carinhosamente chamado de Baixo, no seu programa Ensaio na TV Cultura, tinha um estilo de apresentação totalmente peculiar focando apenas o entrevistado e suas respostas, omitindo as perguntas do entrevistador. Faro adotou esse estilo quando era repórter policial e conseguiu entrevistar o famoso assaltante de residências de São Paulo, Meneghetti, termo que virou sinônimo de gatuno. O meliante foi preso em uma delegacia no bairro de Pinheiros, na capital e FF num grande furo jornalístico conseguiu entrevistá-lo pela janela da cela, passando-lhe um microfone e fazendo as perguntas do lado de fora. Com um único microfone foram gravadas apenas as respostas do bandido. Ou seja: pelas respostas dadas você adivinha o que foi perguntado. Adotou esse estilo com grande competência no programa Ensaio, que foi apelidado popularmente de feijoada, pois a câmera fixava a boca do artista, o nariz, as mãos e o gestual com raras filmagens em plano aberto. Fez disso sua marca registrada. Ficaram gravados testemunhos memoráveis.

Tenho praticamente toda a coleção de CDs e livros do programa, lançados pelo SESC. São oito caixas com cerca de 13 CDs em cada uma. Cheguei a gravar alguns programas no tempo das enormes fitas VHS mas a qualidade não ficava boa e acabei descartando-as mas sempre fui fã dos programas do Baixo. Como se vê sou um apaixonado pelos trabalhos de resgate dessa nossa riquíssima cultura.

1.2.7 Zé Ketí

Compositor que fez grandes sucesso na época do show Opinião, também trazido à ribalta por Nara Leão. A sua Máscara Negra foi praticamente incorporada ao Carnaval brasileiro. Sempre tocava e era uma delícia porquê entre as barulhentas marchinhas de letras bobinhas, uma Máscara Negra permitia uma dança de rosto colado (e corpo também). Era a chave mágica para se aproximar, ou melhor se encostar, naquela gatinha que você arrastou para o salão e estava tentando conquistar e tirar uma casquinha de carnaval. Coisa deliciosa. Dançar tipo *fazendo compras no supermercado* era uma coisa muito boa. A *mina* era o carrinho de compras e a gente ia empurrando pelo salão grudado na cinturinha e vamos ser francos: na bundinha também. *Tempo bão, num vórta mais*, como cantava o Lilico, batendo um bumbo. Outra figura folclórica de passagem efêmera pelo cenário televisivo e radialístico. Outra música *cochadeira* boa para o Carnaval era da Gal Costa: *Não se esqueça de mim, Não se perca de mim, Não desapareça, A chuva tá caindo, E quando a chuva começa, Eu acabo de perder a cabeça, Não saia do meu lado, Segure no meu pierrô molhado*. Essa era praticamente um convite para aquele agarramento no salão quando as letras e a brincadeira

ainda eram bobinhas apesar da gostosa malícia quase infantil. Nada parecido com os bailes funk de sexo explícito de hoje. *Tempo bão, num vórta mais*. Viva o Lilico. De novo.

1.2.8 Paulinho da Viola

O *Príncipe do Samba*, é realmente uma majestade, do alto da sua simplicidade, elegância e modéstia brilha no universo da MPB com letras lindíssimas, sambas antológicos como Foi um rio que passou na minha vida (gravação incrível no sítio do Zeca Pagodinho, com um montão de bambas da MPB), Coisas do mundo minha nega, Coração leviano, Timoneiro que eu adoro e já incluí nos meus textos e a magistral Sinal Fechado, um retrato perfeito do cotidiano da vida louca das grandes cidades, do desamor, da dor da separação, da frustração profissional e do consolo no apoio de um amigo, numa conversa fugaz enquanto o sinal de trânsito não abre. Além de tudo resgata verdadeiros tesouros como Nova Ilusão, de Claudionor Cruz e Pedro Caetano que em seus versos lindos fala:

“É dos seus olhos a luz, que ilumina e conduz a minha Nova Ilusão

É nos teus olhos que eu vejo o amor, o desejo do meu coração

És um poema na terra, uma estrela no céu, um tesouro no mar

És tanta felicidade que nem a metade consigo exaltar

Se um beija flor descobrisse a ternura e a meiguice que seus lábios tem

Jamais roçaria as asas brejeiras em jardins de ninguém

Oh dona dos sonhos, ilusão concebida

Surpresa que a vida me fez das mulheres

Há no meu coração uma flor em botão que abrirás se quiseres”

Paulo César de Farias, nascido na vertente do samba, filho de Paulo de Farias, exímio violonista e que participou do conjunto Época de Ouro, tem que fazer parte da Enciclopédia do Samba, se ela existir ou for criada. Calmo e tranquilo, leva uma vida simples e nunca ostentou ares ou maneirismos de artista. Compra carros antigos e os mantém em sua garagem declarando com toda a calma do mundo, que um dia irá recuperá-los mas que não há pressa. Que tem todo tempo do mundo.

1.2.9 Tim Maia

Falar em Tim Maia é contar histórias, pois este tem muitas. Era chegado numa maconha e *outras coisas más* tanto que falava: Não bebo, não fumo e não cheiro mas às vezes minto um pouquinho. Tempos de ditadura no Brasil e ele inventou, sem explicar o porquê, o termo *garrastazu* para designar um lugarzinho escondido e sossegado para puxar o seu fuminho. *Dar um tapa na cara da onça*, como dizia Luiz Melodia. Num fechamento de contrato enquanto os executivos discutiam detalhes numa sala de reuniões ele pediu licença para ir ao banheiro e chamou o Renato Piau dizendo que tinha descoberto um *garrastazu legal para dar um tapa*. Entrou por um corredor estreito que ia dar num *bequinho* escondido no próprio prédio e deu suas puxadas gostosas. O que ele não sabia era que estava exatamente no ponto de entrada e saída dos aparelhos de ar condicionado e os aparelhos mandaram para dentro da sala toda a fumaça da maconha do *garrastazu*. Renato Piau é um exímio violonista que acompanhava Luiz Melodia e quando chegou ao Rio, vindo do Maranhão

foi se abrigar no *cafôfo* de Tim Maia. Um apartamento coração de mãe que já abrigava uns dez artistas, ou seja quartos e camas ocupados. Tim, no seu estilo despojado decretou: O Renato, vai pro dromedário então. Era um sofá velho num canto da sala com uma mola saltada como a corcunda de um camelo.

Tim estava tão acostumado a ser pego pelo guarda de trânsito sem documentação do carro, com carta vencida que tinha até feito amizade com o policial. Um dia, sem um puto no bolso, parou no guarda e pediu dinheiro emprestado. E foi atendido. Tim, aliás Sebastião, ainda garoto já mostrava sua esperteza. Entregava marmitas que a mãe preparava e no caminho, roubava uma almôndega de cada marmita para comer, e como era apenas uma ninguém dava pela falta. Quando foi para a América, sem lenço e sem documento entrava nos supermercados com um casaco enorme e escondia frangos assados inteiros nos enormes bolsos. Participou de um assalto à uma residência com amigos e assumiu a bronca: puxou cana e foi mandado de volta para o Brasil. Sempre foi totalmente desorganizado e nunca ligou nem para a higiene pessoal. Nos últimos dias de sua turbulenta vida a sala do seu apartamento tinha dezenas de sacolas de supermercado com restos de comida, garrafas e latinhas jogadas pelo chão. Uma festa para ratos e baratas. Mas, na seara musical esbanjava talento. Estou vendo um show dele agora e faz percussão num tamborim com grande competência. Voz gutural de negro, cujo sangue corria em suas veias, *timing* perfeito, balanço e um ouvido agudíssimo capaz de parar a sua banda Vitória Régia no meio de uma performance para corrigir uma nota errada. À exemplo do que fez Ray Charles no show que vi em São Paulo. Dizia sofrer de *cornitude existencial* e levou chifres mesmo, o que o levou a compor lindas canções como Me dê motivo e Vale Tudo. Criou a expressão *O Síndico* para designar um cara mandão e foi até homenageado por Jorge Bem na música W/Brasil.

1.2.10 Bossa Nova

O cupim do boi é chamado de bossa e ele se movimenta conforme o andar bovino e isso dá um *balanço cadenciado*, então a tradução literal seria um balanço novo. Na verdade a palavra bossa acabou tomando o sentido de moda ou modismo mas a sua origem vem do cupim do boi mesmo. Voltando ao *O Beco das Garrafas*: Ali a geração de Tom Jobim costumava se encontrar para tomar a saideira, bater papo e brincar descompromissadamente tirando sons e muitas vezes criando *batidas novas*, ou fundindo ritmos. Era na verdade o ponto para a suas *jams*. Durval Ferreira, um bossa-novista da *gênesis do gênero*, com perdão do cacófato, compôs Batida Diferente evidenciando justamente essa *coisa nova*, que pontificada por João Gilberto, veio a desaguar na tão cultuada e propalada *Bossa Nova*.

Passando para o Beco das Garrafas que na verdade foi batizado como Beco das Garrafadas, e por praticidade ou preguiça virou o Beco das Garrafas. Isto devido à algazarra dos boêmios, altas horas da noite e o pessoal dos prédios vizinhos que queria dormir, atirava garrafas no meio da rua que dividia os prédios e que nos fundos abrigava o Beco. Leny Andrade debutou ali com 15, 16 anos. Entrou escondida por ser *de menor* e foi colocada em cima do piano, pois era muito baixinha. Cantou divinamente e alguém lhe perguntou se tinha a inspiração em Sarah Vaughan. Ouvindo a pronúncia em inglês Sara Voan, perguntou quem voava. Não tinha a menor ideia de quem era a grande diva da soul music. Desta geração participaram Durval Ferreira, grande músico, arranjador e produtor de discos, já citado, João Donato e Johny Alf, entre muitos outros. Aliás Johny Alf perdeu o bonde da bossa nova. Esteve no famoso show do Carnegie Hall e acabou ficando por Nova York, tocando em barzinhos para poder se manter por ali mas, nessa época a nossa música era *esnobada* pelos americanos, que achavam que só tínhamos samba, que andávamos pelados e que só

comíamos bananas. Quando voltou ao Brasil, a bossa nova já tinha explodido e a música brasileira começava a ganhar respeito internacional. Tanto que houve o famoso encontro de Tom Jobim com Frank Sinatra.

Aliás esse acontecimento foi muito curioso. Tom bebia com os amigos no bar Veloso, tradicional point de Ipanema de onde assistia o desfile de Helô Pinheiro, musa inspiradora da canção mais tocada do mundo: Garota de Ipanema, de Tom e Vinícius de Moraes. O sucesso foi tanto que o bar mudou de nome para bar Garota de Ipanema e a rua, que se chamava Montenegro, passou a se chamar Rua Vinícius de Moraes! Os cariocas mais antigos, para demonstrar que são cariocas *da gema* ainda chamam a rua de Montenegro e o bar de Veloso. Chatos há em toda parte! Voltando ao Tom, ele estava lá com seu choppinho, tocou o velho telefone preto do bar e o garçom se dirige à mesa dos confrades chamando pelo Tom: Ligação de Nova Iorque para você Tom, o Frank Sinatra está na linha. Tom, desconfiado de algum trote, alguma *aprontação* dos amigos levantou-se dando risada e preparado para a brincadeira. Mas não era zoeira não. Era o próprio Sinatra convidando para gravar nos States. O que se viu depois todo mundo sabe. Tom aparecendo na famosa revista Bill Board com Garota de Ipanema, Águas de Março e outras tantas que explodiram como as canções mais executadas do mundo. Cultuado pelo próprio Sinatra e por Dina Shore que quando o recebeu em sua casa se atirou ao chão, dizendo que queria beijar os pés do maior compositor de música popular do mundo. Os convidados da festa: Henry Fonda, Milton Berle e outros da constelação hollywoodiana. Frank Sinatra em apresentação no Carnegie Hall, sabendo da presença de Tom na plateia interrompeu a canção no meio, pediu para jogar a luz no ilustre espectador, pois queria agradecer a presença do *maior compositor de MPB* que já tinha conhecido.

Outro bar famoso da região foi o Antonio's, no Leblon, que, infelizmente, encerrou suas atividades em 1997. Pontuavam por ali, além do Tom, Vinícius de Moraes, Otto Lara Rezende, Nelsinho Motta, quase imberbe ainda, Ruy Guerra, Chico Buarque, Ferreira Gullar, Hugo Carvana e o encenqueiro Roniquito, cujas histórias desfiaremos depois, ou seja a nata da nata da intelectualidade carioca em todos os segmentos: música, teatro, cinema, dramaturgia e por aí vai.

Jobim trabalhava na noite como pianista e suava para levar o dinheirinho para casa. Pulava literalmente, de galho em galho fazendo malabarismos pianísticos para manter a família. Quando explodiu a bossa nova e houve a gravação do long play a Noite do Meu Bem com a fabulosa Elizeth Cardoso os ventos começaram a mudar de direção. Vinícius fez uma letra em forma de carta, Carta ao Tom 74, para uma música do Tom contando a história da gravação do LP. A canção fala: *Rua Nascimento e Silva, 107, você ensinando pra Elizeth as canções do amor demais...*, que era onde Jobim morava. Elizeth, aos dezesseis anos, foi descoberta quando convidada por Jacob do Bandalim para um programa de calouros da Rádio Nacional. Trabalhou como *táxi girl* no famoso Dancing Avenida, na Av. Rio Branco, no Rio de Janeiro, e há até insinuações de que *fazia a vida*. Conhecida como *A Divina*, apelido dado por Haroldo Costa, também era chamada de *Machado de Assis da Seresta*, *Lady do Samba*, *A Magnífica*, por Mister Eco, e *Enluarada* por Hermínio Belo de Carvalho. Aliás tem uma música gravada por ela que curto há mais de 50 anos mas que nunca se ouve nas rádios e por achá-la tão linda vou transcrever todinha:

TUDO É MAGNÍFICO – Elizeth Cardoso e Moacyr Silva

“Magnífica é aquela tragada puxada depois do café;

Magnífica é a escola de bola de um homem chamado Pelé;

Magnífico é o papo da tarde na roda de amigos no bar;

Magnífico é o barco voltando depois dos castigos do mar;

Magnífica é a lágrima calma que tantos segredos contém;

Magnífico é o homem do espaço que voa num céu de ninguém

Formidável sou eu que abraço no espaço a saudade de alguém;

Formidável sou eu esperando, sabendo que você não vem”

Talvez por essa música, Elizeth ganhou o apelido de Magnífica.

1.2.11 Leny Andrade

Neste momento puxei no youtube um show da fabulosa Leny Andrade com o fantástico Miéle como mestre de cerimônias. Num show da ABL com produção de Ricardo Cravo Albin, com repertório de Jobim. Miéle declama o Urubu de Jobim, fazendo piada que nunca tinha visto uma homenagem tão linda a um bicho tão feio. O cara tinha presença de espírito, de palco, elegância de sobra e fez um dueto maravilhoso com a baixinha na música Ela é Carioca, cantada aqui por Caetano Veloso em homenagem à Leny. Vale a pena baixar. Hoje se usa muito o termo MC: MC Guimê e outros que tais mas eu acho muita presunção. MC mesmo era Miéle, o resto é apenas modismo da mídia mercantilista.

Miéle, além de produtor, fez dupla como compositor com Ronaldo Bôscoli, era excelente apresentador e até cantor bissexto. Era também um grande contador de histórias e por meio dele soube da existência de Roniquito, um boêmio e bebedor inveterado, presença constante nos bares da moda. Era de tradicional família carioca com sobrenome pomposo: Ronald Russel Wallace de Chevalier mas na verdade era um *aprontão*, encenqueiro, criador de casos e briguento, não necessariamente nessa ordem. Miéle, com toda sua picardia conta que Roniquito, estava num desses bares, talvez o Vilarinho, ou o Lamas, Zepellin ou Jangadeiro, os bares da moda na época jobiniana e já tinha tomado todas e mais algumas quando entra uma senhora super bem vestida, *elegantíssima*, com seu lorgnon, echarpe, saltos altos e carregada de jóias. Roniquito, irreverente e já com a voz pastosa exclama:

-Mas quanta elegância minha senhora. De onde vem com tamanha classe à esta hora da noite?

-Meu senhor, eu venho do Teatro Municipal.

Roniquito, um crítico ferrenho da sociedade de consumo:

-Do Municipal, aquele antro decadente da aristocracia podre, hipócrita?

-Meu senhor eu fui ver Bejart. O senhor não gosta de Bejár?

-Não minha senhora, eu prefiro *fudê*.

-Que insolente, que falta de respeito: eu estou falando de Maurice Bejart, o grande coreógrafo francês, supra sumo do balé moderno.

E Roniquito, do alto da sua cultura erudita, mesmo que alcoolizado:

-E eu estou falando de Pierre Foudet. Outro grande coreógrafo.

Obviamente que só a vasta cultura do boêmio tinha conhecimento desse tal coreógrafo..

Esse era o Roniquito que para se vingar de amigos, que não o convidaram para uma grande festa na beira da piscina, lotou um caminhão de Sonrisal e mandou jogar na dita piscina para estragar a brincadeira. Fez ferver a festa, literalmente. Roniquito terminou seus dias em decadência tendo sido até atropelado numa avenida movimentada do Rio. Era irmão da atriz Scarlet Moon que escreveu um livro sobre a vida dele. Leitura muito interessante pois traz um relato das alegres e

movimentadas noites da boemia carioca.

Mais uma curiosidade: Roniquito foi quem cunhou a expressão *Aspone*, assessor de porra nenhuma. Descobri agora no PG (Professor Google).

Miéle conta outra história, esta de Jorge Veiga. Eram os tempos de programas de auditório e Jorge Veiga, grande sambista, estava ao microfone da Rádio Nacional na Praça Mauá, ao lado do cais do porto prestes a iniciar uma gravação e com dificuldade para pegar o tom da música. No exato momento em que estava acertando, um navio de partida do estaleiro Mauá, acionou aquele apito prolongado com sonoridade máxima: Piúúúúúúúú. E o Jorge Veiga no mesmo tom do apito, e no compasso da música (ainda vou lembrar dela) emenda: Eu quero que o naviuuuuuuuuuu vai pá puta que pariuuuuuuuuuuuuu. Conta também a história do ditado: *Não quero saber se a mula é manca, eu quero é rosetá*. Eu sempre pensei que era um ditado chulo e que rosetá seria a famosa encostada no cupim da égua *barranquera* mas não tem nada a ver. Existe uma versão para o fato que não consegui confirmar: Houve uma distribuição de prêmios em Paris e os agraciados ganhavam uma roseta de ouro, após um nhoque servido no jantar. A organização não contava com um público tão grande e acabou o nhoque e também as rosetas de ouro. Quando alguém anunciou: *La moule manque*, a comida acabou segundo essa versão, Jorge Veiga teria dito: que me importa que a mula manque, o que eu quero é rosetá, ou seja levar uma roseta de ouro para casa. Bem, não achei o termo *le manc* em Francês, mas *le moule* significa *a mula*.

1.2.12 Cauby Peixoto

Confesso que não gostava do cantor e não era por pruridos homofóbicos mas por seus trejeitos exagerados e pelos seus excessos nas improvisações guturais que eu achava exibicionista mas, quando o vi num palco, ao vivo, mudei totalmente o meu conceito e também acho que as imposições mercadológicas das gravadoras o obrigavam a representar aquele estereótipo que provocava *frisson* nas moçoilas com ímpetos de rasgar e até mesmo arrancar suas roupas. E nessa apresentação, Cauby já estava com a saúde debilitada, e até com dificuldade de locomoção. A apresentação foi no bingo do Adilson Monteiro Alves, ex dirigente do Corinthians, na Avenida Ibirapuera. Normalmente as apresentações ali eram num pequeno palco na altura do mezanino, onde eu assistia os shows na mesa do próprio Adilson, quando ele não estava presente. Mas Cauby se apresentou num palco improvisado ao rés do chão porque simplesmente não conseguiria galgar os degraus do palco elevado. Mesmo nesse palco improvisado, para vencer um simples degrau teve que ser amparado e alçado pelos seguranças ao nível de mais ou menos trinta centímetros. Mas, quando empunhou o microfone e desfiou seu repertório foi um assombro. O microfone era mantido na altura do baixo ventre pois acredito que se o levasse ao nível da boca daria microfonia, tal a potência do vozeirão. Ou seja, cantava com o microfone a mais de 40 centímetros da boca e mesmo assim a voz que brotava era muito potente. Confesso que nunca vi nada igual. Sua interpretação de Bastidores de autoria de Chico Buarque é incomparável, além da versatilidade para cantar New York New York à altura de Frank Sinatra, e outros gêneros com interpretação personalíssima. Era de uma família de músicos e pude ver seus irmãos tocando: Moacyr Peixoto, competente pianista da noite e Araken Peixoto, um pistonista maravilhoso que ouvi e conversei no Maksoud Plaza, como já contei ou contarei mais adiante pois confesso que fiz tamanha barafunda no script que estou totalmente perdido.

1.2.13 Mestres Marçal, pai e filho, e Bide

Garimpando os fantásticos programas de Fernando Faro na TV Cultura, o ENSAIO, me deparei com Mestre Marçal (Nilton Delfino Marçal), de quem já tinha ouvido falar superficialmente pois sabia que é do time da Velha Guarda da Portela, Nelson Sargento, Wilson das Neves, Clementina de Jesus e tantos outros contemporâneos, felizmente trazidos à luz por pessoas como Hermínio Bello de Carvalho e a fabulosa Marisa Monte que fez um filme documentário onde vai “escarafunchar” a casa do Cartola, se não me engano, e descobre preciosidades como um velho caderno cheio de composições inéditas, que nunca vieram à luz.

Muito bem, mestre Marçal que foi figura de proa em várias escolas de samba cariocas é filho de Marçal, que foi parceiro de Bide com quem compôs muita coisa boa. Mestre Marçal, o filho, conta que Bide foi o inventor do surdo, que é parte intrínseca dos blocos, dos bons grupos de samba e das boas formações de grupos musicais. Para mim o surdo faz o mesmo papel do baixo nos trios musicais: marca e preenche o fundo musical com a mesma imprescindível função do baixo, seja elétrico ou de pau. Bide queria um instrumento de percussão poderoso e com seus poucos recursos e fértil imaginação pegou uma lata de manteiga de 20 kg, umedeceu e torceu sacos vazios de cimento, secou-os no fogo e construiu um instrumento que hoje não pode faltar nos conjuntos de samba, à exemplo do tamborim e da timba. Aliás, Mestre Marçal acha que o tamborim também foi uma invenção do criativo Bide. Fernando Faro também fez um programa Ensaio com Bide e Marçal que pretendo rever, agora com outros olhos, dada a importância que Bide passou a ter para mim depois de descobrir seus inventos. A lata de manteiga de 20 kg foi uma novidade para mim, não sabia que era comercializada nessa quantidade enorme para um produto como manteiga. Mas me lembro vagamente que nos tempos de infância ouvia pessoas falarem que iriam comprar uma ou duas libras de manteiga e acho que essas pequenas quantidades, fracionadas, eram vendidas embrulhadas em papel, talvez daí a denominação do papel manteiga. Vou pesquisar. Bide, ou melhor Alcebíades Maia Barcelos (1.902-1.975) e Armando Vieira Marçal (1.902-1947) fundam por volta de 1.930 junto com Ismael Silva o bloco carnavalesco Deixa Falar, já com formato de escola, pela qualidade dos compositores e daí, provavelmente, deriva o conceito de Escola de Samba, termo até então inexistente. A dupla foi muito prolífica nas composições e abasteceu Carmen Miranda e Francisco Alves. A primeira composição da dupla Agora é Cinzas (aqui na voz de Mário Reis com regional) foi eleita em 1.970 como o samba mais bonito de todos os tempos. “Você partiu, saudades me deixou. Eu chorei, saudades me deixou, eu chorei O nosso amor foi uma chama que o sopro do passado desfaz, Agora é cinzas, tudo acabado e nada mais.”

1.2.14 Mestre Ambrósio

Conheci o grupo ocasionalmente em uma série chamada *RUMOS* Que o Itaú Cultural apresentou na virada do século. Comandados por Siba, empunhando um violino, é acompanhado por músicos altamente performáticos. O zabumbeiro com uma cabeleira de uns 2 kg saracoteia e faz malabarismos com sua pesada zabumba que gira no ar, quase raspa no chão numa coreografia mista de capoeira mesclando os passos do “cavalo marinho”, “caboclinho” além do chote e do maracatu. Aliás o propósito do grupo é resgatar esses ritmos peculiares do nordeste, que além de alegres e graciosos convidam à dança. Impossível ficar parado naquela apresentação do Mestre Ambrósio. Pulei da cadeira e saracoteei com gosto, muito embalado pela presença de uma estonteante morena brejeira que também dançava na plateia com muita graça e leveza. No final descobri que era a mulher do Siba, o *band leader*. Pena que o grupo teve breve duração, como explica Siba a Fernando Faro, no Ensaio, por incompatibilidades de liderança e também financeiras devido aos custos para

manter um grupo razoavelmente numeroso. O ritmo é contagiante, a alegria performática dos músicos no palco e a sua intensa movimentação, chegando até a se jogar e a se deitar no palco transbordam para a plateia, que como eu, não consegue permanecer apenas sentada. Música síntese do grupo, Fuá na Casa de Cabral é uma deliciosa e engraçada versão da descoberta do nosso país pelo português famoso. O humor picante vem numa frase de Cabral que diz mais ou menos o seguinte: se soubesse o que iria descobrir no Brasil, mandava cobrir de novo. Picardia, malícia, ritmo empolgante, performance estonteante. Tudo junto cria um clima de festa alegre, debochada e altamente contagiante.

1.2.15 Cartola

Este programa levado ao ar em 1.974 ainda não era chamado de ENSAIO e sim de MPB ESPECIAL e nos traz Cartola, na companhia da Dona Zica, sua segunda mulher. Faro não pergunta mas a origem do apelido Cartola, sei por outras fontes que teve a seguinte história: Angenor de Oliveira, o Cartola, nascido em 1.908 e falecido em 1.980 era calceteiro, ou seja trabalhava de assentar pedras no solo e devido ao sol escaldante usava um chapéu coco diferente dos usuais chapéus de palha com abas largas para proteger a cabeça e o rosto. Em função do adereço diferente usado na cabeça ganhou dos colegas de trabalho o apelido de Cartola, que carregou para o resto da vida. Foi fundador, deu nome e escolheu as cores para a Estação Primeira de Mangueira. Sambista nato, compositor sensível que fez O Mundo é um Moinho, cantando aqui ao lado do pai, para a filha que deixava a casa para enfrentar o mundo:

Ainda é cedo amor.
Mal começaste a conhecer a vida,
já anuncias a hora da partida,
sem saber mesmo o rumo que irás tomar.
Preste atenção querida.
Embora eu saiba que estás resolvida.
Em cada esquina cai um pouco a tua vida.
Em pouco tempo não serás mais o que és.
Ouça-me bem amor,
preste atenção, o mundo é um moinho,
vai triturar teus sonhos tão mesquinhos,
vai reduzir as ilusões à pó.
Preste atenção querida.
Em cada amor tu herdarás só o cinismo.
Quando notares estás à beira do abismo.
Abismo que cavaste com teu pés.

De uma sutileza incrível para um simples calceteiro, não acha? Pois a inspiração para a música não procura doutos ou cultos. Ela brota espontaneamente num homem simples como Cartola e num diamante bruto como Tim Maia, este com um ouvido musical aguçadíssimo. Voltando ao programa Cartola conta inclusive que, em 1.940, chegou a tocar para Leopoldo Stokovsky com a orquestra juvenil americana em um concerto a bordo do navio Uruguai, junto com Pixinguinha e outros bambas. Formou um terno de cabrochas e foi se apresentar ao grande maestro. Boêmio e farrista inveterado, foi expulso das escolas onde tentou estudar, inclusive o Rodrigues Alves e ainda expulso de casa depois de perder a mãe. Passou a perambular pela Mangueira quando chegou o cantor Mário Reis querendo comprar um samba seu. Nunca tinha ouvido falar em vender uma

música e relutou bastante. Resolveu pedir 50 contos de réis pela letra mas o intermediador sugeriu que pedisse quinhentos contos. Retrucou que era loucura, que ninguém pagaria mais de 50 contos por um samba. Com a insistência do amigo, pediu os 500 e acabou levando 300. Vendeu sambas depois inclusive para Francisco Alves e por isso nunca recebeu direitos autorais de tais composições. Dentre as suas magníficas composições vale ressaltar aqui a beleza e a sutileza de As rosas não falam:

Bate outra vez,
com esperanças o meu coração
pois já vai terminando o verão, enfim.
Volto ao jardim,
com a certeza que devo chorar,
pois bem sei que não queres voltar, para mim.
Queixo-me às rosas.
Que bobagem. As rosas não falam.
Simplesmente as rosas exalam
o perfume que roubam de ti.
Devias vir
para ver os meus olhos tristonhos
e quem sabe sonhavas meus sonhos, enfim".

Fica difícil até de descrever tanta beleza, tanta inspiração sem cair nos adjetivos repetitivos. Basta dizer apenas que é uma “obra prima”, como um quadro de Michelangelo, de Renoir ou a beleza arrebatadora de um Caravaggio. Uma inspiração divina, sem grandes explicações ou razões de ser. Apenas belos. Como um leigo, como descrever a beleza de tais obras primas? Basta apenas contemplar, admirar e aplaudir.

1.2.16 Juca Chaves

Jurandyr Czaczkes Chaves, ou Juca Chaves, nascido em 22.10.1938 é filho do judeu Josef Czaczkes e de Clarita Wainstein, filha de um judeu lituano.

Com formação em música erudita começou a compor ainda na infância. Iniciou a carreira profissional no fim da década de 50 tocando modinhas e trovas num estilo suave. Montou um circo de nome esdrúxulo perto da lagoa Rodrigo de Freitas onde apresentava o seu show “Menestrel Maldito”. Deu ao circo o nome de SDRUWS que contava ser um acróstico. S de “snob”, D de “divino Denner”, R de “ralé”, U de “uanderful”, W de “watercloset” e S “de Sdruws mesmo”. Como havia uma favela ao lado e Juca havia convidado políticos, empresários e a alta sociedade carioca foi negociar com a líder da favela, perguntando: “Como vai ficar o negócio do roubo?” Ela respondeu prontamente: “ Pode ficar sossegado seu Juca, que nós já pedimos proteção policial”. Com sua picardia característica contava essa história “se lixando” para as ditas “otoridades”. Crítico ferrenho do regime militar, da grande imprensa e do mercado fonográfico, não necessariamente nessa ordem foi exilado em Portugal, na década de 70, os anos de chumbo. Mas com suas sátiras demolidoras ao regime igualmente ditatorial, teve que deixar Portugal e se bandear para a Itália.

Em 1.980 lançou sua gravadora SDRUWS Records. Seu bordão preferido era “Vá ao meu show e ajude o Juquinha a comprar seu caviar”. Até aqui usei a pesquisa do Google mas daqui pra frente é por minha conta. Apresentava-se descalço e com calças de pescador, pelo meio das canelas e entrava no palco sempre com um banjo nas costas. Numa de suas apresentações trouxe duas meninas negras lindas, com 9 ou 10 anos, que contou que as havia adotado. Seus sucessos foram

“Caixinha obrigado”, “Menina”, “Que saudade”, “Por quem sonha Ana Maria?” “Presidente Bossa Nova” e apesar de não constar no Wikipédia, a sátira sobre o porta aviões comprado pelo Brasil. Cético, irônico e irreverente são adjetivos que não traduzem fielmente a sua identidade crítica e sarcástica. Contudo tem composições maravilhosas como “A Cúmplice”, que dediquei à minha mulher quando a conheci e com a qual conquistei seu coração. Vamos à ela:

Eu quero uma mulher que seja diferente de todas que eu já tive,
todas tão iguais
Que seja minha amiga, amante e confidente,
a cúmplice de tudo que eu fizer a mais;
No corpo tenha o sol, no coração a lua,
a pele cor de sonho as formas de maçãs;
A fina transparência, uma elegância nua
Um mágico fascínio, o cheiro das manhãs.
Eu quero uma mulher de coloridos modos
Que morda os lábios sempre que for me abraçar
Que o seu falar provoque o silenciamento de todos
Que o seu silêncio obrigue a me fazer sonhar
Que saiba receber, que saiba ser bem-vinda
e possa dar jeitinho em tudo que fizer.
E que ao sorrir provoque uma covinha linda
De dia uma menina, de noite uma mulher"

E ainda termina a música com um enigmático: *He, he.*
Outro sucesso do menestrel foi Sentir-se Jovem:

Sentir-se jovem é sentir o gosto
De envelhecer ao lado da mulher
Curtir ruga por ruga de seu rosto
Que a idade sem vaidade lhe trouxer
O corpo transformar-se em escultura
O Tempo apaixonado é um escultor
E a fêmea oculta na mulher madura
Explode em sensuais formas de amor
E a fêmea, esta escultura,
Já mulher madura
Explode em sensuais formas de amor

Ser jovem cinquentão não é preciso
Provar que emagrecer rejuvenesce
Pois a melhor ginástica é o sorriso
E quem sorri de amor nunca envelhece
Amar ou desamar sem sentir culpa
Desafiando as leis do coração
Não faça da velhice uma desculpa
E nem da juventude profissão
Idade não é culpa
Velhice não é desculpa

Nem mesmo a juventude é profissão

Fica mais velho quem tem medo de ser velho
 Roubando sonhos de alguma adolescente
 Dizer que ele "dá duas", que é potente
 Mentir para si próprio e para o espelho
 A idade é uma verdade, não ilude
 Quem dividiu a vida com prazer
 Velho é se drogar de juventude
 Ser jovem é saber envelhecer
 Velho é quem se ilude
 Que a idade é juventude
 Ser jovem é saber envelhecer

1.2.17 Gilberto Gil

Concerto de Cordas & Máquinas de Ritmo. Gravado Em 28.5.2012 No Theatro Municipal Do Rio De Janeiro, com a chancela do Selo *Biscoito Fino*, dirigido pelo cineasta Andrucha Waddington e produzido por Flora Gil.

A célebre frase de Oswald de Andrade: “Biscoito fino para as massas” inspirou o nome deste selo que é sinônimo de qualidade suprema. Qualquer show com este selo, seja Maria Bethania, João Bosco, o próprio Gil e outros será garantia de excelência nos quesitos de som, qualidade notável dos músicos, iluminação, apresentação do palco e nos mais mínimos detalhes que você possa imaginar. Note o tapete vermelho sobre o qual Gil toma assento. Vamos ao show:

Gilberto Gil é o baiano genial, que foi funcionário da multinacional Gessy Lever. Criador junto com Caetano, Gal e outros do movimento Tropicália, que veio na sequência do movimento Jovem Guarda, comandado por Roberto Carlos com a “mãozinha” de Carlos Imperial e que imperou com alegria nas *Alegres Tardes de Domingo*. Gil, um compositor de altíssima competência alia uma característica sui gêneris às suas composições: escolhe palavras musicalmente sonoras ou seja palavras que por si só ecoam musicalidade. Observe isso na música Drão, aqui acompanhado pelo companheiro de sempre Caetano Veloso, por exemplo. A música que fez para a mulher que ele chamava de Sandrão na intimidade:

Drão
 O amor da gente é como um grão
 Uma semente de ilusão
 Tem que morrer pra germinar
 Plantar nalgum lugar
 Ressuscitar no chão
 Nossa semente
 Quem poderá fazer
 Aquele amor morrer!
 Nossa caminhadura
 Dura caminhada
 Pela estrada escura
 Drão
 Não pense na separação

Não despedace o coração
O verdadeiro amor é vão
Estende-se, infinito
Imenso monolito
Nossa arquitetura
Quem poderá fazer
Aquele amor morrer!
Nossa caminha dura
Cama de tatame
Pela vida afora
Drão
Os meninos são todosãos
Os pecados são todos meus
Deus sabe a minha confissão
Não há o que perdoar
Por isso mesmo é que há
De haver mais compaixão
Quem poderá fazer
Aquele amor morrer
Se o amor é como um grão!
Morre nasce, trigo
Vive morre, pão
Drão

Repare que as rimas musicais propiciam a sonoridade mediante um jogo de palavras propositalmente escolhidas tanto para a finalidade da rima como a dita sonoridade. A letra de Procissão nos faz enxergar do alto uma cobra se arrastando pelo chão, como tão bem descreve a cerimônia religiosa. Já em Domingo no parque, o ritmo do berimbau e da percussão evoca o clímax da briga, da facada mortal, além da analogia perfeita da rosa e o sorvete de morango, vermelhos como o sangue que brota do ciúme doentio de um apaixonado desesperançado. A gravação original com Gil e Os Mutantes é inigualável! Na música Estrela, aqui no vídeo do show que estamos comentando, cria a imagem perfeita de uma estrela nascendo no céu cada vez que a amada sorrir e a imagem da estrela cadente quando a amada chorar. Joga habilmente com as palavras em rimas e imagens perfeitas aliando ainda a sonoridade natural das palavras, como o faz em Realce e Andar com fé, novamente na companhia do *irmão* Caetano.

Além de músico competentíssimo a sonoridade do seu violão, á exemplo de João Bosco pode comandar um show solo sem nenhum acompanhamento pois o violão de ambos é altamente percussivo e faz baixo, harmonia e percussão em uníssono e ao mesmo tempo. Na apresentação GG mostra um “didatismo” especial ao descrever as “gerações musicais” que vão secundá-lo na apresentação. Faz uma admirável peroração sobre essas gerações musicais ali presentes: a velha geração dos naipes de metais, cordas e sopros, a moderna geração da guitarra e a mais nova geração, que usa os recursos tecnológicos modernos como a discotecagem e os pick-ups. As chamadas máquinas de fabricar sons de todas as gerações.

Neste show Gil se faz acompanhar de músicos de altíssima competência:

Jaques Morelembaum – maestro competente que executa magnificamente um “cello” de onde extrai notas maviosas e um som que classifico de celestial. Já vi performances suas tocando até o Hino Nacional, de uma forma como jamais imaginava ouvir o nosso excelso Hino, de letra forte,

ufanista e pungente de Joaquim Osório Duque Estrada e melodia sublime de Francisco Manuel da Silva em 1.831. A execução de “Jaquinho” como era carinhosamente chamado por ninguém menos do que Antonio Carlos Jobim além de inovadora é sublime. Ao lado de Paula Morelembaum, Elizabeth Jobim e Ana Lontra Jobim, esposa do músico, Danilo Caimy, Paulo Jobim e Tião Neto fazia parte da Banda Nova, que acompanhou Jobim durante os últimos dez anos de suas apresentações. Os solos de Jaquinho nas músicas deste show são uma atração à parte.

Nicolas KrassikK – o violinista comanda o naipe de cordas da Sinfônica com acordes precisos e marcantes. Esse francês que veio morar no Brasil e começou a perambular pelo bairro boêmio da Lapa carioca, se apaixonou pelo Brasil de uma forma tão intensa que nunca mais quis ir embora para o seu país. Ficou morando aqui, graças a Deus, e emprestou seu violino para executar verdadeiras obras de arte gravando nossos chorinhos e pérolas da nossa MPB. Seu CD com músicas brasileiras é digno de registro e visita.

Orquestra Petrobras Sinfônica - Comandada pelo jovem e elegante regente da Orquestra Sinfônica da Bahia, CARLOS PRAZERES, que conduz com, muita segurança, o seu corpo técnico apresentando um riquíssimo fundo musical, o que chamo de a “turma da cozinha”, regendo os naipes de metais, de cordas, de sopros e de percussão com extrema competência. Além dos talentos da orquestra ainda rege um berimbau que dá a “baianidade” característica às músicas de Gil. E ainda tem o competente violão de 6 cordas de BEM GIL, filho do artista. Vou destacar algumas letras porquê acho que a beleza delas merece um registro e uma atenção especial dos prováveis leitores dos meus textos.

1.2.18 Zuza Homem de Jazz

Não, eu não me enganei com o nome do personagem Zuza Homem de Mello, que nos deixou na saudade aos 87 anos no dia 3/10/2.020 após ter terminado um livro sobre seu grande ídolo João Gilberto. Zuza Homem de Jazz é o nome do seu último documentário lançado pouco antes da sua partida.

Zuza, maestro, musicólogo, escritor e jornalista conheceu as entranhas da televisão brasileira. Era engenheiro de som da Record e participou de todos os grandes festivais, no seu período áureo de 1.965 a 1.972. Estudou música nas melhor escola do mundo: a Juilliard School em Nova Iorque. E também frequentou a School of Music. Conta que fazia parte do seu curso assistir a uma grande apresentação todas as quartas feiras no Carnegie Hall. Ali conheceu os grandes músicos americanos como Ray Charles, a quem considerava um músico e arranjador de altíssimo quilate: um verdadeiro gênio. Isto já cria em mim uma grande empatia com Zuza, pois sempre fui apaixonado pelo artista genial que Zuza me fornece uma definição definitiva (viva Millor Fernandes) e exprime tudo que sinto na sua música e nunca consegui me expressar direito: Vou tentar resumir o que deparei do mestre: “É uma música que vem de dentro, vem das entranhas e a região em que mais nos atinge é a barriga”. Acho que com isso ele quer dizer que causa um “frisson” na barriga quando você ouve aquela voz que mexe com seus instintos, suas terminações nervosas, coça as pernas e os braços de vontade de dançar e a gente não consegue exprimir essa sensação. Na verdade ela é mesmo indescritível. De minha parte só sei dizer que quando a música me atinge em cheio não consigo ficar parado: pelo menos os dedos vão tamborilar no braço da cadeira e a cabeça não fica imóvel, ela se balança e se movimenta no ritmo da música. Se for Piazzolla então os olhos lacrimejam e o choro vem, mas vem numa sensação gostosa de prazer e emoção.

Vou usar muitas expressões mágicas ao escrever sobre o gigante Zuza mas, as extraí das entrevistas que acabo de assistir com ele: Roda Viva da Tv Cultura, a Aula Ilustrada e Musicada de ZHM na

casa da Arquitetura na cidade do Porto, em Portugal, entrevista a Pedro Herz na livraria Cultura e tudo mais que pude garimpar para conhecer a fundo esse grande personagem. É um personagem doce, de fala mansa, discorre de uma forma de fácil entendimento, não esbanja o conhecimento que tem de sobra e sempre com um meio sorriso na boca. Seu raciocínio e a exposição de suas ideias abre novos horizontes surpreendentes no nosso conhecimento. Suas respostas nas entrevistas são técnicas e objetivas, em resumo são uma verdadeira aula mas em nenhum momento ele assume um tom professoral.

Nessa aula Zuza mapeia a música brasileira desde o seu surgimento até os dias atuais. Vamos ao que aprendemos na sua magistral aula na Escola de Arquitetura em Portugal:

1 – Da junção de africanos bantos, vindos de Portugal com os sudaneses, já traficados diretamente para o Brasil, surgiu o ritmo chamado “Lundu” que evoluiu para a “Chula” e que desaguaram no samba. No Rio de Janeiro, onde surgiram esses movimentos espontâneos dos negros escravos que precisavam de uma música para extravasar suas dores, Tia Ciata, uma negra famosa pelos seus quitutes reunia esse pessoal num movimento denominado a Pequena África, com certeza para manter suas tradições culturais. Paralelamente surgiu o “Maxixe”, um ritmo que propiciava uma dança mais acrobática que fazia rebolar os “traseiros” das negras, fazendo grande sucesso e inclusive invadindo Paris. A dança sensual também permeou os salões da aristocracia carioca apesar de considerada muito erotizada pelos “carolas” da época. Chiquinha Gonzaga executou muitos maxixes e pelos filmes e documentários que vi era uma dança realmente muito “erotizante e libidinosa”. No cenário mundial, leia-se Paris como centro difusor de modismos, começa também a invasão do tango argentino.

Em 1.928 Pixinguinha com seu grupo “Os Oito Batutas” se apresenta em Paris e faz enorme sucessos. Era um flautista mas introduziu o saxofone no samba.

2 – Entre 1.916 e 1.918 um mulato pernóstico, vaidoso, sestroso e sempre bem vestido compõe o primeiro samba de que se tem notícia. Sinhô, exímio pianista começa a compor seus sambas e mexe com o ritmo trazendo inovações como uma cadência mais rítmica e balançante. Surge um grande intérprete para as músicas de Sinhô: o cantor Mário Reis, de família rica, muito elegante no vestir e que sobe o morro porquê sabia que ali era o nascedouro da verdadeira vertente do samba: O Estácio, considerado o berço do samba e que depois forma a sua famosa Escola de Samba, da qual já falamos quando abordamos Ataulfo Alves. O primeiro sucesso foi “Gosto que me enrosco” gravado por Mário Reis em 1.928. Tanto Sinhô como Mário Reis tem vida curta e morrem por volta dos 40 anos.

3 – Vem o reinado das marchinhas de Carnaval e um de seus mais prolíficos criadores foi Lamartine Babo contemporâneo de João de Barro, pseudônimo de Braguinha. Em 1.950 explode “As touradas de Madrid” que é uma gozação em cima da Espanha que perdeu para o Brasil por 6x1 em pleno Maracanã lotadíssimo. Zuza conta que mais de 200 mil pessoas entoaram a marchinha em pleno Maracanã, em pé, fazendo chacoalhar a estrutura e pondo em pânico o engenheiro responsável pela construção. Achei esse número meio desproporcional mas fui consultar e a capacidade oficial de lotação do estádio é essa mesmo mas havia e quem jurasse que tinha umas vinte mil pessoas a mais. Pena que sobreveio o desastre da derrota para o Uruguay depois.

4 – Passada a euforia do Carnaval, o mercado pede músicas chamadas de “meio de ano” e nessa esteira surgem Noel Rosa e Ismael Silva, também no Estácio. Ocorre então a transferência da célula rítmica do samba que ganha um novo sincopado, mais balançado. Em 1.919 ocorreu o primeiro sucesso de Noel Rosa, compositor prolífico apesar de ter produzido por um curtíssimo período de 10 anos, vindo a falecer de tuberculose, em virtude da vida boêmia aliada ao excesso de bebida e cigarros além das noites de garoa e conseqüentemente a má alimentação nos botecos onde rolava o samba nas noites cariocas. Suas letras como “Quem acha vive se perdendo”, “Feitio de Oração” e

“Coisas Nossas” são muito criativas. Nesta última fala inclusive que o samba alimenta o músico, endossando a tese da má alimentação. Nessa música fala “em outras bossas” e isto já é de certa forma um mote para o futuro batismo da “bossa nova” apesar da teoria que a palavra bossa tenha vindo do balanço do cupim do boi.

5 – O ano de 1.930 foi considerado a “Época de Ouro” da música brasileira. Surge um pianista clássico genial vindo de Ubá-MG: Ary Barroso. Jornalista e locutor de voz esganiçada que gostava de esculachar os calouros no seu programa e que compõe o segundo Hino Nacional brasileiro (não oficial): Aquarela do Brasil. Segundo Zuza o piano é o instrumento mais completo pois é harmônico e sinfônico ao mesmo tempo enquanto os demais são apenas sinfônicos. Sustenta ainda, com muita propriedade, que o contrabaixo é quem dita o ritmo, quem comanda a “cozinha” (termo cunhado pelo Degas aqui) especialmente na formação dos trios de piano, contrabaixo e bateria. Demorei a descobrir a importância do contrabaixo antes de frequentar o “Instrumental Sesc Brasil” na Avenida Paulista. Eu me perguntava qual a sua função. Eu não tinha a real percepção da verdadeira dimensão do instrumento. Aprendi nos instrumentais, quando é proibida a voz ou o canto, “a ouvir o contrabaixo” e aí sim comecei a “aprender” a real importância desse fabuloso instrumento.

6 – No final dos anos 30, “a segunda parte da época de ouro” surge Dorival Caymi com seus sambas de remexão, com sua sensualidade buliçosa, que põe em evidência as ancas bem fornidas das mulatas. Foi um compositor pouco prolífico: pouco mais de 160 composições, talvez até pela sua “baianice” preguiçosa, mais imbuído em correr atrás das mulheres e gozar da vida boêmia do que criar e compor. Mas deixou obras memoráveis como “Maracangalha”, “Dora”, “Doralice” “O Vento”, “Minha jangada vai pro mar” e outras tantas.

7 - Zuza relata que a realização dos festivais foi a primeira vez que a música foi levada para a TV e fez um sucesso estrondoso. As grades das emissoras não contemplavam a música e priorizavam as novelas, filmes e noticiários. Os festivais transportaram a música, num dos melhores momentos de produção musical brasileira, para a sala de estar das famílias que puderam descobrir, pela transmissão dos festivais, os grandes cantores e compositores que despontavam no cenário da música popular brasileira. Gente como Chico Buarque, Caetano, Gil, Edu Lobo, Vandrê, Carlos Lyra, Rita Lee e os Mutantes, a cantora Nana Caymi e tantos outros tiveram sua arte e seus rostos conhecidos. Segundo Zuza:

O Brasil produz a melhor música popular do mundo e consome a pior

Com o clima de repressão da ditadura as músicas do festival que arrostavam o regime, mesmo que subliminarmente, eram aplaudidas e as canções desengajadas eram automaticamente vaiadas. Havia uma linguagem cifrada dos compositores que driblava a “maledetta” da censura e atingia o seu público alvo: estudantes universitários engajados, na sua maioria, e que entendiam perfeitamente o recado, que passava incólume pela ignorância dos censores.

Essa geração musical que surgiu na gênese dos festivais teve o grande condão de levar os compositores a mostrar seus rostos nos palcos, pois se ficassem apenas como compositores não teriam exposição e a respectiva relevância.

“Disparada” foi na sua opinião a melhor música do Festival em que “empatou” com “A Banda” de Chico Buarque. Esse empate na verdade foi “forjado” por Paulinho Machado de Carvalho e Zé Nogueira (este conheci pessoalmente). Quem ganhou foi Disparada mas como Chico Buarque havia dito que não compareceria para receber medalha ou prêmio, optou-se por um empate de 6 a 6 quando na verdade o placar dos jurados foi 7 a 5. Eram doze jurados. Não se sabe porquê um número par de jurados. Deveria ser ímpar para evitar empates. Ou já havia aí uma saída estudada para o “imbroglio” que se antevia com a postura anunciada de Chico.

O *Tropicalismo*, criado por Gil, Caetano, Tom Zé, entre outros, em 1.968, se situava além da esquerda

política mas os censores não entendiam isso. Isso quer dizer que a preocupação primordial desses novos compositores não era exatamente atacar o regime mas tecer críticas ferinas e contundentes contra o *status quo* do nosso país, com suas mazelas, suas distorções na distribuição de benefícios à população perpetuando a pobreza e sempre cedendo benesses aos exploradores de sempre: políticos, banqueiros, industriais e comerciantes inescrupulosos. Em resumo: havia um objetivo muito maior nessa obra do que simplesmente atacar os homens que estavam no poder naquele momento, ou glorificar a esquerda. Mas os militares interpretaram com outra visão, totalmente distorcida, e vieram as temíveis perseguições seja pela censura ou mesmo pela expulsão, prisão ou auto exílio dos artistas considerados “*personas non gratas*” aos olhos do regime. Num raciocínio “obtusos” o poder empurrou a classe artística para os braços da esquerda, que festejou com pompas a nova leva de adeptos.

Figura de importante destaque no *Tropicalismo*, de quem pouco se fala, foi Torquato Neto, o Anjo Torto da Tropicália. Para Zuza sua música Geleia Geral em parceria com Gil traça uma crítica profunda a *tudo isso que estava aí*: Vamos à sua letra:

Um poeta desfolha a bandeira
E a manhã tropical se inicia
Resplendente, cadente, fagueira
Num calor girassol com alegria
Na geléia geral brasileira
Que o jornal do Brasil anuncia
Ê bumba iê iê boi
Ano que vem, mês que foi
Ê bumba iê iê iê
É a mesma dança, meu boi
Ê bumba iê iê boi
Ano que vem, mês que foi
Ê bumba iê iê iê
É a mesma dança, meu boi
"A alegria é a prova dos nove"
E a tristeza é teu Porto Seguro
Minha terra é onde o Sol é mais limpo
Em Mangueira é onde o Samba é mais puro
Tumbadora na selva-selvagem
Pindorama, país do futuro
Ê bunba iê iê boi
Ano que vem, mês que foi
Ê bunba iê iê iê
É a mesma dança, meu boi
É a mesma dança na sala
No Canecão, na TV
E quem não dança não fala
Assiste a tudo e se cala
Não vê no meio da sala
As relíquias do Brasil
Doce mulata malvada
Um LP de Sinatra

Maracujá, mês de abril
Santo barroco baiano
Super poder de paisano
Formiplac e céu de anil
Três destaques da Portela
Carne seca na janela
Alguém que chora por mim
Um carnaval de verdade
Hospitaleira amizade
Brutalidade, jardim
Ê bumba iê iê boi
Ano que vem, mês que foi
Ê bumba iê iê iê
É a mesma dança, meu boi
Ê bumba iê iê boi
Ano que vem, mês que foi
Ê bumba iê iê iê
É a mesma dança, meu boi
Plurialva, contente e brejeira
Miss linda Brasil diz: "Bom Dia"
E outra moça também, Carolina
Da janela examina a folia
Salve o lindo pendão dos seus olhos
E a saúde que o olhar irradia
Ê bumba iê iê boi
Ano que vem, mês que foi
Ê bumba iê iê iê
É a mesma dança, meu boi
Um poeta desfolha a bandeira
E eu me sinto melhor colorido
Pego um jato, viajo, arrebento
Com o roteiro do sexto sentido
Faz do morro, pilão de concreto
Tropicália, bananas ao vento
Ê bumba iê iê boi
Ano que vem, mês que foi
Ê bumba iê iê iê
É a mesma dança, meu boi
Ê bumba iê iê boi
Ano que vem, mês que foi
Ê bumba iê iê iê
É a mesma dança, meu boi

Dá para perceber que, propositalmente, a letra da música faz realmente uma geleia, uma “mistureba” de temas aparentemente desconexos que dá margem à várias interpretações e com certeza à uma interpretação subliminar que passa batida aos olhos dos censores, funcionários públicos de

mentalidade estreita. A expulsão ou mesmo o auto exílio dessa fenomenal safra de compositores esvazia a canção brasileira. Em março de 1.969 Chico volta ao Brasil, achando que o clima político tinha mudado, mas tem que fazer malabarismos para driblar a censura que não tinha arrefecido. Grava “Apesar de você” como se fosse um briga de casal, mas o conteúdo escamoteado é um recado direto e mordaz. A censura “come bola” e a música explode. Quando querem correr atrás o estrago já estava feito, e muito bem feito.

O que acontece de bom e novo no cenário musical é o grupo de mineiros do Club da Esquina, que aliás teve apoio e incentivo de Juscelino Kubitchek: Milton Nascimento, Lô Borges, Fernando Brandt, Wagner Tiso, Toninho Horta, Ronaldo Bastos (era paulista) e Beto Guedes reposicionam o espaço da música popular brasileira, fundindo a música regional com o pop. Para Zuza a síntese dessa fase espetacular é a música “Fé Cega, Faca amolada” e chama a atenção para o espetacular solo de Nivaldo Ornellas, um flautista de excepcional qualidade que nessa gravação migra para o sax.

Outra novidade no cenário musical brasileiro acontece no Rio de Janeiro com a explosão do regionalismo que traz Alceu Valença, Geraldo Azevedo, Belchior, Zé Geraldo e Elba Ramalho do nordeste e vindo do sul Kleiton e Kledir. De Alagoas surge Djavan, músico completo, violão rítmico e melódico magnífico, uma voz gostosa e intimista, compositor competentíssimo que cria imagens sensoriais como “vida que vai na sela dessas dores” que remete à uma vida em que se cavalga o mundo, lutando numa peleja rural com o domínio de um cavalo, de cima de sua sela. O cavalo, ou a vida, figuradamente.

Depois, como os artistas se tornam muito caros para as gravadoras: Elis foi contratada a peso de ouro para fazer o Fino da Bossa, começa a fase dos conjuntos de rock brasileiros que começaram tocar nas garagens e obviamente se tornam uma diminuição de custos para a indústria fonográfica. Surgem então Legião Urbana, Barão Vermelho e a Blitz que apresenta uma estética pós moderna tanto nos figurinos como na maneira de se apresentar.

Da Bahia vem Raul Seixas que, segundo Zuza é o expoente mais expressivo do rock brasileiro.

E ainda na mesma Bahia brotam os blocos do Ilêaiê, Araketu e Olodum traduzindo a linguagem litúrgica do candomblé, numa mobilização afro bahiana mesclando maracatu com outros ritmos de raiz africana, essencialmente “percussivos”, de encomenda para os tambores, atabaques e toda a grande família da percussão.

Surge também do nordeste Luiz Caldas que bebe na raiz caribenha e traz novos ritmos. Exímio violonista, consolida com suas inovações o domínio da axé music. Na dança impera a lambada.

Zuza é um conhecedor profundo do jazz tendo vivenciado a explosão de músicos que iriam dominar a cena nova iorquina como Wynton Marsalis, Ron Carter, Jimmy Carter, Nicolas Payton, Herbie Hancock e tendo também assistido e trocado impressões, além de Ray Charles, com Thelonius Monk, Dave Brubeck, Fats Domino e para Zuza o supra sumo dos pianistas: Duke Ellington. E ainda tinha Oscar Peterson.

Mostra que a palavra jazz se grafava jass, tendo mudado depois a sua escrita. Na sua definição

O BLUES É A ALMA PULSANTE DO JAZZ.

Conta também a história de New Orleans que me deixou “aguado” para conhecer, se é que existem ainda: os barcos a vapor, aqueles com uma roda de madeira atrás e soltando fumacinha, que subiam o Rio Mississippi com grupos de jazz animando o percurso do passeio fluvial. Acontece que com a guerra a parte mais animada da cidade, o bairro Storyville que abrigava os bares chamados de Honky Tonks e também a zona do meretrício ficou muito militarizada com o estacionamento de tropas e a solução encontrada foi levar a diversão para os barcos. Fico imaginando a alegria e a

animação a bordo e me vejo ali dançando e interagindo total e intensamente com os turistas e a tripulação como fiz nas 6 viagens de pequenos cruzeiros que fiz no litoral brasileiro.

1.3 Casas noturnas de Sorocaba

Anos depois, eu já tendo voltado a morar em Salto fui ao show de Tony Gordon no Kaptain's Bar, uma casa noturna fantástica inaugurada pelo empresário Lee, chinês radicado há muito tempo e muito conhecido em Sorocaba. Esta casa ficava ao lado do Expresso Sorocabano, que bombava na época. As duas casas, do próprio Lee, eram separadas por uma divisória de madeira, altura de um metro mais ou menos. Eu já estava no Kaptain com a Carol, uma negra bonita, fã ardorosa de tudo que eu gostava: amava B. B. King e adorava dançar.



Carol, uma exímia dançarina!

A casa começava a lotar e saímos para o fumódromo do bar, uma sacada a céu aberto, com meia dúzia de mesas, fazendo frente para a Barão de Tatuí e a praça onde reinava o bar Berlin. Ao olharmos para a direita vimos do outro lado da divisória o Tony, com um copo de vinho na mão, na companhia do Lee que mostrava a casa ao artista. Nos aproximamos e ele virou-se para mim e gritou com grande entusiasmo: Cara, o que você tá fazendo aqui, veio pra me ver? Já estou indo aí te dar um abraço. Desta vez sim, acreditei que ele se lembrara de mim. Outra vez um *showzaço*. A partir daí eu era convidado de honra do Kaptain e recebia telefonemas me convidando e ainda com direito a levar quantos amigos quisesse, sem pagar o *couvert*, cerca de R\$ 80 por cabeça na época. Cheguei a levar 8, 10 pessoas convidadas para os shows da casa, pagando apenas o consumo.

Numa delas convidei o Ronaldo Chagas, figurinha carimbada do Club de Campo Sorocaba. Levei-o ao camarim e o Tony nos recebeu com grande efusividade mas tive que conter o Ronaldo com suas longas perorações sobre assuntos musicais. Eu não queria chatear o artista, no seu momento de concentração pré show. Trocamos abraços, sempre a Carol junto, e fomos para nossos lugares ver o show mas, eu não fiquei sentado um minuto. A Carol dançava muito bem e não tinha vergonha de me acompanhar dançando em qualquer lugar: no meio das mesas, num espaço da entrada, onde houvesse um espacinho para rodar o corpo. Chegamos a dançar na Fundec da Rua Brigadeiro Tobias, na frente do palco quando o maestro Ostergrein da Sinfônica da Fundec incitou o público a dançar. No Kaptain's já éramos conhecidos de garçons, funcionários e dos habitués da casa: a ex mulher do Lee, o ex dono da CVC Sorocaba, que se tornou sócio do Lee. Infelizmente as coisas boas do interior tem curta duração e a casa, por falta de público, transformou-se na hoje Casa do Barão com direito a sertanejo e tudo o mais. Essa maldita invasão que tomou conta de quase todas as casas: se não tiver sertanejo não faz sucesso. Um dos poucos que resiste em Sorocaba é o Bar do Antenor, pelas bandas do shopping Olga. Felizmente. O Lee, que dizem ser chinês, foi criado em Sorocaba. A família enriqueceu no ramo das pastelarias do centro. A deles, se não me engano era perto da Igreja Matriz, na Coronel Benedito Pires. Só fui conhecer o Lee na época do Expresso há cinco ou seis anos mas sei das suas histórias como empresário da noite. Foi dono do Frango que Ri e do Calamares. O Expresso bombou e dominou a cena por muito tempo em Sorocaba. Quando o Lee quis reformar a casa e mudar um pouco de público, que aliás vinha se deteriorando bastante, o fechamento por cerca de 6 meses matou a casa.

1.4 Outros points em Sorocaba

1.4.1 O Bar do Sogro

Lugar conhecidíssimo da noite sorocabana não exatamente por seus predicados e virtudes mas por simbolizar o chamado *fim de noite*. Apelidei de UTI – a última tentativa do indivíduo. Quando saíamos *pastorear* a noite (referência à Jorge Amado: Os pastores da noite) formando o trio os *Três Mosqueteiros*, eu, Robinho e Zé Pereira, os 3 *apartados* egressos do Clube de Campo Sorocaba e soltos na noite começávamos procurando diversão nos bares melhores da região do Vergueiro e Jardim Faculdade e fazendo a ronda noturna. Não encontrando nada interessante acabávamos *desabando* para o Bar do Sogro. Lugar de frequência mista: mistureba de tipos incluindo *pistoleiras* atirando a esmo na noite para agarrar incautos para pagar a sua cerveja ou algo mais. Eram duas alegrias: na hora de entrar e na hora de sair. Mas, boêmio é boêmio e para não perder a noite encara qualquer empreitada.

1.4.2 Bares Passarinho, Andorinha, Pizzaria Ricieri

Esse trio, do centrão de Sorocaba, tem que merecer o seu devido registro. O primeiro marcou época, bem abaixo dos Correios, na Rua São Bento. Tinha dois pavimentos e na década de 60 era o point mais frequentado da cidade. Não consigo me lembrar o que se comia ou bebia, só me lembro que fervia de gente. O Andorinha era um bar com 5 ou 6 mesas de sinuca, frequentado por malandros e jogadores em busca de um *pato para depenar*. Mas mudou a cara e a frequência quando o Nilson, de quem já falamos, assumiu o bar e incluiu novidades no cardápio. Ficava abaixo do cine São José *sala nova*, onde é hoje o banco Bamerindus. Na esquina oposta ao São José, hoje prédio do Bradesco, ficava a Pizzaria e Bar do Ricieri que também dominou o reino das redondas ombreando-se com o Pizza na Pedra, na rua Barão do Rio Branco, quase ao lado da antiga CRTB (Companhia Rede Telefônica Brasileira) depois Telesp e hoje Telefônica. Falando em Cine São José não se pode deixar de citar o bar do Pastel, na Nogueira Martins, bem ao lado da saída do cinema e era impossível resistir ao cheiro dos deliciosos pastéis fritos na hora.

1.4.3 Peixaria Faculdade

Era uma peixaria mesmo e começou suas atividades na esquina da Nogueira Martins com a Santa Cruz onde você escolhia o peixe vivo num tanque de cimento, que era retirado e limpo na hora. Migrou depois para a avenida da Rodoviária perto da Faculdade de Medicina e talvez devido à frequência desse pessoal virou moda e point de badalação. Servia um pintado assado em cubos com molho bechamel digno de menção. Era tocado pelo folclórico, charmoso e grande *prosiador* Sabugo. Chegou até montar uma pista de boliche com entrada pela lateral. Reinou na noite sorocabana como um dos melhores points de paquera, comida boa e cerveja bem gelada. Acabou decaindo e caindo no ostracismo, talvez com a saída do Sabugo, que se diz à boca pequena que contraiu muitas dívidas na época, por conta de hábitos *pouco republicanos*, para não entrar em detalhes.

Muitos anos depois o Sabugo voltou a Sorocaba e abriu o fantástico *Praia do Sabugo* na rua Padre Madureira, quase em frente à Villares. À *boca pequena* se diz que um grupo de *endinheirados* sorocabano, saudoso do seu bar, bancou a sua volta e a abertura da nova casa. O diferencial das casas do Sabugo sempre foi a excelência da cozinha. Nesta última, desde uma lula frita, um frango à passarinho, um espeto de camarão pistola recheado com catupiry, uma pizza, um espaguethi com zuchini (abobrinha italiana), um abadejo à belle meunière, uma caldeirada e fosse o prato que fosse tinha gosto, tinha tempero e tinha qualidade tanto nos ingredientes como no preparo. Eu cheguei à fazer uma comparação com o Le Coq Hardy, templo da gastronomia francesa nos Jardins em São Paulo. Estive lá num dia dos Namorados com outros casais e a Eulália reclamou que não tinha gosto no prato que pediu. O meu também não tinha nada de excepcional. Mas na hora da conta descobri o que é *vender grife*. Apelidei o dito cujo de *Le Coq Hardido* pois a conta doeu no bolso, sem a qualidade proporcional. A minha comparação é no sentido que se come, ainda hoje depois da partida do Sabugo para o andar superior, muito bem com um custo benefício excepcional.

A casa hoje é tocada pela filha e o genro Douglas, ex garçom ao lado do Paraná e do Oliveira. Rapaz simpático que costumava me ligar quando trazia produtos especiais como bacalhau e linguado e eu *conclamava* a turma do Clube de Campo para degustar o prato especial que fazia para nós. Pouco antes da partida do Sabugo, tive o prazer de ter a sua companhia à mesa, após almoçarmos. Bom papo, conhecedor de todos os personagens sorocabanos desde o Dero Metidieri à Gualberto Moreira e Sérgio Reze, seus colegas de Tiro de Guerra. Me contou toda a história do nascimento da Carambeí, grupo do antológico Carlos Pereira Paschoal com quem trabalhei em São Roque e na

região de Cascavel - PR. Conhecia a fundo personagens e histórias. Saborosíssimas, aliás. Lamentei não ter desfrutado da sua companhia, antes dessa única vez.

1.4.4 Bonnel

Ficava na rua do GEPACI, Jardim Faculdade, chegava a fechar a rua quando o Salada Samba tocava ali. O Renê, *band leader* do grupo, um negão estilo Tony Tornado, descansava o trombone, empunhava o microfone e vinha pro meio da rua, que já estava naturalmente fechada para o trânsito tal a aglomeração de gente. Ia cantando e fazendo as pessoas cantarem. Também durou pouco. Marcou época e sobrevive até hoje o Depois Bar, criado pelo meu amigo Simonetti na rua Amazonas e que depois migrou para a Jesuíno Barbosa, atrás da rodoviária.

Ali dancei muito forró com o trio Macaíba liderado pelo Cléber Almeida, de quem me tornei amigo e que mora num dos loteamentos no bairro do Itinga, estrada de Salto de Pirapora. O Cléber é um dos músicos mais profícuos de Sorocaba. Tocou com a famosa Banda Mantiqueira liderada pelo Nailor Azevedo, o Proveta, e eu sem nunca ter ouvido falar da banda soube que foi indicada ao Grammy Latino. Coisas de Brasil: o sertanejo toma conta e uma banda daquele quilate era pouquíssimo conhecida. Conheci a Mantiqueira no Supremo, um pequeno bar nos Jardins, esquina de Oscar Freire com Hadock Lobo. Na verdade um porão na parte baixa de um sobrado que dava para o nível da rua na Hadock, e cuja parte inferior dava entrada pela Oscar Freire. Fui sozinho ver o show e me colocaram numa mesinha pequena encostada ao palco. O Daniel Alcântara, que por não caber no apertado palco, pediu para se sentar comigo para afinar o instrumento tirando tons no diapasão. Batemos um longo papo nesse interregno antes do show começar.

Quando começaram a tocar fiquei maluco. Mais ou menos 13 músicos, uma verdadeira Big Band, praticamente a única do Brasil ao lado da SambaSonics. Proveta, que chegou garoto da cidade de Leme, ganhou esse apelido porquê quando fez um teste num dos bares da noite na região do Bexiga impressionou tanto os contratantes que foi apelidado de bebê de proveta pela pouca idade e pelo talento. Na banda músicos fantásticos: Daniel Alcântara, Ocimar Versolato, Almir Gil no píston, um trombonista de nome François, que o Proveta chama de Francês, que fez solos fantásticos para os sensacionais CDs de Djavan ao Vivo I e II. François e Almir Gil vieram da banda militar de São Paulo. Músicos com gênese nas verdadeiras bandas. Ainda tinha o baterista Prince, muito talentoso que depois recebeu a companhia do Cléber Almeida, um sorocabano, para nosso orgulho. Cléber toca zabumba no trio forrozeiro Macaíba, toca viola caipira e faz percussão na Mantiqueira, além de ter participado do grupo e do filme de ninguém menos do que o bailarino, *performer*, cantor e músico Antônio Nóbrega que faz um grande trabalho de resgate e manutenção das raízes da música nordestina. Junto com a mulher e a filha, e soube agora por uma entrevista, com apoio de Ariano Suassuna.

Nóbrega e família são exímios bailarinos e o resgate vai do carimbó ao cavalo marinho, das óperas sertanejas às emboladas e mantém vivas as ricas tradições musicais dançantes do Nordeste.

Muito bem: Cléber é o nosso orgulho sorocabano ao lado de Marcos Boi, guitarrista que passeia de Robert Johnson a B. B. King e Eric Clapton com grande maestria. Robert Johnson significa o marco inicial do blues no Delta do Mississípi. A tradução de blues é azul mas na acepção dos negros a palavra define um estado de espírito de tristeza. O negro que trabalhou o dia todo na colheita do algodão, levou chicotadas dos feitores chega na senzala e depois de comer o paupérrimo angu de farinha de milho, olha da janela para o firmamento e não enxerga um horizonte melhor para a sua existência e, muito triste, começa a entoar um canto que vem da alma, por isso o nome

soul music, inspirado nos mantras das igrejas, já com um toque gospel, sem o saber. Esse murmúrio, na verdade um lamento carregado de tristeza, jorra de sua alma como uma forma de minorar seu sofrimento. Nesse estado o negro dizia que estava *blue* e daí veio o batismo do gênero musical, que é uma das minhas grandes paixões, como já disse e repito. Como disse o guitarrista Stanley Jordan, que pude ver ao vivo em São Paulo, quando ele tira uma nota aguda e prolongada da sua guitarra, essa nota bate no seu coração.

Como músicos da região ainda temos o grande baixista Sizão Machado, natural da nossa vizinha Piedade e que passeou pela noite sorocabana, galgando os degraus de fama e respeito ao acompanhar grandes artistas da noite fulgurante de São Paulo, como Elis Regina, Djavan e Milton Nascimento e até Chet Baker e Dionne Warwick. Há, também, o compositor e guitarrista Crispin del Cistia, sorocabano, que tocou com o grupo de César Camargo Mariano e teve músicas de sua composição gravadas por eles, além de ter acompanhado Elis Regina em muitos shows, como o histórico Falso Brillhante, e gravações. Temos ainda um baterista de classe média alta de Sorocaba que faz fama no meio da música instrumental em São Paulo. Sérgio Reze, baterista que tocou com Mônica Salmaso, Dominginhos, Zélia Duncan, João Bosco e tantos outros. Não tenho certeza mas parece que é filho do Sérgio Reze dono da Abrão Reze e presidente do sindicato da classe. Mas, vamos voltar às grandes surpresas musicais.

Capítulo 2

Teatro & Cinema - Grandes Emoções

2.1 Teatro

2.1.1 Bibi Ferreira

Sem dúvida, para mim, a personagem mais impressionante do meio teatral: atriz com dicção impecável, presença de palco personalíssima e além de tudo cantora com voz marcante o que dá enorme carga emotiva às canções que interpreta, ou melhor que vive no palco. É como acontece com Maria Bethânia, entra no palco e se transforma, e a comparação é válida mesmo que uma seja atriz e a outra cantora, mas as duas se fundem e vem o conceito de “*cantriz*”, simbiose perfeita de cantora e atriz: não apenas canta mas incorpora o personagem: veste a sua pele. A primeira vez que a vi foi na peça Gota d’água de Chico Buarque, há pelos menos 50 anos atrás. Se não me engano era no Teatro Record e até hoje guardo na memória a sua imagem, quando ela entoava a canção título despejando toda a dor, toda a mágoa numa interpretação que vai às lágrimas narrando as desditas da sua personagem. A mesma magia do cinema sinto no teatro: essa catarse que nos faz vivenciar a ficção como se realidade fosse, tal a carga de emoção que emana do artista. Nesse dia, ainda pude ver o grande Procópio Ferreira perambulando pelo fundo do teatro.

Na segunda vez, a vi se apresentar com a filha e já desfiava o repertório de Edith Piaf, com toda sua carga emotiva. *Je ne regrette rien*, na sua interpretação é como ver a própria Piaff no palco.

A última vez foi com o pessoal do Clube de Campo Sorocaba, numa apresentação em que ela adentrou o palco amparada pelo braço pelo seu mestre de cerimônias, já beirando os noventa anos. Mas quando soltou a voz, desta vez com um repertório exclusivamente de Piaff, a sua idade passou para segundo plano. Ainda declarou que estava preparando outra peça com o repertório de Frank Sinatra mas, realmente não sei se levou a cabo o intento pois faleceu em 13.2.2019 aos 96 anos de idade. Ou seja, nunca pensou em parar, em se aposentar, os planos de vida e de realização continuavam como se fosse eterna, sem pensar na morte. Isso para mim é viver a vida sorvendo a última gota dessa dádiva de Deus. Foi casada com Paulo Pontes, grande dramaturgo do teatro, Herval Rossano que se não me engano produziu até um festival de música popular além de Edson França, de quem não achei nenhuma referência. Deixou um legado inesquecível. Foi sem dúvida a grande diva do teatro brasileiro.

2.2 O Mundo do Cinema

Sempre fui apaixonado por cinema e sou daqueles espectadores chatos que brigam até por causa de barulhinho de papel de bala. Por isso deixei de frequentar as salas de cinema, apesar de que para mim a verdadeira magia do cinema está na tela grande. Com um filme empolgante e um silêncio sepulcral no ambiente, eu consigo me transportar para a tela e me transmutar em um dos personagens da história. Sinto uma espécie de catarse, saio de mim e viajo na história, torcendo, sofrendo e vibrando com as alegrias e os dramas que se desenrolam na trama. Pena que isso se tornou impossível: muita gente vai para o cinema para conversar, namorar exageradamente, comer pipoca fazendo barulho no saquinho e derramar coca ou então para zuar mesmo, sem falar no celular piscando constantemente com aquela luzinha chata acesa. Já vi no Shopping Ibirapuera um gaiato que depois de arrotar além de outros ruídos inenarráveis, arrancou o extintor da parede e lançou um jato de espuma em um casal. O rapaz atingido pulou por cima da cadeira e deu uns tabefes no engraçadinho. Aí sim, eu vibrei e aplaudi. Mas à essa altura o filme e o programa já tinham ido para a *cucuia*. Mas vamos à parte boa e vou narrar filmes que realmente me impressionaram e me marcaram:

2.2.1 Deu a louca no mundo (The mad, mad world)

No elenco Spencer Tracy, Jerry Lewis e Os três patetas fazendo pontas, o baixinho Mickey Rooney do conversível vermelho e Terry Thomas que faz um inglês irascível que vive às turras com o motorista de táxi, o típico americano classe média e as picuinhas dos dois mostram subliminarmente as rixas entre americanos e ingleses, mais ou menos como paulistas e cariocas, ou gaúchos e catarinas. A cena final do hospital, quando estão todos quebrados e imobilizados em suas macas quando entra a enfermeira chefe, toda empertigada, com a bandeja de seringas nas mãos, quando um dos gaiatos joga uma casca de banana e a enfermeira leva um escorregão, levantando as pernas para cima e mostrando a calcinha. Os caras se contorcem dentro do gesso caindo às gargalhadas. Outra cena carregada de ironia é quando um negro é lançado pelo rodopio da escada Magirus e cai no colo da gigantesca estátua de Abrahm Lincoln que plantado no meio da praça e de braços abertos recebe o exemplar dos ancestrais que ele libertou da escravidão, no seu governo abolicionista. Uma comédia hilariante carregada de ironias e a mensagem subliminar de que o crime e a mentira não compensam, mas tudo passado num clima de muito humor. A história tem início com um automóvel que despenca de um despenhadeiro e o motorista agonizante revela uma quantidade de dinheiro escondida em Santa Mônica, debaixo de um W gigantesco e a revelação desencadeia uma corrida frenética e maluca onde tudo acontece: trapaças, brigas, discussões e cada novo elemento agregado vai tornando cada vez mais difícil a divisão de um butim que nem sequer se sabe se existe mesmo.

2.2.2 O poderoso chefão - A trilogia

Lançado em 15.3.1972 e baseado no livro homônimo de Mário Puzzo, com um elenco de primeira: Marlon Brando, Al Pacino, Robert de Niro, Robert Duval, a estonteante Diane Keaton e Andy Garcia na parte III.

A trilogia que mostra o primeiro Don Corleone, interpretado por Marlon Brando e depois por Al Pacino e Robert de Niro (Don Corleone moço). Brando mostra como se *faz* um mafioso. Don Corleone que não tinha este nome e sim era natural do vilarejo italiano de Corleone e, por isso, passou a ser chamado *Vito da Corleone*, se rebela contra os poderosos exploradores da sua terra, depois de ver sua família dizimada, um a um, pelos *capos* muito semelhantes aos nosso coronéis do

nordeste brasileiro. Na verdade *capo* é uma corruptela de capitão, ou seja aquele cujas ordens tem que ser obedecidas, mesmo sendo injustas e irracionais. O *modus operandi* é o mesmo: manter os pobres cada vez mais miseráveis e extrair dessa exploração, o seu poder de mando, riqueza, e a dominação total atacando sempre pelo flanco financeiro: tanto quanto exploram nas meações do nordeste, exploram igualmente na Itália, e depois na América e no mundo todo, cobrando pedágios exorbitantes disfarçados de taxas de proteção. Os tempos modernos mudaram a sistemática mas a gênese da dominação é a mesma. Mudam um pouco os métodos de exploração mas a violência, a exploração e a insensatez são de igual natureza. Vito da Corleone se rebela contra a exploração dos mais pobres mas, ele inclusive acaba se transformando na antítese do defensor dos miseráveis. De Robin Wood se transforma em poderoso escroque.

O poder e a riqueza transformam totalmente as pessoas. Elas chegam a pensar que são Deus, e falo no singular, atropelando a concordância verbal, porquê Deus para mim é um só. Extrapolando o raciocínio para a política, que se transformou num moderno meio de dominação, podemos beber no exemplo do operário metalúrgico pobre que sucumbiu às benesses do poder, da riqueza e do mando. O resumo da ópera é um só: os miseráveis desde Atenas, desde Roma, desde o Palácio de Versalhes e mesmo desde a construção do Suntuoso Vaticano são explorados impiedosamente pelos poderosos de plantão que extraem do suor e do sangue dos mais pobres a magnitude de suas obras. Ao visitar tais sítios pude constatar com certa tristeza, mesmo embasbacado com o estilo portentoso de tais maravilhas, que muitas vidas e muita gente esfomeada deixou ali a sua vida para construir obras que se divididas por mil, ainda seriam de *cair o queixo*. Para quê tanta suntuosidade, tanto fausto, tanto exagero? As condições de vida do miserável povo teriam sido muito melhores sem essa desmesurada cobiça, essa sede de poder à qualquer preço, esse exibicionismo desmedido. Mas isso foge totalmente ao roteiro do filme e vamos voltar à ele. A trilogia, dirigida pelo magnífico Francis Ford Copolla nos desvenda um estilo de vida glamouroso: os ternos são sempre bem cortados, os veículos são as melhores máquinas de andar sobre rodas da época: bonitos, caros e luxuosos. As moradias são de um requinte sem igual, seja no mobiliário ou no seu entorno, com portões majestosos na entrada, lagos circundando as residências. Não se pode negar: eram bandidos mas com um charme totalmente distinto tanto dos Chapos e Escobares, quanto da babaquice e pobreza de espírito dos nossos políticos. Os filmes tem passagens emblemáticas, irônicas e inusitadas. No primeiro, Marlon Brando na pele do poderoso Don Corleone, recebe na cerimônia de noivado de sua filha, um séquito de áulicos pedindo favores, benesses ou vingança contra seus desafetos. Seu afilhado Johnny Fontane pede ajuda para recuperar sua carreira, em franca decadência, e quer fazer parte do elenco de um filme que será rodado por um estúdio famoso, produzido por um arrogante cineasta que mora numa mansão de cair o queixo. Tom Hagen (Robert Duval), o *consigliere* é enviado para conseguir o papel mas o diretor se nega peremptoriamente. Quando acorda pela manhã e sente sangue nas mãos, descobre que seu valioso e estimado cavalo, Khartum, teve a cabeça decapitada e colocada junto ao seu corpo. Claro que aceita a participação de Johny e ainda lhe dá o papel de astro principal. Qualquer semelhança com a carreira de Frank Sinatra e seu envolvimento com a Máfia não é mera coincidência. Aliás a biografia de Sinatra conta que ele, aproveitando da sua fama e do endeusamento da sua persona, transportou grandes somas da máfia para a campanha de John Kenedy e depois levou um belo pé no traseiro pois Robert Kenedy não queria que o irmão colasse Sinatra na sua biografia. O filme na história real se chamou *O SOLDADO VON RYAN* com Frank Sinatra no papel principal. Depois disso Sinatra recuperou a voz, que tinha lhe dado problemas e contratou o grande arranjador Nelson Riddle que deu novos rumos à sua carreira. O sucesso de Sinatra todos sabem de cor e salteado. Na ficção enquanto se desenrola a festa de noivado de sua filha Connie, o Padrinho recebe no seu escritório sentado

em um poltrona de couro. que deixa a marca de sua silhueta quando ele se levanta dela, e atende pedidos os mais diversos.

Um desses *pedintes* é dono de uma padaria e sua filha teria sofrido uma tentativa de abuso por seu namorado. O pai da moça, de quem Don Corleone, levando o indicador à testa e a mão no queixo numa pose repetida ao longo dos *atendimentos* cobra que este nunca lhe mostrou *rispetto*, que seria na verdade uma obediência servil e uma idolatria cega. O padeiro promete o bolo de casamento e o *capo* se digna a mandar reparar a grave ofensa à honra do humilde comerciante, quase se colocando de joelhos à frente do capo. Don Corleone tem um gato no colo a quem acaricia terna e repetidamente. Aí reside a ironia do episódio: vai mandar aplicar uma lição no folgado, talvez ordene que lhe quebrem os braços ou as pernas ou mande jogá-lo no fundo do rio Hudson, com os pés imersos no concreto, para que o corpo nunca mais submergisse à tona. Mas, ironicamente, mostra um carinho ao mesmo tempo paternal e infantil com o gato enquanto maquina um castigo exemplar. Este gato, na verdade rondava o set de filmagens, se tornando um *habitué* do estúdio e ali comparecendo e flanando entre os atores, todos os dias. Coppola, no exato momento da tomada e num lance de genialidade, mandou que se colocasse o gato no colo do *capo del tutti capi*, para criar esse contraponto magnânimo em contraponto às atitudes de um homem acostumado a mandar *quebrar* ou eliminar seus desafetos.

Numa outra cena, seu guarda costas mais fiel, Clemenza, recebe a missão de eliminar Carlo Rizzi, o genro, marido de Connie que a espanca repetidamente. Acontece que Sonny (James Caan novinho) o filho irascível e violento que age mais com os punhos do que a cabeça, havia dado uma surra no cunhado. Sonny é atraído para um encontro e é metralhado numa praça de pedágio, onde os funcionários já tinham sido postos para correr. O capanga chama Carlo para lhe servir de motorista e pede que o leve à um determinado encontro, porém sua morte já está decidida. Pede que o conduza primeiro à sua casa e sua mulher fala para que não se esqueça de trazer a tradicional sobremesa de domingo: os deliciosos *canolli* que depois de ver o filme, saí à procura do e fui descobrir na padaria São Domingos na Rua Rui Barbosa na Bela Vista. Seguindo a viagem, Clemenza, um armário de mogno de quatro portas, sentado no banco de trás, e com outro bandido no banco do carona, pede que Carlo pare o carro numa estrada erma que ele precisa fazer xixi. Desce, executa a tarefa, sacode o corpanzil dando a tradicional sacudidela e quando senta no banco, tira do casaco uma corda de náilon com a qual enforca o suposto traidor, fazendo saltar quase um metro de sua língua para fora da boca. O carona se desfaz do corpo empurrando o mesmo para fora do carro e assume o volante. Clemenza após a fria execução, ordena ao motorista: não podemos esquecer dos *canolli* que a *mamma* pediu.

Don Vito sofre um atentado em uma barraca de frutas numa rua no centro de N.Y. Cena memorável com rajadas de metralhadoras fazendo buracos nas frutas e varrendo a rua. Don Corleone é jogado ao chão pelo seu guarda costas e as frutas despencando das bancas, na profusão de tiros e corpos atirados ao chão. Para atizar a gula do leitor esclareço que o *canolli* é uma massa fina, de extrema delicadeza, originalmente frita numa frigideira e recheada com creme. No estádio do Juventus tinha um vendedor de *canolli* que trazia uma cesta daquelas de bambu com as iguarias, avidamente disputadas no intervalo dos jogos pelos *oriundi* que recordavam do sabor de quando suas *mammas* os preparavam em casa. Hoje os confeitores das padarias o fazem assado no forno e com uma gama enorme de recheios: chocolate, morango, baunilha e muitos outros.

Outra ironia do filme, parte III: A ópera *Cavaleria Rusticana* será apresentada na Sicília, terra de matadores de aluguel. A peça é estrelada por Anthony filho de Michael, o segundo Padrinho. Dom Altobello, um dos chefes mais respeitáveis, um verdadeiro *consigliere* parceiro das primeiras horas

acompanha a apresentação de sua ópera predileta, em italiano. Embevecido, de olhos fechados, saboreando os famosos *canolli* presenteados pela afilhada Connie, irmã de Michael. De repente, o *mafioso* no seu enlevo, regendo imaginariamente a orquestra do poço e com a outra mão levando a iguaria à boca, cai duro no chão, mortinho da silva, no compasso da ópera. Acontece que tinha havido uma traição que quase dizima todo o alto comando da *famiglia* Corleone e a suspeita de traição recai sobre Dom Altobello, apesar do compadrio e da longa parceria no crime organizado. Connie a afilhada, é encarregada pelo irmão Michael de executar o traidor. Compra e lhe dá de presente uma caixa de *canolli*, embrulhada com fino papel de presente e uma linda fita fechando o invólucro. Don Altobello que de traições e execuções tinha muita vivência, abre a caixa e matreiramente oferece o primeiro doce da caixa à afilhada. Ela come com naturalidade e então o guloso vai devorando as delícias, viajando no ritmo da ópera envolvente e ao morder o último acepipe faz sua derradeira viagem. Com certeza para o inferno, sem bilhete de volta. Depois de acabado o espetáculo, o matador trazido da Sicília para eliminar o Dom, aparece vestido de padre e assesta a mira do seu fuzil bem na cabeça do chefão. Quando aciona o gatilho, a filha do capo, apaixonada pelo primo Vincent, que seria nomeado o próximo Dom, e com o pedido de casamento negado pelo pai salta à sua frente para implorar o consentimento do pai. Não sabia que seria a última vez que falaria com o pai. O tiro certo, de um siciliano profissional com longa carreira de mortes por encomenda, pega em cheio as costas da moça, que cai sem vida no chão. Ela, na verdade, acabou interceptando a trajetória do projétil que riscaria do mapa a segunda geração Corleone. Novamente a ironia, com os *canolli* servindo de contraponto, permeia toda a cena da morte encomendada de Don Altobello.

2.2.3 A honra do poderoso Prizzi

Outro filme de *mafiosi* com elenco formado por Jack Nicholson, sempre estupendo, Anjélica (é com j mesmo) Houston, a Mortícia da família Addams, filha de John Houston, um dos maiores cineastas americanos, que dirige esse filme, e ainda a estonteante loira Katleen Turner. Charlie Partanna (Nicholson) é casado com Maerose Prizzi (Anjelica) e se apaixona por Irene Walker (Katleen) numa cerimônia de casamento mas nem imagina que ela é uma matadora de aluguel e estava na cerimônia para conhecer sua próxima vítima. Charlie e Irene tem um tórrido romance e ele só vai descobrir a profissão da moça no final do filme, aliás memorável. Prizzi, o chefão encomenda uma execução à Irene e esta acaba traindo a *famiglia* e se apoderando de uma vultosa soma, que sonha utilizar para fugir para o Brasil com Charlie, abandonando a vida do crime. O poderoso Prizzi fica sabendo da trama e chama Irene para uma conversa *amigável* no jardim de sua casa. Ele, já bem velhinho e numa cena idêntica à de Dom Altobello, escuta embevecidamente uma ópera de Puccini, devorando biscoitos italianos de dar água na boca, que retira de uma magnífica lata ovalada à sua frente (tenho algumas guardadas). Recebe Irene com carinho e educação, toma as mãos dela entre as suas calmamente e depois de revelar que sabia de toda a trama diz à ela: Querida, você roubou cem mil dólares da *famiglia* e como castigo deverá devolver três vezes essa quantia, dentro do prazo de 24 horas. Isso dito assim com toda a calma do mundo da boca de um *capo* é nada mais nada menos que uma sentença de morte. Olha mansamente para o rosto de Irene, apavorada por antever o desfecho da sentença impossível de ser cumprida, e pergunta como quem corteja uma mulher bonita: Aceita um biscoitinho minha filha? Novamente a ironia marca a beleza da cena. Irene sabe ser impossível cumprir a pena e aceita em troca perpetrar a execução de Charley Partana, também caído em desgraça junto à *famiglia*. Marcam um encontro e depois de uma tórrida cena amorosa, ela se levanta calmamente, coloca seu penhoar branco dizendo que vai ao banheiro. Quando volta tem uma pistola engatilhada apontada para Charley. Este se vira rapidamente na cama e retira

um punhal, deliberadamente colocado debaixo do travesseiro e com extrema precisão acerta na jugular de Irene, que cai sem vida, com a automática na mão. The End.

2.2.4 Kansas City

Elenco: Jennifer Jason Leigh, Harry Belafonte e Miranda Jackson

Um filme de Robert Altman, e eu sou *altmaníaco*. Adoro sua filmografia.

Copiado da sinopse, sem pruridos, Kansas City “narra a vida da sociedade americana na década de 30. Período marcado pela corrupção e pela influência da Máfia na cidade de mesmo nome. Nas vésperas das eleições, um jovem branco Johny O’Hara pinta a cara de preto passando-se por negro para roubar um cliente preferencial do cassino dos negros mas é desmascarado e capturado pela quadrilha de Neldos Seen (Belafonte) e é condenado a *peixe*: viver no fundo do rio. Blondie (Jennifer) elabora um plano para salvar o marido e sequestra Carolyn (Miranda), esposa de um influente político local. Blondie quer que o marido dela, Stilton, interceda por Johny em troca da liberdade da esposa sequestrada”.

O filme tem como pano de fundo o jazz dos anos 30 e a história se passa numa boate de negros em que a música dos negros rola solta, trilha sonora executada pelos cobras que dominam a cena musical em 1.966: Winton Marsallis, Nicolas Payton (piston), Jimm Carter e Ron Carter (baixo). Eu assisti esse filme em uma das salas do Belas Artes esquina da Consolação (bem em frente a um movimentado bar de gays em voga na época) com Paulista. Elegi o filme por acaso, apenas por ser Altman e fiquei fissurado com a qualidade do jazz e blues que embalava a trilha sonora. Ambientando numa boate escura, enfumaçada pelos charutos caros e frequentada por negros com ternos *risca de giz*, grossos cordões de ouro, gravatas bufantes e sapatos lustrosos de verniz e no palco verdadeiros duelos jazzísticos. Num deles dois saxofonistas se levantam de seus lugares para fazer seus solos individuais e vão alternando acordes vibracionais de tirar o fôlego. Eles se desafiam e se enfrentam musicalmente dando a impressão que a qualquer momento vão largar os instrumentos e se engalfinhar, se encarando como dois galos de briga numa rinha. Ao final do *duelo* se cumprimentam amistosamente como se dissessem: estamos empatados. No final do filme, com os créditos rolando na tela, os espectadores foram se levantando e saindo da sala e eu me dirigindo para frente para não perder o solo fantástico do *baixo de pau* executado por um dos maiores baixistas de todos os tempos: o americano Ron Carter. As peças musicais também são da vertente do jazz da época. Aliás a história do blues vem da época de 20 e 30 e nasceu no Delta do Mississípi, na forma de tristes canções de lamento dos negros, como já citamos. Um dos precursores foi Robert Johnson e depois beberam na sua fonte Muddy Watters, Thelonius Monk e tantos outros cobras, até chegar a B. B. King, ao fantástico Buddy Gay, Magic Slim, Dave Brubeck, Herbie Hancock e tantos outros que dominaram a cena e muitos que até já foram para o andar de cima. Essa geração de Winton Marsalis que faz a trilha do filme é atual. Pude conhecer o Lincoln Center em Nova Iorque, onde Winton dirige a orquestra principal, na verdade o Centro é uma enormidade de salas de espetáculos dedicadas a diversos gêneros musicais. Fui ao Coca-Cola Dizzy’s Club considerado o braço do jazz do Lincoln Center, de frente para a estação Columbus Circle do metrô com vista deslumbrante para o Central Park. Vale a pena uma visita na internet.

2.2.5 Cinema Paradiso

Um filme com roteiro e direção de Giuseppe Tornatore com trilha sonora de ninguém menos que Ennio Morricone, numa produção franco italiana de 1.988. Oscar de melhor filme estrangeiro e uma dezena de premiações: Cannes, Globo de Ouro, Bafta etc, etc, etc.

Dados da sinopse: “Em uma vila italiana após a Segunda Guerra Mundial, Totó (Salvatore Cascio, encantador), se refugia no pequeno cinema Paradiso. Alfredo (Philippe Noiret, estupendo), o projecionista, torna-se seu mentor ao lhe transmitir a paixão pelo cinema. Nos filmes de Tornatore, o passado tem papel central, seja como a história da Itália. Cinema Paradiso projetou a experiência de gerações que vivenciaram os filmes como se fossem sonhos. Com espírito agridoce, conquistou o mundo todo com um tom nostálgico que remete a um passado mais ingênuo e íntegro. É um filme de resistência para quem acredita no poder mágico do cinema.”

Agora a narração by Carlinhos, o *Degas* aqui. Totó um garoto espertíssimo que logo nas primeiras cenas simula machucar a perna numa queda fingida para ganhar carona no cano da bicicleta, é órfão de guerra de um pai, que dela nunca retornou, apesar das esperanças da mamma de Totó. Ela prepara a comida para Alfredo, que se dedica inteiramente ao cinema Paradiso, onde à tarde o pároco da igreja pede que o filme seja projetado para que sejam cortadas as cenas de beijos, para decepção e vaias da plateia que durante décadas nunca viu um beijo na tela. Esta plateia é um show à parte: ricos esnobes que, aboletados no balcão dão cusparadas nos mortais da plateia onde está o povão. Na primeira fila Totó que faz peripécias mirabolantes para conseguir o dinheiro do ingresso, para desespero de sua mãe que conta com esses tostões para botar a comida na mesa. Ao seu lado os garotos se masturbam avidamente com os olhos grudados na tela, devorando as atrizes cobertas até o pescoço e apenas com os seios delineados sob os vestidos e blusas. Na hora do beijo, a decepção e as vaias. Totó faz sinais para Alfredo emulando o movimento do giro da manivela da antiga máquina de projeção que deve ser vigiada cuidadosamente para não pegar fogo. Interessante notar que o rolo da fita vem de outro cinema transportado por um sôfrego ciclista que se esfalfa nas precárias e íngremes estradas de terra e, não raro chega atrasado para o horário do início da sessão. Mais vaias, apupos e xingamentos contra o dono da sala que se vê louco com a fúria dos espectadores, dotados de paciência zero, numa espera desesperada (perdoem o cacófato) pelo início da projeção. E Totó fazendo o clássico sinal da manivela para Alfredo que devolve com o sinal do dedo indicador à guisa de um pêndulo: No. Cena marcante quando Totó, depois de outra negativa, caminha pela rua gritando: Alfredo, Alfredo que assoma à janelinha para ouvir o insolente Totó gritar com o dedo médio em riste: “Vá fancullo Alfredo”. Até que Alfredo é obrigado a fazer uma espécie de teste escolar, na mesma sala de Totó que galga os primeiros degraus do ensino primário. Cena hilária dos sessentões envergonhados entrando na classe dos guris dente de leite. Alfredo se desespera com as questões e gesticula para Totó pedindo ajuda e este impõe a condição para passar a cola fazendo o movimento giratório da manivela de projeção. Alfredo, obrigado pelas circunstâncias cede e concorda e Totó debuta naquilo que é para ele o melhor dos mundos: operar a máquina, colocado carinhosamente por Alfredo numa banqueta bem alta para alcançar a altura da manivela. Totó ainda salva Alfredo de um terrível incêndio causado pela celulose que destrói totalmente o Cinema Paradiso que acaba ardendo totalmente em chamas. Alfredo fica cego e Totó, já um moço bonito, com namoradinha e tudo assume em definitivo o cobiçado cargo de projecionista. Tem então uma oportunidade de ir para a cidade grande mas pensa na mãe e na namorada e quer desistir mas então a vivência e a experiência de vida de Alfredo, um analfabeto funcional faz com que Totó se decida. A fala simples e os argumentos sólidos o convencem de que na pequena vila não teria futuro, que os horizontes ali eram muito estreitos. Totó parte, e quando

volta para o funeral da mãe já é um cineasta famoso, porém enfastiado com a *dolce vita* que leva na cidade grande, repassando as estrelas novatas que se jogam aos seus pés e à sua cama para conseguir pequenos papéis, com sonhos de estrelato na fascinante atmosfera do cinema. Um dos mais lindos e tocantes filmes que já vi e não falamos da trilha sonora de Ennio Morricone, que musicou os maiores épicos e dominou essa cena até bem pouco tempo atrás.

2.2.6 Rain man

Elenco: Dustin Hoffman e Tom Cruise

Este filme marcou sobremaneira a minha maneira de encarar pessoas chamadas pejorativamente, há 50 anos atrás, de mongoloides ou retardados e hoje felizmente e carinhosamente de *especiais*. Eu consigo estabelecer uma sinergia com indivíduos desse grupo. Quando frequentei o Hobby Sports Ibirapuera em São Paulo, o filho do Nabi Chedid, o cartola do futebol e político pouco escrupuloso mandava seu filho especial, na faixa de uns 25 anos para o clube, no coração da Vila Nova Conceição, o bairro mais nobre de São Paulo. O rapaz ia à pé sem acompanhante e um dia quase foi atropelado em frente ao clube. Não sei o porquê dessa negligência paterna mas isso muito me revoltou: deixar o rapaz andando sozinho pelas ruas do bairro. Eu estabeleci um vínculo de amizade com ele que quase me arrebatava as costas quando me via. Era forte e tinha um braço musculoso e quando me encontrava tinha o costume de dar tapas nas minhas costas gritando: meu amigoooo, meu amigooo. Só que não tinha noção da força que tinha e eu tinha que aguentar as pancadas, porquê sabia que era puro carinho. Em outra ocasião em Salto de Pirapora, tinha um garoto na faixa dos 9 anos mais ou menos que dava um trabalhão quando tinha que cortar o cabelo. Eu comecei levando o menino para passear de carro comigo. Ele não falava mas tinha um senso de observação muito grande e quando o convidava ele já me dava a mão sabendo que iria andar de carro. Na terceira ou quarta vez levei-o na barbearia, conversando com bastante calma e dizendo que precisava cortar o cabelo para ficar bonito e passear de carro de novo. Segurei sua mão e o coloquei na cadeira Ferrante, das antigas, e ele me olhava estabelecendo uma comunicação apenas visual e deixou que cortassem o seu cabelo, bonitinho.

2.2.7 Perfume de mulher

Este clássico do cinema americano estrelado magistralmente por Al Pacino, que faz um *blind man*, um cego tão perfeito que a gente chega a imaginar que o ator é realmente cego. Aí está a verdadeira magia do cinema, fazer acreditarmos que o ator é cego, tal a performance desse intérprete que nos leva a percorrer a surrealidade do cinema como se verdade fosse e é muito gostoso deixar-se levar por essa fantasia. Aliás esse filme acerta em muitos pontos: faz uma crítica contundente do *american way of life*, a maioria silenciosa que comemora o *Thanksgiving Day*, o dia de Ação de Graças, como se vivesse apenas para comemorar esse dia, tão ou mais importante que o Natal para a cultura americana. A personalidade forte de um herói de guerra, e neurótico por conta dela, contrasta com a suposta platitude da família e coloca em cheque o *status quo* americano, desnudando a suposta felicidade familiar, pondo a nu a alegria muitas vezes hipócrita de uma família que produz clichês e mascara suas diferenças, à exemplo de *Parente é Serpente* de Ettore Scola.

Mas a parte bonita do filme é marcada pelo contraponto da dança maviosa de tango com fundo musical de *Por una cabeza* de autoria de ninguém menos do que Carlos Gardel, o rei do tango tradicional argentino, depois secundado por Astor Piazzolla que modernizou o ritmo mas isso é outra história. Aliás, uma curiosidade: o tango era uma dança considerada erótica, indigna dos

salões e saraus familiares e então a performance era executada por dois homens, em ambientes predominantemente masculinos. Depois a dança evoluiu para os casais. A letra traça um paralelo entre uma corrida de *potrillos* em que o cavalo do obcecado apostador perde tudo porquê o seu eleito é derrotado por *apenas uma cabeça*, termo muito utilizado nas descrições apaixonadas dos locutores das corridas de cavalo culminando na indefectível frase: “E cruzam a reta final” e esta marca mais uma derrocada do obstinado apostador que sempre acredita que na próxima vai *estourar a banca*, *fazer a burra* mas nada mais é do que outra decepção. Na música o paralelo é com uma paixão avassaladora, *una cabeza de mujer* que frustra e aniquila seus sonhos de amante frustrado: uma paixão não correspondida que tira o *gosto da vida*, a *graça das coisas*, o *brilho do sol e da lua*, o *encanto da música*, a *beleza das flores*, o *canto dos pássaros* e torna fútil a existência de um ser humano que não tem um amor para chamar de seu. Tem que ser forte para sucumbir à golpes tão duros e quem já passou por isso, e aponte o dedo quem não passou, sabe dessa dura verdade incontestável. Só a resiliência, a paciência para esperar a tempestade passar vai trazer de volta os tempos de calma até que um novo tsunami abale a calma e traga novas ondas turbulentas para sacudir o coração do apaixonado. Mas, esta é a essência da vida: quem não viveu nesses mares revoltos e não conheceu essa profusão cíclica das paixões da vida não viveu: foi apenas um mero espectador da vida, apenas a viu passar, não se arriscou, acovardou-se, teve medo da batalha. Como diria o magistral Paulinho da Viola: “Não sou eu que quem me navega, quem me navega é o mar”.

2.2.8 Parente é serpente

Filme do italiano Ettore Scola mostra uma família que se reúne num dia de Natal para uma ceia tipicamente italiana, com a tradicional *pasta da mamma* e junta familiares dispersos e o que seria uma grande festa de reencontro, de confraternização se transforma num palco de dissensões familiares, discussões políticas de coloridos diametralmente opostos, esposas que criticam seus maridos porquê engolem a comida sem sentir o seu sabor, numa mensagem sub reptícia de conotação sexual, e outras odiosas nuances familiares que perduram vivas apesar dos anos de distanciamento. A crítica é ferina nesse ponto: o que era para aproximar os parentes, para *matar as saudades* uns dos outros, se transforma numa exibição de egos inflamados e egoísticos e o ponto alto do desentendimento é o filho, que por muito tempo ausente, e de quem se espera que arrume uma boa moça para se casar e dar netos ao casal de velhos revela que o amigo que trouxe para o jantar é seu namorado. A cena final é marcada pela explosão do fogão e o fogo toma conta da casa, com os comensais dentro dela, e a câmera vai se afastando e mostrando a consumição da família ali reunida. Esta explosão pode ser apenas alegórica mas, permeia a ideia de Scola que a família acaba se juntando para *lavar a roupa suja* e acentuar ainda mais as diferenças que a marcaram quando conviviam juntas. A explosão leva então à conclusão de que nunca vai haver o entendimento familiar e que parente é melhor mantido longe porquê *parente é serpente*.

2.2.9 O homem do braço de ouro(The man with the golden arm)

Filme de Otto Preminger, trilha sonora de Elmer Bernstein. Elenco: Frank Sinatra, Eleanor Parker e a deslumbrante Kim Novak. Frankie Machine (Sinatra) volta da penitenciária e luta para se desvencilhar do vício das picadas e fugir da profissão de carteador profissional. Enfrenta a chantagem emocional da mulher que se finge paralítica numa cadeira de rodas, para tentar segurá-lo e cativar o seu amor, impingindo-lhe a culpa por um acidente de carro, em que Frankie estava bêbado. Frankie se consola com Molly-O (Kim Novak), *pin up girl* de uma boate, onde usa um

deslumbrante vestido longo, negro, com enfeites prateados, que lhe dá um ar de sereia, um *peixeão*. Impressionante a atuação de Frank Sinatra quando interpreta o viciado Frank Machine tentando se livrar da droga, e rolando, tremendo e se contorcendo numa das crises de abstinência.

2.2.10 Bastardos inglórios

Filme de Quentin Tarantino, com Brad Pitt no papel de Aldo Blane, chefe dos Bastardos. Sua atuação lembra muito Marlon Brando quando fez D. Vito Corleone (bochechas infladas). Hans Landa é o frio e calculista detetive que trabalha para os nazistas, caçando judeus escondidos no interior da França, quando da ocupação alemã.

O título é uma expressão dada pelos alemães a um grupo de extermínio de nazistas, formado por judeus americanos, com o intuito de apavorar os alemães com seus métodos violentos: bastão para quebrar os dedos, escalpos, marcação a faca da suástica na testa dos inimigos. Shoshana, a judia que consegue escapar do tiroteio ordenado por Landa, no porão da casa de fazenda e se torna proprietária de um cinema em Paris, onde pretende explodir o seu próprio cinema cheio de nazistas inclusive o alto comando: Hitler, Bormann, Goebbels e outros assassinos estarão na apresentação do filme “O Orgulho da Nação”. Shoshana sonha fritar todos os nazistas, trancando as portas de saída da sala de projeções e incendiar os 350 rolos de filmes de acetato (material quatro vezes mais inflamável do que o papel, e já detalhado em Cinema Paradiso). Insere no meio da projeção um trailer rindo dos judeus e dizendo como vai matá-los todos incendiados na sala trancada que se transforma em arapuca mortal. Maravilhosa a cena em que aparece sua projeção na tela (a esta altura ela após ferir a tiros o oficial apaixonado, é morta pelo mesmo, já agonizante) rindo e mostrando a vingança fantástica que está executando contra aqueles que dizimaram toda a sua família de judeus camponeses. A ficção mostra uma vingança que não houve mas, conhecedores da tragédia nazista, chegamos a torcer para que tudo fosse verdade e tivesse acontecido mesmo. Outra magia do cinema: nos ajudar a realizar desejos secretos mesmo sabendo que é ficção.

2.2.11 O grande Gatsby

O filme descreve magistralmente o *way of life* dos ricos americanos situados na west egg ou na east egg (na verdade denominações em função do outdoor que mostra um óculos cujas lentes lembram ovos), as festas, os smokings e ternos alinhadíssimos, as festas suntuosas, os carros maravilhosos porém uma vida fútil, priorizando apenas as aparências, as demonstrações de poder e riqueza em detrimento dos sentimentos humanos. As festas são suntuosas mas o dono da casa nunca aparece. Parece que tem prazer de proporcionar alegria aos seus convivas mas mantém-se à distância da alegria e do fausto das festas. Aos poucos os motivos são revelados e como sempre envolvem uma grande paixão frustrada.

2.2.12 A história do blues

Uma luxuosa produção executiva de ninguém menos que Martin Scorsese em 8 CDs. Cada um abordando uma temática e com um diretor diferente.

Vamos à sinopse: “Em 7.2.2003, renomados artistas de vários gêneros e gerações comandaram o palco da Radio City Music Hall de Nova York, para prestar uma homenagem e um tributo à paixão de todos: o blues. Artistas lendários das raízes do rock, jazz e até rap uniram seus talentos nesse tributo, um concerto beneficente cuja renda foi destinada à educação musical. O filme recria a

magia daquela noite, combinando astros, entrevistas, ensaios e clipes de arquivo de alguns dos maiores nomes da música mundial, desde os reis do blues como Buddy Guy e B.B. King até seus herdeiros, de John Fogerty e Bonnie Raitt a Mos Def e India Arie”.

Traz performances de B. B. King, Robert Cray, Solomon Burke, Clarence Gatemouth (boca de portão) Brown, Bonnie Raith, Natalie Cole, Robert Cray, Buddy Guy, John Forgety, Macy Gray e muitos outros mais.

Da minha observação pessoal dessa coletânea fabulosa, que repousa em cima da minha cristaleira centenária de imbuia, pude compreender como nasceu o blues no Delta do Mississípi, como os negros recolhiam instrumentos quebrados no lixo e os recuperavam ou adaptavam por não ter recursos para comprar novos e deixar fluir a sua verve musical: aquilo que já percorria suas veias e eles nem tinham consciência que fariam nascer um gênero musical que iria atravessar muitas gerações e gerar grandes talentos. As danças das negras, seja nas igrejas, nas festas ou mesmo em lugares públicos eram de uma pureza e energia contagiantes. Não tinham o menor pejo de chacoalhar suas muito bem fornidas cochas e nádegas, de olhos fechados, numa entrega total ao ritmo, deixando que este penetrasse suas entranhas, extravasando seus sentimentos de intensa alegria pura e felicidade genuína e fazendo com que esquecessem suas dores, suas vidas miseráveis e sem horizonte. Desde um negro cego que ponteava um instrumento tosco e pobre, em plena rua, até os primeiros *crooners* que se apresentavam nas vendas, que nem como bares poderiam ser classificados. O filme “Ray” sobre a vida de Ray Charles, mostra bem isso. No fundo de um armazém um negro dedilha um piano velho e o menino Ray, com seus cinco seis anos, antes da cegueira, já se deslumbrava com aquele som e, depois de ser enxotado várias vezes, tanto insistiu que conseguiu se sentar na banquetta e dar vazão ao enorme talento, que já estava latente nas suas veias. Por esses filmes a gente percebe que a música se fazia presente nas pessoas, no seu dia a dia, na igreja quando a extravasavam cantando e dançando como se estivessem possuídos por uma força e um poder sobrenatural. Isso é a essência do *soul*, a música que brota de dentro da alma dos cantores negros, que mesmo amadoristicamente já exibiam o instrumento gutural potente com que foram dotados generosamente pela natureza. Você percebe que a música vem lá de dentro, da alma(soul) e um grande exemplo disso é o som gutural que brota da garganta de Milton Nascimento. Outra característica marcante que noto é que esses *cantantes* profissionais ou diletantes não estão preocupados com quem os ouve: parece que cantam para si próprios, para extravasar aquilo que brota do interior e que talvez nem consigam explicar. Eu sinto essa vibração quando ouço uma guitarra, onde o músico arranca aqueles acordes longos, eu diria notas pontiagudas e prolongadas e isto me leva ao êxtase, mesmo sem ter nenhum conhecimento ou habilidade musical, e acompanho essa nota comprida à moda dos instrumentistas que quando tocam fazem o *som de boca*. Observem atentamente esses músicos e notem que eles *fazem* os acordes na boca que vão passando para as cordas. Tim Maia tinha essa capacidade de fazer um arranjo todinho *de boca*, pois não conhecia uma nota musical. E que arranjos!!!!!! Muitas vezes minha reação é dançar sozinho mesmo ou se estiver assistindo um espetáculo não consigo ficar sentado ou parado na cadeira. Se a situação permitir me levanto e me deixo contagiar pelo ritmo inebriante da música. Sentindo o irresistível chamado puxo a companheira para dançar em qualquer ambiente, mesmo que não tenha ninguém dançando. Uma vez vi o Marcos Boi, músico sorocabano que já citei tocando um blues muito lento. Levei a Carol para o meio da sala e, ela fissurada no B.B. King me acompanhou numa dança de movimentos lentíssimos deixando fluir para o corpo os acordes do talentoso Marcos Boi que após ver nossa performance nos cumprimentou e disse que nunca tinha presenciado um casal dançar uma música executada por ele com tanta entrega e sentimento.

Pesquei no filme uma história deliciosa contada por Buddy Guy. Ele morava na Louisiana onde havia muitos mosquitos. E dos gigantes. Sua mãe aparecia esbravejando na sala, tocando os mosquitões com um pano e perguntando quem tinha tirado os elásticos dos mosquiteiros das janelas. Era o garoto Buddy que os roubava para fazer uma guitarra com latas, os elásticos surrupiados e pedaços de cana de açúcar. Bota criatividade e vontade de tocar nisso.

Capítulo 3

Literatura e Outros Escritos

3.1 A fogueira das vaidades

Esta obra literária de Tom Wolfe, prefaciada por ninguém menos que Paulo Francis, que diz que essa obra mudou a natureza dos romances americanos. Mostra o mundo dourado e glamuroso dos “yuppies” nova iorquinos, operadores de Wall Street cujo símbolo é o enorme touro e sua força reprodutora, valentia e ousadia. Define tais personagens como de “alta wattagem social”. Assim é o mercado de capitais onde na mesma velocidade que se constroem fortunas, fama e sucesso também se destroem fortunas e reputações, e faz uma alegoria de seus atores que hoje estão no alto do “pau de sebo” mas podem a qualquer momento escorregar vertiginosamente para o mesmo ponto de onde iniciaram a escalada: o chão, o solo onde vão rastejar saudosos dos tempos de bonança e fausto. Curioso que eu não sabia da existência do pau de sebo na cultura americana. Achava que era coisa caipira, só nossa.

Na história, Shermann Mc Coy trabalha num banco internacional de investimentos que ocupa nada menos do que 5 andares de um luxuoso prédio comercial em plena Wall Street. Faça-nha que não é para poucos mortais pois a maioria de seus operadores trabalha em pequenas salas alugadas. O filme é carregado de ironias e vocês já devem ter percebido a minha predileção por elas.

Shermann exemplifica muito bem o “yuppie” realizado à custa do sucesso na carreira profissional como operador da bolsa mais famosa e importante do mundo. Mora na Park Avenue, tem uma bela esposa, filha que estuda em colégio tradicional e de quebra uma amante estonteante. Tem uma Mercedes esportiva mas, quando vai à uma festa a apenas alguns quarteirões de sua residência, que poderiam ser vencidos a pé em poucos minutos, e aí vem a ironia: aluga uma limusine para chegar em grande estilo. As mulheres são descritas como “raio x ambulante” pois de tanto malhar seus decotes mostram os ossos que saltam à vista e ainda faz a ferina observação de que se colocasse um prumo na parte posterior da cabeça das mulheres, a parte de baixo do pêndulo não resvalaria na respectiva bunda, por falta de recheio. Mais ferinamente ainda critica o “american way of life” que só aceita a casta especial que ele cunhou de WASPs: White, anglo saxão e protestante. Os negros e amarelos são párias, a escória. Shermann se envolve em um acidente de automóvel, quando enlevado com a companhia da estonteante amante, também casada, cai por engano em uma zona perigosa do Bronx onde atropela fatalmente um garoto negro que salta à frente de seu carro esportivo. Tudo desmorona naquela vida de sonhos, a verdadeira “Fogueira das Vaidades” e começa aí a queda vertiginosa do pau de sebo. Parcelas altíssimas do financiamento do luxuoso apartamento na Park Avenue, a mais exclusiva das avenidas nova iorquinas, onde morou inclusive o beattle John Lennon,

o carro esportivo financiado mais escola particular da filha, despesas de condomínio, academia, roupas de grife e vida de luxo da mulher somados à um processo criminal marcam a derrocada do antes próspero e bem sucedido operador de obrigações de Wall street. Wolfe descreve também magistralmente a rotina dentro dos corredores do Fórum Criminal da temida Justiça americana. Interessante quando um advogado orienta um cliente para se apresentar perante o juiz. Esse rapaz, que não tem ocupação e vive às custas das mesadas da mãe se apresenta no escritório com um par de tênis estalando de novo, agasalho de grife com a indefectível touca enterrada na cabeça, topete erguido e com um andar bamboleante que Wolfe descreve como “ginga de cafetão”. O advogado o faz caminhar dentro da sala e analisando sua performance o faz ver que com aquele figurino assim que adentrasse a sala do júri já estaria condenado. Muda então o seu figurino radicalmente e o faz treinar a andar com as mãos entrelaçadas nas costas para eliminar a “ginga de cafetão” e entrar de cabeça abaixada para passar ao julgador a imagem de menino pobre do gueto, humilde e marginalizado, vítima do sistema, digno de pena. Tom Wolfe aborda ainda o poder das Igrejas que mantém seu reinado à custa dos mais pobres, à exemplo da série *GreenLeaf* da Netflix. A mãe do garoto de posse da placa do carro que atropelou e matou seu filho procura o reverendo Bacon de uma dessas igrejas e este se aproveita do episódio para cutucar a sociedade, o prefeito e o poder da supremacia branca. Wolfe critica ainda o sistema habitacional, com a dificuldade dos mais pobres em obter moradia e hoje, conhecendo a história de Donald Trump que herdou do pai milhares de unidades residenciais com fins locatícios e que, à priori desprezava os cadastros dos candidatos negros e não WASPs. Não sei se é intencional mas na época em que escreveu o livro Trump já era o rei desse mercado lucrativo. Enfim, descreve com grande lucidez tanto a vida do gueto quanto a vida glamorosa e fútil na famosa Tribeca: *The Triangle Behind the Chanel*.

Tom Wolfe chama pessoas dúbias de morcegos e explica a origem da alcunha: Os morcegos durante uma guerra entre os mamíferos e os pássaros declarou-se mamífero porquê tem dentes e ficou do lado dos que estavam ganhando a guerra. Quando os pássaros começaram a ganhar a guerra o morcego se declarou um deles porquê tinha asas e sabia voar. Por isso não sai durante o dia para que ninguém descubra a dualidade da sua formação genética. Ou seja: não quer que ninguém veja as suas duas máscaras.

3.2 Frases epistolares

De todos os livros que li, e alguns fiz até resenhas pelo puro prazer de registrar aquilo que me impressionou naquele momento da leitura. Dessas leituras somando-se à leitura regular e quase religiosa da revista *Veja* há mais de cinquenta anos fui pinçando frases que, parafraseando Millor Fernandes, considero como *definições definitivas*. Vamos lá:

ABRAHM LINCOLN

- 1) Pode-se enganar alguns por muito tempo ou todos por algum tempo. Não se pode enganar todos por todo o tempo

ADAM SMITH

- 1) Em condições de absoluta harmonia e entendimento nunca se viu dois cães trocarem seus respectivos ossos

ANTONIO CARLOS JOBIM

- 1) A cerveja locupleta os vazios da alma.

- 2) É preciso lutar pela adequada perfusão dos corpos cavernosos.
- 3) Cada canção com nome de mulher que fiz foi uma moça que eu não comi.
- 4) Troco qualquer sinfonia de Beethoven por uma boa ereção.
- 5) O sucesso gera o antagonismo.

Curiosidades sobre o personagem Tom Jobim:

Lígia, título da famosa canção não foi uma paixão que inspirou a composição mas uma mulher cuja beleza o impressionou bem como os demais frequentadores do Veloso (depois Garota de Ipanema) e acabou se casando com Fernando Sabino, o escritor. Ainda nesta canção Tom usa a linguagem da negação que se transforma em afirmação: “Eu nunca sonhei com você, nunca fui ao cinema, não gosto de samba, não vou a Ipanema, não gosto de chuva, nem gosto de sol. Eu nunca quis tê-la ao meu lado num fim de semana um chopp gelado em Copacabana, andar pela praia até o Leblon”.....

FRANK SINATRA

- 1) Noventa por cento de tudo que ganhei gastei com jogo, mulheres e bebidas. Os dez por cento restantes ficaram para o garçom.
- 2) Ava Gardner é o mais belo animal sobre a face da terra.
- 3) Só se vive uma vez na vida mas, da maneira como vivo, uma só vez basta. (O Degas aqui concorda em gênero, número e grau)

TIM MAIA

- 1) Não bebo, não cheiro e não fumo, mas, às vezes, minto um pouquinho.
- 2) A minha cornitude existencial me inspirou a fazer algumas das minhas melhores canções. (A frase original é de Antonio Maria)

JORGE AMADO

- 1) É impossível comer todas as mulheres do mundo, mas deve-se fazer uma tentativa.

EISENHOWER

- 1) O mundo pertence aos otimistas. Os pessimistas são meros espectadores.

ÉLIO GASPARI

- 1) Havia mais gente comendo o bolo do que amassando a farinha.

GERALDO ALCKMIN

- 1) A esperteza demais come o esperto

ROBERTO CAMPOS

- 1) Se tivesse escrito um capítulo amoroso teria apenas uma frase: Nunca fui veado. E uma nota de rodapé: Nem atleta sexual.

VICTOR HUGO

- 1) Amar outra pessoa é como ver a face de Deus. O amor é o jardim dos jovens.

MÁRIO DE ANDRADE

- 1) As pessoas não debatem conteúdos, apenas os rótulos. Tenho pressa. Quero a essência.

NÉLIDA PIÑON

- 1) Sobre Lili Marinho: Ela dosava ironia e inteligência. Tinha elegância moral

NELSON RODRIGUES

- 1) Só o gênio enxerga o óbvio.

MÁRIO COVAS

- 1) Não são todos os políticos que são malandros. Todos malandros é que são iguais.
- 2) Ovo de galinha tem muito mais valor que ovo de ganso. Mas é por causa do estardalhaço que a galinha faz ao por o seu ovo. (Uma referência a certos políticos que quase nada realizam mas fazem um barulhão danado para parecer que fizeram muita coisa)

PERRY WHITE

- 1) O homem é um animal político mas, o homem político é um animal.

DOUTEL DE ANDRADE

- 1) Maluco é igual relógio parado. Duas vezes por dia está certo.

AUGUSTO BOAL – em Tempo de Guerra

- 1) Paz na terra aos homens de boas maneiras

ANÔNIMOS

- 1) É difícil ensinar truque novo prá cachorro velho.
- 2) O dinheiro só é bom quando não faz falta.
- 3) É o mesmo que economizar palito de dentes em banquete.
- 4) Si hay pasteles de carne, pero no hay carne, alguna cosa lo hay.
- 5) Se cabritos tem para vender e cabras não tem, de algum lugar vem.
- 6) Os homens usam o casamento para obter o sexo. Já as mulheres usam o sexo para obter o casamento.
- 7) O casamento é o único tipo de guerra em que você dorme com o inimigo.
- 8) Sou como arroz branco, sirvo apenas para dar mais destaque a pratos mais requintados.

- 9) Sorriso de gato que acabou de comer o canário.
- 10) É tão difícil quanto pesar sapos em uma balança.
- 11) Antes eu não era perfeito: faltava-me a modéstia.
- 12) Discurso tem que ser igual a vestido: nem curto que escandalize e nem longo que entristeça.
- 13) Ele quer bancar o Tiradentes com o nosso pescoço.
- 14) O gato que persegue dois ratos fica sem nenhum.
- 15) Primeiro ponha o cérebro para pensar. Depois a língua para funcionar.
- 16) Quem monta no lombo do tigre acaba dentro da barriga do bicho.
- 17) Se pensar, não fale. Se falar, não escreva. Se escrever não assine. Se pensar, falar, escrever e assinar depois não se surpreenda.
- 18) Ranieri Mazilli era igual absorvente: Estava no melhor lugar nos piores dias, afim de evitar derramamento de sangue.

3.3 Textos garimpados aleatoriamente

Quando vejo e leio um texto que me impressiona, trato logo de registrá-lo em meus manuscritos e arquivos, mesmo sabendo que talvez nem tenha a oportunidade de comentar ou ler para alguém mas, mesmo assim tenho dó de deixá-lo perdido e esquecido. Seguem alguns desse registros:

GLORINHA KALIL: SER CHIQUE

Interessante que *chique* pronunciado aqui em Salto bem acaipirado virou moda, mas de tanto ser usado para coisas bobas se tornou até meio banal e saturado.

Mas Glorinha o redefine e o coloca no seu merecido pedestal. Vamos lá:

Nunca o termo chique foi tão usado para qualificar pessoas como nos dias de hoje.

A verdade é que ninguém é chique por decreto. E algumas coisas da vida, infelizmente não estão à venda. Elegância é uma delas.

Assim, para ser chique é preciso muito mais que um guarda-roupa ou closet recheado de grifes famosas e importadas. Muito mais que um belo carro italiano.

O que faz uma pessoa chique não é o que essa pessoa usa mas a forma como ela se comporta perante a vida.

Chique mesmo é ser discreto.

Quem não procura chamar a atenção com suas risadas muito altas, nem por seus imensos decotes e nem precisa contar vantagens, mesmo quando estas são verdadeiras.

Chique é atrair, mesmo sem querer, todos os olhares, porque se tem brilho próprio.

Chique mesmo é ser discreto, não fazer perguntas ou insinuações inoportunas, nem procurar saber o que não é da sua conta.

Chique é evitar se deixar levar pela mania nacional de jogar lixo na rua.

Chique mesmo é dar Bom Dia ao porteiro do seu prédio e às pessoas que estão no elevador.

Chique é lembrar-se do aniversário dos amigos.

Chique mesmo é não se exceder jamais!

Nem na bebida, nem na comida, nem na maneira de se vestir.

Chique mesmo é olhar nos olhos do seu interlocutor.

Chique mesmo é desligar o “radar”, o “telefone”, quando estiver sentado na mesa do restaurante, prestar verdadeira atenção aos seus companheiros.

Chique mesmo é honrar a sua palavra, ser grato a quem o ajuda, correto com quem você se relaciona e honesto nos seus negócios.

Chique mesmo é não fazer a menor questão de aparecer, ainda que você seja o homenageado da noite.

Chique do chique é não se iludir com “trocentas” plásticas mesmo quando não se pretende corrigir o caráter: não há plástica que salve grosseria, incompetência, mentira, fraude, agressão, intolerância, ateísmo. falsidade.

Mas, para ser chique, chique mesmo, você tem, antes de tudo, de se lembrar sempre de o quão breve é a vida e de que, ao final e ao cabo, vamos todos terminar da mesma maneira, mortos sem levar nada material deste mundo.

Portanto não gaste sua energia com o que não tem valor, não desperdice as pessoas interessantes com quem se encontrar e não aceite, em hipótese alguma, fazer qualquer coisa que não lhe faça bem, que não seja correta.

Lembre-se: o diabo parece chique, mas o inferno não tem qualquer glamour!

Porquê, no final das contas, chique mesmo é crer em Deus!

Investir em conhecimento pode nos tornar sábios. mas, Amor e Fé nos tornam humanos.

MAX GERINGERHER

O consultor especializado em relações do trabalho e que apresentou quadros inseridos na programação da Globo, faz uma análise perfeita do ambiente de trabalho, seus desdobramentos, seus erros e falhas e enfim traça um diagnóstico dessa área tão importante e do inter-relacionamento entre os profissionais que gravitam numa mesma órbita dentro de uma empresa, o que gera ciúmes, competição e rasteiras sem entrar na seara do assédio sexual ou assédio corporativo como prevalência e ditadura dos chefes sobre os seus subordinados. O texto a seguir é uma mostra elaborada num jogo de palavras que recria esse tenso ambiente de trabalho.

Em empresas, cada um é cada um

Para cada um que explica, tem um que não entende.

Para cada um que tem certeza, tem um que diz: depende.

Para cada um que é grato, tem um que só reclama.

Para cada um que se esforça, tem um que vive da fama.

Para cada um que acelera, tem um que pisa no freio.

Para cada um que aposta, tem um coluna do meio.

Para cada um que pensa, tem um que pensa que pensa.

Para cada um que aceita crítica, tem um que acha ofensa.

Para cada um que cumprimenta, tem um que não responde.

Para cada um que se expõe, tem um que se esconde.

Para cada um que elogia, tem um que censura.

Para cada um que empurra, tem um que segura.

Para cada um que acredita, tem um que duvida.
Para cada um com objetivo, tem um com objeção.
Para cada um que fala, tem um que pede por escrito.
Para cada um com iniciativa, tem um propondo reunião.
Para cada um procurando consenso, tem um procurando atrito.
Para cada um que se arrisca, tem um que se intimida.
Para cada um que é claro, tem um que faz salameleque.
Para cada um que segue em frente, tem um que pede feed back.
Para cada um com foco, tem um que muda de tema.
Para cada um que vê a solução, tem um que só vê problema.
Para cada um que tenta, tem um que diz que vai dar errado.
Para cada um que erra, tem um que diz que já tinha avisado.

Eu, que vivi muito nesses ambientes de trabalho confesso que nunca vi uma definição tão ampla e tão elucidativa do meio corporativo. Me debati muito com idéias, tentei implantar novidades e sempre briguei muito, talvez até venha daí o fato de não ter galgado cargos mais altos. Além de briguento e encenqueiro sempre fui avesso ao “puxa saquismo” mas tenho comigo a certeza de que por onde passei deixei um legado. Foram os meninos que formei, conforme já foi narrado, que passei todos os meus conhecimentos sem medo de sombra ou competição. Nunca deixei de ensinar o *pulo do gato*. Conforme conta a lenda a onça pediu ao gato que ensinasse os seus pulos para ela, que na verdade queria aprender todos para comer o gato mas, este os ensinou menos um. Quando ela quis dar o bote final o gato deu um pulo novo, que ela não conhecia. Disse para o gato: mas esse você não me ensinou. O gato respondeu: eu já sabia das suas intenções por isso não ensinei o *pulo do gato*.

Tenho um orgulho muito grande de ter tirado esses garotos das posições mais desimportantes na escala hierárquica das empresas e alçá-los em muito pouco tempo a figuras de destaque dentro daquelas empresas. Alguns eram simples *office boys*, outro era aprendiz de mecânico mas eu enxerguei qualidades nessas pessoas e os tirei do obscurantismo e consegui lhes dar relevância e mesmo uma profissão como o caso que narrei do Haroldo que, de office boy rejeitado, hoje é um auditor em empresa multinacional.

Todas essas idiossincrasias que o Max Geringher descreve magistralmente nesse texto, espelham as dificuldades que encontrei nas empresas brigando e encarando colegas ciumentos, mentes pessimistas e conservadoras, avessas a mudanças. Cheguei a brigar até com os donos das empresas ou seus diretores, superiores a mim, para impor pontos de vista que sempre defendi ardorosamente. Hoje olho para trás e vejo e entendo o porquê dessa luta com mentes defasadas e desatualizadas e não me arrependo de ter dado murros em ponta de faca para fazer valer os meus objetivos.

TEXTO DE MADRE TEREZA DE CALCUTÁ

Muitas vezes as pessoas são egocêntricas, ilógicas e insensatas.
Perdoe-as assim mesmo.
Se você é gentil, as pessoas podem acusá-lo de egoísta e interesseiro.
Seja gentil assim mesmo.
Se você é um vencedor, terá alguns falsos amigos e alguns inimigos verdadeiros.
Vença assim mesmo.
Se você é honesto e franco as pessoas podem enganá-lo.
Seja honesto assim mesmo.
O que você levou anos para construir, alguém pode destruir de uma hora para outra.

Construa assim mesmo.
 Se você tem Paz, é Feliz, as pessoas podem sentir inveja.
 Seja Feliz assim mesmo.
 Dê ao mundo o melhor de você, mas isso pode nunca ser o bastante.
 Dê o melhor de você assim mesmo.
 Veja você que no final das contas, é entre você e Deus.
 Nunca foi entre você e as outras pessoas.

TEXTO QUE NÃO ME LEMBRO A AUTORIA:

PARA REFLETIR: NÃO É COMIGO

Esta é uma história sobre 4 personagens:

Todo Mundo, Alguém, Qualquer Um e Ninguém.
 Havia um importante e urgente trabalho a ser feito.
 Todo Mundo tinha certeza que Alguém o faria.
 Qualquer Um poderia tê-lo feito mas Ninguém o fez.
 Alguém zangou-se porque era um trabalho de Todo Mundo.
 Todo Mundo pensou que Qualquer Um poderia fazê-lo
 Ao final Todo Mundo culpou Alguém quando
 Ninguém fez o que Qualquer Um poderia e deveria ter feito.

TEXTO QUE ME FOI ENVIADO POR UMA GRANDE AMIGA DE CÉU AZUL-PR, ROSA ROTHER em 1/7/80

A felicidade é o único bem,
 O lugar para ser feliz é aqui,
 O tempo para ser feliz é agora,
 A maneira de ser feliz é ajudar
 Os demais a serem felizes.

O TEXTO A SEGUIR É DE AUTORIA DO DEGAS AQUI, EM SUAS DIVAGAÇÕES MISTURANDO BOTÂNICA COM ALMA, RAÍZES COM PENSAMENTOS:

A simetria entre as plantas e a nossa alma

As árvores tem simetria entre a copa e as suas raízes. Assim sendo onde houver uma ponta de um galho uma raiz o estará acompanhando por debaixo da terra. Ou seja se pudéssemos virar a árvore de ponta cabeça o perímetro de suas raízes seria exatamente igual ao perímetro da copa.

A natureza, sabiamente, criou as árvores dessa forma para que haja uma sustentação pelas raízes de toda a copa e também para que as pontas das raízes captem água para as pontas dos galhos simetricamente.

A aura de cada pessoa também tem simetria com a alma e o coração dessa pessoa.

Quando você rega uma árvore você joga água diretamente nas suas raízes e este regar vai alimentar as folhas que vão produzir flores e frutos.

Assim sendo, seguindo o exemplo da natureza se você regar a sua alma e seu coração com pensamentos bons, com amor e com compreensão você estará alimentando a sua aura.

A sua aura vai resplandecer, vai brilhar muito porquê as suas raízes, assim como as das árvores estarão bem alimentadas, bem regadas com bons sentimentos, com pureza no coração, com o perdão sempre concedido.

A FELICIDADE E O TEMPO (Anônimo)

O meu nome é Felicidade, sou casada com o Tempo
Ele é a solução de todos os problemas
Ele constrói corações, ele cura machucados, ele vence a tristeza.
Juntos, eu e o Tempo tivemos três filhos:
A Amizade, a Sabedoria e o Amor.
A Amizade brilha como o Sol.
A Amizade une as pessoas sem nunca ferir, mas sempre consolar.
A filha do meio é a Sabedoria: culta, íntegra,
sempre foi mais apegada ao pai: o Tempo.
A Sabedoria e o Tempo andam sempre juntos.
O filho caçula é o Amor.
Ah, como esse me dá trabalho: é teimoso, às vezes só quer morar em um lugar.
Eu vivo dizendo Amor,
você foi feito para morar em todos os corações, não em apenas um.
O Amor é complexo mas é lindo, muito lindo!
Quando Ele começa a fazer estragos eu chamo logo o pai dele, o Tempo,
E aí o Tempo vem fechando todas as feridas que o Amor abriu.
E tudo, no final, sempre dá certo,
se ainda não deu é porque ninguém chegou ao final!
Por isso, acredite sempre na Família, acredite no Tempo,
na Amizade, na Sabedoria e no Amor.
Quem sabe eu, a Felicidade não bato à sua porta?????????
Palavra de hoje: Tempo, tudo no Tempo de Deus e não no nosso.

FILHO PREDILETO – ERMA BOMBECK

Certa vez perguntaram à uma mãe qual era o seu filho predileto,
aquele que ela mais amava;
E ela, deixando entrever um sorriso, respondeu:
Nada é mais volúvel que um coração de MÃE;
E como MÃE, lhe respondo:
O Filho predileto
É aquele a quem me dedico de corpo e alma é o doente até que sare;
O que partiu, até que volte;
O que está cansado, até que descanse
O que está com fome até que se alimente;
O que está com sede, até que beba;
O que estuda, até que aprenda;
O que está com sede, até que beba;
O que estuda, até que aprenda;
O que está com frio até que se agasalhe;
O que não trabalhe, até que se empregue;
O que namora, até que case;
O que casa, até que conviva;
O que é Pai, até que crie;
O que prometeu, até que cumpra;

O que deve, até que pague;
O que chora, até que cale;
E já com o semblante bem distante daquele sorriso completou:
O que já me deixou..... Até que o reencontre.

Chico Xavier

Que DEUS não permita que eu perca o ROMANTISMO
Mesmo eu sabendo que as rosas não falam
Que eu não perca o OTIMISMO
Mesmo sabendo que o futuro que nos espera não é assim tão alegre
Que eu não perca a VONTADE DE VIVER
Mesmo sabendo que a VIDA, é em muitos momentos dolorosa;
Que eu não perca a vontade de TER GRANDES AMIGOS,
Mesmo sabendo que, com as voltas do mundo
Estes acabam indo embora de nossas vidas
Que eu não perca a vontade de AJUDAR AS PESSOAS
Mesmo sabendo que muitas delas são incapazes de ver,
reconhecer e retribuir essa ajuda.
Que eu não perca o EQUILÍBRIO
Mesmo sabendo que inúmeras forças querem que eu caia
Que eu não perca a VONTADE DE AMAR
Mesmo sabendo que a pessoa que eu mais amo,
Pode não sentir o mesmo sentimento por mim
Que eu não perca a LUZ e o BRILHO NO OLHAR
Mesmo sabendo que muitas coisas que verei no mundo,
Escurecerão meus olhos.....
Que eu não perca a GARRA
Mesmo sabendo que a derrota e a perda
São dois adversários extremamente perigosos
Que não perca a RAZÃO
Mesmo sabendo que as tentações da vida são inúmeras e deliciosas
Que eu não perca o SENTIMENTO DE JUSTIÇA
Mesmo sabendo que o prejudicado possa ser eu
Que eu não perca o meu FORTE ABRAÇO
Mesmo sabendo que um dia meus braços estarão fracos
Que eu não perca a BELEZA E A ALEGRIA DE VER
Mesmo sabendo que muitas lágrimas brotarão dos meus olhos
E escorrerão por minha alma.....
Que eu não perca o AMOR POR MINHA FAMÍLIA
Mesmo sabendo que muitas vezes me exigiria
Esforços incríveis para manter a sua HARMONIA
Que eu não perca a vontade de doar este ENORME AMOR
Que existe em meu coração
Mesmo sabendo que muitas vezes ele será submetido e até rejeitado
Que eu não perca a vontade de ser GRANDE
Mesmo sabendo que o mundo é pequeno
E acima de tudo.....

Que eu jamais esqueça que deus me ama infinitamente
Que um pequeno grão de alegria e esperança dentro de cada um
É capaz de mudar e transformar qualquer coisa, pois.....
A vida é construída nos sonhos
E concretizada no amor.

AMOROSAMENTE,

Francisco Cândido Xavier